



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO**  
**PRÓ -REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUEOLOGIA**

**MARIA ALDA DA SILVA BRAGA**

**CAMINHOS DA MEMÓRIA: SEGUINDO AS COISAS DO ANTIGO ZABELÊ**  
**NA PERSPECTIVA DA ARQUEOLOGIA DO PRESENTE**

**SÃO RAIMUNDO NONATO-PI**

**2024**

**MARIA ALDA DA SILVA BRAGA**

**CAMINHOS DA MEMÓRIA: SEGUINDO AS COISAS DO ANTIGO ZABELÊ  
NA PERSPECTIVA DA ARQUEOLOGIA DO PRESENTE**

Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Arqueologia da Universidade Federal do Vale do São Francisco – UNIVASF, Campus Serra da Capivara, como requisito para obtenção do título de Mestre em Arqueologia.

Orientador: Leandro Elias Canaan Mageste.

**SÃO RAIMUNDO NONATO-PI**

**2024**

Braga, Maria Alda da Silva

B813c Caminhos da memória: seguindo as coisas do Antigo Zabelê na perspectiva da Arqueologia do Presente / Maria Alda da Silva Braga. – São Raimundo Nonato - PI, 2024.

203 f.: il.

Dissertação (Mestrado em Arqueologia) - Universidade Federal do Vale do São Francisco, Campus Serra da Capivara, São Raimundo Nonato, 2024.

Orientador: Prof. Dr. Leandro Elias Canaan Mageste.

1. Arqueologia do presente. 2. Lugares de memória. 3. Etnografia arqueológica. 4. Antigo Zabelê – São Raimundo Nonato – Piauí. I. Mageste, Leandro Elias Canaan. II. Título. III. Universidade Federal do Vale do São Francisco.

CDD 930.1

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO**  
**PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA**  
**PROGRAMA PÓS- GRADUAÇÃO EM ARQUEOLOGIA**

**FOLHA DE APROVAÇÃO PARA DISSERTAÇÃO**

**MARIA ALDA DA SILVA BRAGA**

**CAMINHOS DA MEMÓRIA: SEGUINDO AS COISAS DO ANTIGO ZABELÊ**  
**NA PERSPECTIVA DA ARQUEOLOGIA DO PRESENTE**

Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Arqueologia da Universidade Federal do Vale do São Francisco – UNIVASF, Campus Serra da Capivara, como requisito para obtenção do título de Mestre em Arqueologia.

**APROVADO EM: 26/09/2024**

**BANCA EXAMINADORA**

Documento assinado digitalmente  
 **LEANDRO ELIAS CANAAN MAGESTE**  
Data: 31/10/2024 15:34:27-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

**Prof. Dr. Leandro Elias Canaan Mageste (UNIVASF)- Orientador**

Documento assinado digitalmente  
 **VANESSA LINKE SALVIO**  
Data: 31/10/2024 17:16:16-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

**Prof. Dra. Vanessa Linke Salvio (UNIVASF)**

Documento assinado digitalmente  
 **ALENCAR DE MIRANDA AMARAL**  
Data: 31/10/2024 16:14:45-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

**Prof. Dr. Alencar de Miranda Amaral (UNIVASF)**

Documento assinado digitalmente  
 **ROSEMARY APARECIDA CARDOSO**  
Data: 31/10/2024 15:47:16-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

**Prof. Dra. Rosemary Aparecida Cardoso (UFPE)**

Dedico este título para aqueles que primeiro me deram o título de filha, Zenaide da Silva Braga e Eronildes Santana Braga. Que me resgataram e me ensinaram a chegar no caminho da educação. Dedico também a minha tia Zenair da Silva Oliveira (in memoriam), que me viu crescer e me deu a minha primeira mochila quando entrei na graduação. Hoje essa mochila é uma das minhas coisas afetivas.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar a Deus, que é a base principal que guia minha vida, pois sem Ele nada disso seria possível. A frase: “Filho, eu vou honrar a sua descendência e onde colocar as mãos prosperarei”, é a tradução do que o Senhor tem feito, me guiando e guardando a minha vida. Assim, me levando para lugares onde eu nem imaginava um dia chegar.

Em segundo lugar, agradeço às duas pessoas mais importantes da minha vida, aos meus pais Zenaide Braga e Eronildes Braga. A vida me levou para os braços de vocês quando eu ainda era um bebê, por isso eu agradeço todos os dias a Deus por ter me colocado em um lar que recebi todo amor do mundo. Vocês fizeram o possível e o impossível para que eu pudesse crescer e ter meus estudos. Mãe, a senhora é o meu maior exemplo de vida. Pai, obrigada por todo o seu apoio para fazer esse mestrado. Amo vocês para sempre.

Agradeço aos meus irmãos: Lêda, Lane, João Neto e Leno, por serem uma base de apoio e amizade. Agradeço aos meus sobrinhos: Bárbara Cibelly, Fernanda, Maria do Carmo, Lara Stefanny e Eronildes Neto, pelos momentos de risadas e memórias compartilhadas. Amo vocês.

Agradeço a minha tia, Zenair da Silva Oliveira (*in memoriam*), por todo apoio e carinho. Ela sem dúvidas, foi uma das pessoas que mais torceu por mim, que saía contando para todo mundo, com o maior orgulho, que eu agora estava no mestrado e ganhava uma bolsa. Que sempre me dizia: “Minha filha, estude”. Sinto sua falta tia, queria que você pudesse ter presenciado a concretização de mais uma etapa na minha vida. Perder a senhora foi um dos traumas que tive que carregar durante esse processo de conclusão do mestrado.

Ao meu irmãozinho do coração, Emerson Neves. Amigo, sua amizade foi uma das melhores coisas que a Arqueologia me proporcionou. Você é aquele que topa tudo, que aguenta minhas loucuras e está sempre presente nos momentos bons e ruins. Os nossos anos estudando juntos na graduação foram incríveis e até hoje continuamos aqui, nada nunca mudou o nosso amor de amigos/irmãos. Obrigada por aguentar meus estresses (kkkkkkkk) pelas risadas, pelas loucuras e por toda ajuda. Estarei sempre presente para o que você precisar. Amo você.

À minha melhor amiga, Angélica Assis. Amiga, você é muito importante na minha vida. Na nossa caminhada dentro e fora da Arqueologia, você sempre esteve ali presente para me ouvir, me ver chorar e me dar os seus conselhos. Mesmo que atualmente estejamos distantes geograficamente e cheias da correria do dia a dia, você sempre dá um jeito de podermos conversar e saber como anda as coisas. Saiba que todo esse carinho e cuidado é recíproco. Eu torço muito pelo seu sucesso na área da Arqueologia. Independentemente de qualquer coisa, eu sempre estarei aqui como um ombro amigo, disponível para rir ou chorar, assim como você sempre esteve para mim. Amo você.

À minha outra melhor amiga, Maria do Rosário. Amiga, você foi a responsável por primeiro me apresentar a história do Zabelê. Foram as linhas traçadas lá no nosso antigo colégio Gercílio Macêdo, que hoje me fazem chegar aqui com esse tema de pesquisa. Você é muito importante para mim! Saiba que eu torço tanto por você Rosarinha, para que você atinja todos os seus objetivos e sonhos. Conte comigo para sempre, amo você.

Aos meus colegas do mestrado, Marildes Sousa, Flávia Vieira e Sidimar Sousa. Passar por esse processo de conclusão de disciplinas e concretização da pesquisa com vocês, tornou mais leve essa jornada. Obrigada pelas ajudas e apoios nesse mestrado. Desejo todo sucesso do mundo para vocês.

Agradeço àquele que sempre acreditou mais em mim do que eu mesma, ele que é o verdadeiro gênio dessa história, meu orientador Leandro Mageste. Professor, como sou grata pelos seus ensinamentos. Vivenciamos esse processo de orientação desde o ano de 2019 e quantas coisas eu aprendi como você, pois, se hoje eu sei fazer uma pesquisa é graças às suas orientações e a paciência que você tem em me ensinar. Além de orientador, você se tornou um amigo! Desejo que outros alunos possam conhecer essa pessoa incrível que você é. Saiba, com toda certeza do mundo que você é minha referência e inspiração dentro da Arqueologia. Amo você. Gratidão por tudo!

Expresso também minha gratidão ao povo do Zabelê, em especial aqueles que colaboraram com a pesquisa: A família Belisário, em nome de Neusa Belisário, Joaquim Belisário e Iana Belisário, que sempre me receberam muito bem em suas casas e estavam sempre dispostos a contribuir. A família Sousa, em nome dona Nanci Sousa e seu Paulo por terem contribuído com essa realização, ao seu Isaías Gonçalves, que também sempre me recebeu em sua casa muito bem, ao seu Abdias Macêdo pela acolhida e histórias contadas. A cada um de vocês, minha eterna gratidão!

Ao programa de Pós-Graduação em Arqueologia (PPArque) e a Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF) e a todos os docentes do colegiado. Em especial, agradeço a professora Gisele Daltrini Felice que sempre esteve disposta a me ajudar e sanar minhas dúvidas. A professora Maria de Fátima Barbosa, que me cedeu uma fotografia que colaborou com os dados coletados para a pesquisa.

A professora Vanessa Linke, que é uma pessoa maravilhosa, solícita e que esteve disponível me ajudar em algumas etapas dessa pesquisa. Muitas coisas no decorrer desta pesquisa mudaram, teoricamente e metodologicamente após as suas aulas, não tenho dúvidas que mesmo estando cheia de inseguranças esse foi o melhor caminho traçado. Gratidão por tudo!

Agradeço também ao professor Alencar Amaral, que acompanha minha trajetória acadêmica desde a graduação e defesa do meu trabalho de conclusão de curso. Com você eu pude aprender muito e tenho muito respeito e admiração pelo pesquisador/professor incrível que você é. Obrigada pelas colaborações e comentários, até mesmo aqueles que me deixam sem saber como responder (KKKKKK). Quero agradecer também a Rosemary Cardoso, muito obrigada pelo carinho e atenção na pesquisa.

Agradeço a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Piauí (FAPEPI).

Á todos muito obrigada!

## MEMÓRIA

Amar o perdido  
deixa confundido  
este coração.

Nada pode o olvido  
contra o sem sentido  
apelo do Não.

As coisas tangíveis  
tornam-se insensíveis  
á palma da mão.

Mas as coisas findas,  
muito mais que lindas,  
essas ficarão.

Carlos Drummond de Andrade.

## RESUMO

Esta pesquisa teve como objetivo seguir os fluxos das coisas na perspectiva da Arqueologia do Presente, provocada pelas histórias e vivências junto aos moradores e descendentes da antiga comunidade chamada Zabelê. Essa localidade foi totalmente desocupada após a criação do Parque Nacional Serra da Capivara, na década de 1980. Somente no final da década de 1990, as pessoas foram reestabelecidas em um novo local, na periferia do município de São Raimundo Nonato, atualmente chamado de Novo Zabelê. Frente a este contexto, busquei identificar caminhos de memórias entre o Antigo e o Novo Zabelê, considerando as trilhas abertas por pessoas, coisas e experiências. Por esse percurso, me inspirei no pensamento de Tim Ingold, abrindo-me para seguir as coisas e observar suas possibilidades de associação na composição de linhas que emaranham narrativas, vivências, tempos e materiais. Desse modo, como objetivo geral, busquei compreender quais são as coisas e memórias que se conectam na construção das narrativas sobre as duas localidades supracitadas, entendendo como essas conexões são constituídas no presente. Para os objetivos específicos, propus fazer um levantamento e caracterização dos itens que ainda (re)existem no Antigo Zabelê, além de compreender como as memórias estão ligadas a essas coisas, contribuindo para identificar quais são os patrimônios dessas pessoas. No que diz respeito às ferramentas utilizadas para desenvolver este trabalho, foram realizadas intervenções de Instalação Etnográfica no escopo de uma Etnografia Arqueológica, de forma que desenvolvi eventos, encontrando-me com as coisas e realizando entrevistas com as pessoas que fizeram parte direta ou indiretamente da comunidade. Com os dados coletados, acredito que as pessoas ainda mantêm essa história local viva dentro de suas memórias e através de algumas culturas materiais que não foram esquecidas e sobrevivem às mudanças e ao tempo, criando outros tipos de relações e significados. São fragmentos de um passado idealizado como bom e familiar, que é atualizado frente às demandas enfrentadas pelo povo Zabelê em seu processo de diáspora e assentamento.

**Palavras-chave:** Arqueologia do Presente, Lugares de memória, Etnografia arqueológica, Antigo Zabelê.

## ABSTRACT

This research aimed to follow the flows of things from the perspective of the present, prompted by the stories and experiences of the residents and descendants of the former community called Zabelê. This locality was completely vacated after the creation of the Serra da Capivara National Park in the 1980s. It was only in the late 1990s that people were resettled in a new location on the outskirts of the municipality of São Raimundo Nonato, now called Novo Zabelê. Given this context, I sought to identify paths of memory between Old Zabelê and New Zabelê, considering the trails opened by people, things, and experiences. Along this path, I drew inspiration from the thought of Tim Ingold, opening myself up to follow things and observe their possibilities for association in the composition of lines that intertwine narratives, experiences, times, and materials. Thus, as a general objective, I sought to understand what things and memories connect in the construction of narratives about the two aforementioned localities, understanding how these connections are constituted in the present. For the specific objectives, I proposed to survey and characterize the items that still (re)exist in Old Zabelê, as well as to understand how memories are linked to these things, contributing to identifying what constitutes the heritage of these people. Regarding the tools used to develop this work, Ethnographic Installation interventions were carried out within the scope of an Archaeological Ethnography, where I developed events, engaged with things, and conducted interviews with people who were directly or indirectly part of the community. With the collected data, I believe that people still keep this local history alive in their memories and through some material cultures that have not been forgotten and have survived changes and time, creating other types of relationships and meanings. These are fragments of a past idealized as good and familiar, which is updated in response to the demands faced by the Zabelê people in their process of diaspora and settlement.

**Keywords:** Present Archaeology, Places of memory, Archaeological ethnography, Ancient Zabelê.

## LISTA DE FIGURAS

|                                                                                     |     |
|-------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| Figura 1: A- Árvore da Maniçoba B- Látex da Maniçoba .....                          | 33  |
| Figura 2: Ave Zabelê .....                                                          | 34  |
| Figura 3: Construções dos Maniçobeiros .....                                        | 35  |
| Figura 4: Toca do Juazeiro da Serra Branca, 1978 .....                              | 36  |
| Figura 5: Comunidade Zabelê.....                                                    | 37  |
| Figura 6: Mapa de localização Antigo Zabelê .....                                   | 39  |
| Figura 7: Comunidade trabalhando na localização dos sítios arqueológicos .....      | 44  |
| Figura 8: Doutor Adalton J. G. Araújo no Zabelê.....                                | 46  |
| Figura 9: Primeiro centro de pesquisas .....                                        | 47  |
| Figura 10: Prédio escolar do Antigo Zabelê .....                                    | 49  |
| Figura 11: Centro Cultural Sergio Motta .....                                       | 50  |
| Figura 12: Mapa de localização do Novo Zabelê.....                                  | 55  |
| Figura 13: Casas do Novo Zabelê .....                                               | 56  |
| Figura 14: Igreja Católica da Comunidade .....                                      | 57  |
| Figura 15: Criação de gado nas roças do Novo Zabelê.....                            | 57  |
| Figura 16: Antiga casinha do Museu Zabelê .....                                     | 58  |
| Figura 17: Parte interna de como era o Museu Zabelê.....                            | 59  |
| Figura 18: Novo Museu Zabelê .....                                                  | 59  |
| Figura 19: Os nós e as Linhas .....                                                 | 74  |
| Figura 20: Convite enviado para os moradores do Novo Zabelê .....                   | 90  |
| Figura 21: Autora Maria Alda Braga apresentando o projeto aos moradores .....       | 91  |
| Figura 22: Participantes da Palestra .....                                          | 92  |
| Figura 23: O senhor Pedro Alcântara falando sobre a sua história com o Zabelê.....  | 92  |
| Figura 24: Apresentação para os alunos do colégio do Novo Zabelê .....              | 93  |
| Figura 25: Banner em exposição no evento junino .....                               | 94  |
| Figura 26: Moradora olhando as fotos expostas no banner.....                        | 95  |
| Figura 27: Exposição do Quadro-Emaranhado na casa de um morador no Novo Zabelê..... | 96  |
| Figura 28: Senhor Paulo Sousa e Senhor Expedito Ferreira observando o quadro.....   | 97  |
| Figura 29: Fase I do quadro com as primeiras coisas .....                           | 101 |
| Figura 30: Fase II do quadro gerando o emaranhado inicial .....                     | 102 |
| Figura 31: Sidimar Sousa.....                                                       | 105 |
| Figura 32: Paulo Sousa .....                                                        | 106 |
| Figura 33: Nanci Sousa.....                                                         | 107 |
| Figura 34: Isáias Gonçalves .....                                                   | 108 |
| Figura 35: Neusa Belisário.....                                                     | 109 |
| Figura 36: Joaquim Belisário .....                                                  | 110 |
| Figura 37: Linha I -O ponto e os nós .....                                          | 113 |
| Figura 38: Casa de roça.....                                                        | 115 |
| Figura 39: Tanque Grande .....                                                      | 116 |
| Figura 40: Paisagem e Casas e Tanque.....                                           | 117 |
| Figura 41: Casa de Pedra .....                                                      | 119 |
| Figura 42: Linha II – Fragmentos da vida no Zabelê.....                             | 120 |
| Figura 43: Pessoas banhando no Tanque Grande .....                                  | 121 |
| Figura 44: Crianças na frente do Tanque Grande .....                                | 122 |
| Figura 45: Neusa Belisário e seu filho .....                                        | 122 |
| Figura 46: Parte do cotidiano das pessoas .....                                     | 123 |

|                                                                     |     |
|---------------------------------------------------------------------|-----|
| Figura 47: Traços da comunidade Zabelê .....                        | 124 |
| Figura 48: Primeira escola do Zabelê .....                          | 125 |
| Figura 49: Segunda escola do Povoado Zabelê.....                    | 126 |
| Figura 50: Corpo docente e alunos da escola do Zabelê .....         | 127 |
| Figura 51: Linha III - Aspectos do Cotidiano .....                  | 128 |
| Figura 52: Festa de Despedida .....                                 | 130 |
| Figura 53: Apresentação do grupo cultural do Reisado .....          | 131 |
| Figura 54: Igreja local .....                                       | 133 |
| Figura 55: Imagem de Nossa Senhora pela comunidade do Zabelê.....   | 134 |
| Figura 56: Nossa Senhora de Fátima .....                            | 135 |
| Figura 57: Linha IV- Celebrações e Religiosidades.....              | 136 |
| Figura 58: Apresentação da Maniçoba e do Fumo.....                  | 140 |
| Figura 59: Pés de laranja I e II .....                              | 141 |
| Figura 60: Pé de laranja III .....                                  | 142 |
| Figura 61: Feira de São Raimundo Nonato, década de 1979 .....       | 142 |
| Figura 62: Linha V- Atividades de Subsistência.....                 | 143 |
| Figura 63: Certificado de Abdias Macêdo .....                       | 160 |
| Figura 64: Pedra de amolar .....                                    | 162 |
| Figura 65: Caixa da Máquina de costura I .....                      | 163 |
| Figura 66: Máquina de costura I - aberta .....                      | 163 |
| Figura 67: Máquina de Costura I .....                               | 164 |
| Figura 68: Baú de madeira.....                                      | 165 |
| Figura 69: Mesa .....                                               | 165 |
| Figura 70: Pedra de Amolar do seu Paulo Sousa .....                 | 167 |
| Figura 71: Monóculos .....                                          | 168 |
| Figura 72: Fogão.....                                               | 169 |
| Figura 73: Cama de Casal .....                                      | 170 |
| Figura 74: Louças .....                                             | 170 |
| Figura 75: Bicicleta.....                                           | 171 |
| Figura 76: Panela I.....                                            | 172 |
| Figura 77: Panela II.....                                           | 173 |
| Figura 78: Cadeira de ferro .....                                   | 173 |
| Figura 79: Máquina de Costura II .....                              | 174 |
| Figura 80: Furadeira Manual .....                                   | 174 |
| Figura 81: Ferrete.....                                             | 174 |
| Figura 82: Serrote .....                                            | 175 |
| Figura 83: Moedor .....                                             | 176 |
| Figura 84: Banca de pote .....                                      | 177 |
| Figura 85: Tamborete.....                                           | 178 |
| Figura 86: Mesa .....                                               | 178 |
| Figura 87: As coisas em linha .....                                 | 180 |
| Figura 88: As coisas em linha II .....                              | 181 |
| Figura 89: Quadro-Emaranhado com as primeiras linhas formadas ..... | 180 |
| Figura 90: Pesquisadores no Antigo Zabelê.....                      | 181 |
| Figura 91: Fazenda Lagoa dos Padres.....                            | 184 |
| Figura 92: Espaços da Fazenda Lagoa dos Padres.....                 | 186 |
| Figura 93: Antiga casa dos Padres .....                             | 186 |
| Figura 94: Profundidade dos silos.....                              | 187 |

|                                                                                     |     |
|-------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| Figura 95: Roças no Novo Zabelê .....                                               | 192 |
| Figura 96: Comunidade Zabelê.....                                                   | 194 |
| Figura 97: Quadro-emaranhado completo, após os trânsitos por diferentes linhas..... | 195 |

## LISTA DE TABELAS

|                                                      |     |
|------------------------------------------------------|-----|
| Tabela 1: Guerra contra os Pimenteiras .....         | 30  |
| Tabela 2: Tipos de denominações das terras.....      | 31  |
| Tabela 3: Pontos da Instalação Etnográfica .....     | 88  |
| Tabela 4: Perguntas que nortearam as conversas ..... | 98  |
| Tabela 5: Biografia dos entrevistados .....          | 100 |

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

FUMDHAM- Fundação Museu do Homem Americano

IBAMA- Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis

INCRA- Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária

PARNA- Parque Nacional

PNSC- Parque Nacional Serra da Capivara

IPHAN- Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

UNIVASF- Universidade Federal do Vale do São Francisco

ICMBIO- Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade

UNESCO- Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

## SUMÁRIO

|                                                                                                                           |            |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------|
| <b>1 INTRODUÇÃO .....</b>                                                                                                 | <b>18</b>  |
| <b>2 ZABELÊ: DA HERANÇA DO BISAVÔ VITORINO A CRIAÇÃO DO<br/>PARQUE NACIONAL SERRA DA CAPIVARA .....</b>                   | <b>28</b>  |
| 2.1 PIAUÍ COLONIAL: BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO SOBRE OS<br>ÍNDIGENAS, COLONIZADORES E CRIAÇÃO DE FAZENDAS.....                | 28         |
| 2.2 A ORIGEM DA COMUNIDADE ZABELÊ .....                                                                                   | 34         |
| 2.3 INSTITUCIONALIZAÇÃO DA ARQUEOLOGIA NA REGIÃO PIAUIENSE .....                                                          | 41         |
| 2.4 O NOVO ZABELÊ .....                                                                                                   | 53         |
| <b>3 PROVOCAÇÕES PARA UMA ARQUEOLOGIA DO PRESENTE: AS<br/>LINHAS, AS COISAS, OS FLUXOS, OS AFETOS E AS MEMÓRIAS .....</b> | <b>61</b>  |
| 3.1 POR UMA ARQUEOLOGIA DO E NO PRESENTE .....                                                                            | 61         |
| 3.2 AS LINHAS, OS FLUXOS E AS COISAS .....                                                                                | 70         |
| 3.3 OS AFETOS.....                                                                                                        | 75         |
| 3.4 AS MEMÓRIAS ENQUANTO EXPERIÊNCIAS .....                                                                               | 76         |
| <b>4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS: APONTAMENTOS SOBRE ETNOGRAFIA<br/>ARQUEOLÓGICA .....</b>                                | <b>82</b>  |
| 4.1 NOTAS HISTÓRICAS SOBRE APROXIMAÇÕES ENTRE ETNOGRAFIA E<br>ARQUEOLOGIA.....                                            | 82         |
| 4.2 ETNOGRAFIA ARQUEOLÓGICA E INSTALAÇÃO ETNOGRÁFICA:<br>CONCEITOS, PRÁTICAS E APLICAÇÕES .....                           | 84         |
| 4.3 DESENVOLVIMENTO DE UMA INSTALAÇÃO ETNOGRÁFICA NA<br>COMUNIDADE DO NOVO ZABELÊ .....                                   | 87         |
| <b>5 AS LINHAS: TRAÇANDO E CONECTANDO OS PONTOS ENTRE PESSOAS E<br/>COISAS.....</b>                                       | <b>103</b> |
| 5.1 LINHA I: OS NÓS (AS PESSOAS) E O PONTO CENTRAL (ZABELÊ) .....                                                         | 104        |
| 5.2 LINHA II: FRAGMENTOS DE VIDA DO ZABELÊ .....                                                                          | 114        |
| 5.3 LINHA III: COTIDIANO.....                                                                                             | 121        |

|                                                                 |            |
|-----------------------------------------------------------------|------------|
| 5.4 CELEBRAÇÕES E RELIGIOGIDADES .....                          | 128        |
| 5.5 LINHA V: MEIOS DE SOBREVIVÊNCIA .....                       | 137        |
| 5.6 O MOVIMENTO QUE ACONTECE ENTRE AS COISAS E AS PESSOAS ..... | 157        |
| 5.8 PERCORRENDO OUTRAS LINHAS: A HISTÓRIA DO NOVO ZABELÊ .....  | 181        |
| <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>                               | <b>196</b> |
| <b>REFERÊNCIAS.....</b>                                         | <b>199</b> |

## 1 INTRODUÇÃO

Nessa pesquisa, tenho por objetivo empreender uma análise dos fluxos das materialidades e memórias, entendidas aqui como coisas, referentes às localidades do Antigo e Novo Zabelê, no município de São Raimundo Nonato, no estado do Piauí. O propósito ao desenvolver esse trabalho é compreender as relações de afetividades que as pessoas possuem com suas materialidades. Quando as coisas são associadas pelas narrativas orais, elas ganham “vida”, incorporando outros sentidos patrimoniais.

Aqui, ao longo desta escrita, falarei detalhadamente de duas localidades. Uma é chamada de Antigo Zabelê e a outra é denominada de Novo Zabelê. A comunidade do Antigo Zabelê tem o seu período de ocupação por volta do século XIX e XX. Essas terras ficavam dentro do perímetro que atualmente constitui a área de um parque nacional de proteção integral, o Parque Nacional Serra da Capivara (PNSC ou PARNA Serra da Capivara). Com a criação desse parque, em 1979, as pessoas que residiam no Zabelê foram expropriadas, de acordo com a legislação vigente na época, com a Lei Federal nº 9.985 (Oliveira, 2015).

Assim, no ano de 1997, as famílias foram remanejadas para outra área, que se tornou o Novo Zabelê. Essa nova comunidade está localizada na área rural da cidade de São Raimundo Nonato, a cerca de 10 km do centro urbano. Sobre o outro território que essas pessoas moravam, o Antigo Zabelê, se tornou um local reconhecido como Patrimônio Mundial da Humanidade pela Organização as Nações Unidas para Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO). Isso devido ao grande número de sítios arqueológicos que foram registrados nas áreas da Unidade de Conservação. Com toda essa relevância internacional, o parque se tornou o principal atrativo turístico e econômico na região. Para além do Parque Nacional Serra da Capivara, outros pontos turísticos foram criados em torno das áreas que abrangem a territorialidade do parque, como o Museu do Homem Americano e o Museu da Natureza. Isso gerou retorno à população dessas cidades, com a geração de empregos (Oliveira, 2015).

Para todos os efeitos, a criação do Parque Nacional Serra da Capivara envolve a produção científica na área da Arqueologia, o desenvolvimento turístico do território e a musealização da arqueologia, sendo relacionada a pesquisa de sítios arqueológicos cronologicamente remotos. Trata-se da consagração de uma perspectiva de passado e de memória a respeito de um território, que vai contar a história das primeiras populações que ocuparam o continente americano. Contudo, para além deste passado remoto, existem

outros sentidos arqueológicos que são ativados por comunidades que moravam no PNSC, muitos gerados nas relações sociopolíticas de criação do parque e, ao mesmo tempo, silenciados nelas, como exemplificam as narrativas do povo Zabelê.

No período que ocorreu a expulsão das pessoas de dentro do território do Antigo Zabelê, houve o que a autora Cristina Pompa (1987) chama de destruição de mundo para a construção de outro. Essa perda está conectada com a relação daqueles camponeses com a terra. Os moradores retirados do seu local de vida ficaram em diáspora, carregando do seu antigo lar as memórias e as coisas que trouxeram nas suas bagagens, até se assentarem no final dos anos 1990, na área conhecida como Novo Zabelê (Braga, 2021).

Como será falado com mais ênfase nos capítulos seguintes, as terras do Antigo Zabelê estiveram no centro de questões fundiárias, que se desdobram para o Novo Zabelê e sua luta para que o povo “retomasse” a vida de trabalhador rural. Dentro dessa temática, a autora Maria Nazareth Wanderley (2015), explica o campesinato, enquanto uma categoria que corresponde a determinados modos de vida e cultura.

Para a autora Wanderley (2015), o termo campesinato está relacionado com determinada forma de produção, em que a base central é o caráter familiar de produção agrícola voltada para o sustento da família. Desse modo, entre os grupos existe uma cooperação junto aos seus membros, pautando formas de organização de trabalho. O conceito ressoa com o Antigo Zabelê, principalmente quando ouvimos nos relatos orais, que as pessoas produziam tanto para seu sustento como para vender na feira de São Raimundo Nonato. Assim, eles conseguiam recursos financeiros para comprar outros tipos de produtos que não eram vendidos localmente como, por exemplo, o sal, querosene e pilhas, entre outros.

Outra ideia relevante para o estudo é a perspectiva de espaço rural. O termo expressa um sentido de ocupação de território, que envolve as terras ocupadas por posse e utilização do espaço. Uma comunidade rural é um local em que as pessoas vivem, com um modo de vida típico (Wanderley, 2001). Nas palavras da autora, o mundo rural é: “[...] onde se vê e vive o mundo” (Wanderley, 2001, p.3).

Instigada por essas premissas, em pesquisa<sup>1</sup> anterior busquei perceber alguns dos efeitos detonados com a implementação deste empreendimento que é o PNSC sobre este mundo rural. Nesse contexto, busquei destacar a criação do Museu Zabelê, entendendo-o como uma resposta frente a institucionalização da Arqueologia na região

---

<sup>1</sup>BRAGA, Maria Alda da Silva. O museu do Antigo Zabelê na perspectiva da Arqueologia Pública e Museologia Social (2021).

sanraimundense. Localizado no Novo Zabelê, este museu foi criado por alguns membros da comunidade, a qual destaca-se a atuação do arqueólogo Iderlan de Souza Santana<sup>2</sup>. O espaço surgiu em 2018, com escopo de contar a história narrada pelo povo do Antigo Zabelê. Trata-se de narrativa construída por meio das memórias e dos bens materiais que compõem a história de vida das pessoas que nasceram ou se criaram naquele lugar. Desse modo, apresenta uma reflexão sobre resistência e ressignificação do que é patrimônio para as pessoas da comunidade (Braga, 2021).

Com este esforço, percebi algumas questões relacionadas às formas como a comunidade selecionava determinadas coisas para contar sua história de vida naquele espaço do museu. O que era exposto no museu tratava-se de utensílios que eram de uso doméstico, trabalho na roça, fotografias e as memórias dos moradores. Um ponto relevante, é que essas coisas nunca ganhavam sentidos somente pela sua matéria, mas sim quando eram atrelados a uma linha conectora entre as memórias e as pessoas, que tornavam mais real a experiência dos moradores quando lembravam do passado vivido ou contado sobre o Antigo Zabelê (Braga, 2021).

Ao perceber que essas coisas são fluidas e que constituem outros sentidos através das pessoas e das memórias, fui provocada por novos questionamentos, que motivaram o desenvolvimento deste estudo: Quais são as narrativas que resistem no presente e contam sobre o Antigo Zabelê? Como se configuram os fluxos seguidos pelas coisas que permeiam essas histórias? Existe uma história particular da comunidade que é contada junto com as coisas e que se alinham a outros contextos?

Frente a tais questionamentos, partimos da hipótese de que existe um processo de patrimonialização entre os moradores do Novo Zabelê, que busca materializar no presente o Antigo Zabelê. É por meio das coisas que ganham sentido no dia a dia, que ocorre uma ativação daquele passado no presente. Dessa forma, as coisas e memórias resistem as intempéries do tempo, transitando entre diferentes funções e temporalidades que coexistem na dimensão da experiência. Ao mesmo tempo, parecem funcionar enquanto um sentido de patrimônio, a partir do momento que elas se articulam com o tempo e a memória, manifestando ressonância junto com a comunidade (Gonçalves, 2005).

Seguindo essa linha, parto do objetivo geral de investigar como as coisas e memórias se conectam na construção das narrativas sobre o Antigo Zabelê e Novo Zabelê,

---

<sup>2</sup> A família de Iderlan de Souza Santana morava no Antigo Zabelê e foi uma das famílias desapropriadas quando o Parque Nacional Serra da Capivara foi criado.

na perspectiva da Arqueologia do Presente. Nesse sentido, para esta abordagem, proponho os seguintes objetivos específicos:

- I. Registrar as narrativas da comunidade levando em conta suas trajetórias de vida e conexões com a memória social.
- II. Produzir um levantamento dentro da localidade Novo Zabelê, no intuito de identificar quais são as coisas que ainda existem e fazem referência ao Antigo Zabelê.
- III. Caracterizar cada tipo de coisas encontradas, observando os seus fluxos, usos, funções e relações com as memórias e cotidiano da comunidade.

Para a concretização desses objetivos, busquei me aprofundar nas discussões sobre cultura material enquanto coisas (Ingold, 2012), a partir de um diálogo com perspectivas que edificam uma Arqueologia do Presente. A escolha por esse viés teórico vai ao encontro com o que González-Ruibal (2008) defende, ao chamar a atenção para o fato de que não existe uma separação extrema entre o passado e o presente, chamando a atenção para a relevância do estudo arqueológico de sociedades contemporâneas. González – Ruibal (2008) ainda fala que “um dos principais objetivos da Arqueologia do Presente é transcender a biografia do artefato e analisar as intrincadas relações históricas entre pessoas e coisas” (Ruibal, 2008, p.20).

Nesse sentido, algumas perspectivas de Arqueologia do Presente, principalmente aquelas dedicadas aos contextos comunitários e produção de narrativas, podem contribuir com identificação de arqueologias reversas, conforme aponta a arqueóloga Mariana Cabral (2014). Ao trabalhar com o grupo indígena Wajãpi, a autora se deparou com outras formas de construção de percepções sobre o passado e o presente, intermediada pelas coisas materiais e capaz de agregar explicações produzidas sob outras lógicas de conhecimento. Assim, Cabral (2014) encara o fazer arqueológico como uma maneira de articular tempo, memória e materialidades, que acontece em distintas conjunturas epistemológicas e ontológicas.

Inspirada por estas ideias, acredito que olhar para a cultura material e imaterial no presente permite encarar criticamente os contextos em que as pessoas remontam nas suas lembranças a vida no Antigo Zabelê. Isso me leva a pensar e ver as pessoas construindo seu próprio patrimônio a respeito de um lugar ao qual elas têm pertencimento, operacionalizando uma diversidade de saberes. Como Gonçalves (2005) fala, são esses sentidos de patrimônio enquanto categoria de pensamento que incorporam experiências e

memórias das pessoas, não dependendo da autorização estado ou dos discursos nacionais para existirem.

Simultaneamente, busco me apropriar de aspectos do pensamento de Tim Ingold (2012), sobre seguir os fluxos das coisas, quando imaginamos linhas que conectam o lugar, as pessoas, materialidades e as memórias. Tudo isso é entendido enquanto o termo “coisa”, que para o autor é algo que não possui uma definição, não tem uma fisionomia acabada, ou seja, algo concreto. A coisa engloba um processo de formação, que está em um emaranhado de linhas que geram fluxos e afeta a realidade de um determinado grupo (Ingold, 2012).

Para Tim Ingold (2022), seguir as coisas permite contar uma história no seguinte sentido: “[...] relacionar na narrativa, as ocorrências do passado, retrçando um caminho pelo mundo que outros, pegando recursivamente os fios das vidas passadas, podem seguir no processo de fiar as suas próprias” (Ingold, 2022, p.119). A meu ver, as ideias de Ingold e a Arqueologia do Presente se conectam enquanto uma teia permeada por coisas que agregam fragmentos de histórias e narrativas, gerando subsídios para analisar conexões entre pessoas e suas práticas sociais e de patrimonialização.

Desta maneira, seguirei procedimentos metodológicos relacionados com a aplicação de instalações etnográficas, dentro do campo da Etnografia Arqueológica. Esse método é o que mais se alinha com o que propus durante as intervenções ocorridas dentro da localidade do Novo Zabelê. De modo geral, a instalação etnográfica é uma prática experimental que possibilita diálogos, com diferentes visões de mundo, sobre o passado de um determinado local e quais são as suas interpretações sobre aquela determinada cultura material (Castañeda, 2008-2009). Ao propor intervenções sobre o Antigo Zabelê, foi possível observar as relações entre as coisas e temporalidades em um espaço transcultural, em que pessoas e a pesquisadora puderam ter conversas, múltiplos encontros e intervenções (Hamilakis, 2011). Seguindo essa linha, desenvolvi visitas a comunidade do Novo Zabelê, promovendo abordagens que possibilitaram as pessoas falarem e experimentarem as coisas e seus fluxos.

Enquanto autora deste trabalho, encaro a história do Novo Zabelê conforme Ingold ressalta: um fio das vidas que permanece transitando no Antigo Zabelê, Novo Zabelê, ou pelas ruas da cidade de São Raimundo Nonato e que se conectam de várias maneiras com a minha vida. Esse emaranhado de linhas é marcado por processos que foram importantes na formação da localidade e das pessoas e coisas que ali habitaram. Nos capítulos a seguir,

será possível ver como as narrativas sempre estiveram presente na vida dessa comunidade, sendo um fio acessado em busca dos nós entre coisas, memórias e pessoas.

Do ponto de vista pessoal, desenvolver esse trabalho com a história do povo Zabelê, me acompanha desde o ensino médio. No ano de 2015, fui para a comunidade fazer meu primeiro trabalho de campo<sup>3</sup> - quando nem sonhava ou sabia o que era Arqueologia. Nesse trabalho, realizei entrevistas com as pessoas mais velhas de lá. Fui para o Novo Zabelê, acompanhada por amigas que residiam no local, que tinham parentes que se deslocaram do Antigo Zabelê. O objetivo do trabalho escolar era que as pessoas falassem sobre o seu passado. Lembro bem de ter gravado em formato de vídeo o avô da minha amiga. Ele nos contou sobre os indígenas da região e sobre sua vida enquanto trabalhador rural.

Com este trabalho, fortaleci meus vínculos de amizades com algumas pessoas da comunidade e passei a frequentá-la assiduamente nos finais de semana. Nas idas para lá, sempre escutava das pessoas mais velhas e das mais novas sobre os desafios que elas enfrentaram durante a desapropriação até a mudança para o novo local de morada. Nessa nova comunidade, as minhas amigas sempre me contavam dos encontros que os moradores poderiam ter com as *livusias*<sup>4</sup> que habitavam o território do Novo Zabelê. Um exemplo, é o da mulher na janela que assombrava quem olhasse pelo lado de fora de casa durante a madrugada e tantos outros casos.

A segunda linha que me levou a história do Zabelê, foi traçada entre 2019 e 2021, nesses anos já estudando Arqueologia e Preservação Patrimonial, na minha cidade natal, que é São Raimundo Nonato. Me interessei por desenvolver o trabalho de conclusão de curso, citado acima, com a história de luta do povo do Antigo Zabelê, abordando o museu comunitário que faz referência a essa história. Desse modo, ao escutar as falas, sempre fiquei muito interessada em buscar saber e contribuir de alguma forma para a história do povo do Zabelê. As memórias coletivas que venho trabalhando ao longo dos anos, são transmitidas de geração para geração. Possuem um valor inestimável, na medida que nos mostram um outro lado acerca do Território Serra da Capivara: quem eram as pessoas, as coisas e as histórias que atravessaram o lugar que hoje se apresenta com sua face mais visível como patrimônio mundial da humanidade.

---

<sup>3</sup> Projeto desenvolvido no colégio estadual CEEP- Gercílio de Castro Macêdo, no ano de 2015, coordenado pela professora Verônica Campos.

<sup>4</sup> O termo *Livusias* se refere a assombrações de seres sobrenaturais como, fantasmas ou luzes, que aparecem muitas das vezes dentro de contextos do mundo rural (Landim, 2014, Mageste e Amaral, 2024).

No que se refere as contribuições acadêmicas, minhas provocações se aproximam de alguns trabalhos que envolvem a relação de Arqueologia, Contemporaneidades, Sociedades, Patrimônios e Mundo Rural. Para além dos trabalhos já citados anteriormente, apresento outros autores e autoras que contribuem para os aspectos teóricos que embasam essa pesquisa, ao mesmo tempo que chamam a atenção para a relevância da temática em tela.

No texto **Contemporary Archeology, politics of memory and local communities: A tricky mixture?** os autores Anna Maria Stagno e Carlos Tejerizo García (2023) analisam como os estudos arqueológicos do contemporâneo tem se fundamentado nos últimos anos tecendo reflexões sobre comunidades locais que sofreram processos políticos conflituosos nos seus passados. São esses tipos de pesquisas que estão costurando as relações das políticas de memórias e das materialidades, na qual trazem consigo narrativas e histórias, muitas das vezes geradas pelos traumas ou violências. (Stagno e García, 2023). Outra questão levantada por esses autores é acerca do termo comunidade. Isso porque quando nós pesquisadores vamos ao encontro de um determinado grupo, na grande maioria das vezes nos envolvemos com apenas uma parcela daqueles habitantes. Apesar de “a palavra comunidade sugira uma ideia de coerência e continuidade” (Stagno e García, 2023, p. 15), não são todos os membros que fazem parte do estudo ou concordam com determinadas falas nas relações internas entre eles (Stagno e García, 2023). Assim, no caso dessa pesquisa, todos os meus colaboradores são pessoas com as quais os contextos e linhas seguidas me permitiram interagir.

Dentro das pesquisas brasileiras, segue como base e inspiração para esta pesquisa, como exemplos, o trabalho de Márcia Bezerra (2017): **sobre as pessoas, as coisas e Arqueologia na Amazônia**. Com este trabalho a autora fala sobre os conhecimentos que estão interligados com a construção da ideia de patrimônio, em que se considera o entendimento das comunidades sobre o assunto.

Por este viés, chamo a atenção para o desenvolvimento de pesquisas comprometidas com as questões que envolvem o mundo rural. Um bom exemplo nesse sentido é o trabalho da arqueóloga e conterrânea Amanda Silva (2023), intitulado **“DO RIACHO PARA O LADO DE LÁ É QUEIMADINHA E PARA O LADO DE CÁ É GARÇA: A formação de Queimadinha Véa, em São Raimundo Nonato-PI, na perspectiva da Arqueologia do Presente”**. A autora pesquisou uma comunidade rural familiar de São Raimundo Nonato/PI – a comunidade de Queimadinha - com o intuito de analisar a constituição do território e suas repercussões na produção de memórias e

vivências. Isto por meio de uma aproximação entre Arqueologia do Presente e a Etnografia Arqueológica, que foram manejadas para entender os modos de vida desta comunidade sertaneja e as noções constituintes do seu mundo rural. Assim, a autora identificou sítios, materialidades e narrativas que são invocados pelos moradores de Queimadinha tanto na apresentação de suas biografias, quanto da história da localidade.

Nessa perspectiva, um outro trabalho que trago como exemplo, é o da Géssika Sousa Macêdo (2021), na sua dissertação ela fala sobre: **Retalhos afetivos de costuras coletivas: vivências arqueológicas decoloniais em São Braz do Piauí**. Nesta pesquisa, a autora propôs realizar um estudo de Arqueologia Pública englobando outras epistemologias para seguir as coisas arqueológicas na localidade a qual ela pertence. A autora realizou uma autoetnografia arqueológica em que trocou experiências e fez observações com os moradores locais.

Como referência de outro trabalho situado na mesma temática, cito aqui a investigação da autora Thaíse de Sá Freire Rocha (2017): **“Aquilo que é tirado da terra às vezes pode matar”: As relações estabelecidas entre Arqueologia e a comunidade Carangola, Minas Gerais**. Com este trabalho a autora seguiu as coisas arqueológicas por meio da Arqueologia Etnográfica, em busca de entender relações que tem o desenvolvimento de trabalhos arqueológicos na região de Carangola (MG) e como a própria comunidade enxerga o desenvolvimento e prática arqueológica.

Particularmente sobre o antigo Zabelê e Novo Zabelê, busco somar com investigações que ganharam corpo nas últimas décadas e que me instigaram a refletir sobre memória, história e patrimônio, para além do trabalho clássico sobre o assunto produzido por Emília Godoi (1993). Para esta introdução, julgo ser pertinente destacar algumas inspirações que contribuem para projetar os estudos que vêm sendo produzidos no Piauí, a maioria na Universidade Federal do Vale do São Francisco.

Haja vista, o trabalho de Jaime Oliveira (2015): **Memória e Patrimônio Arqueológico: Vozes sertanejas na área do Parque Nacional Serra da Capivara**. Nessa pesquisa, o autor buscou dar visibilidade as memórias das localidades sertanejas que ficam no entorno do Parque como, a comunidade do Sítio do Mocó e o Antigo Zabelê. Nessa época, Oliveira (2015) destacou a existência de uma lacuna acerca da valorização das memórias locais, então, ele através da coleta de narrativas averiguou a construção histórica desses dois locais e desenvolveu ações pautadas nas relações dessas pessoas com o patrimônio.

Outro exemplo de estudo, que engloba a história do Antigo Zabelê, é o da Antropóloga Marcia Trindade (2022), como tema: **O PASSADO QUE INSISTE EM PERSISTIR: Uma análise das percepções da comunidade Novo Zabelê acerca do Turismo de Base Comunitária-TBC**. A autora analisou como que o turismo pode gerar economia e transformação, levando algumas ideias para dentro da área do Novo Zabelê, através do próprio museu que foi criado. Com isso, ao se envolver com os membros locais, ela montou um exemplo de roteiro turístico para que fosse aprimorado as visitas na localidade, trazendo assim um maior desenvolvimento para aquele espaço.

Para citar uma pesquisa mais recente, tem-se o desenvolvimento do Historiador e Mestre em Arqueologia Sidimar Pereira Sousa (2024), com a pesquisa intitulada: **Arqueologia, Patrimônio e Memória da Comunidade Zabelê, Município de São Raimundo Nonato, PI**. Com esse trabalho, o autor fez um levantamento sobre a história da sua localidade, apresentando alguns atores sociais que trouxeram narrativas para mostrar os aspectos da agricultura, educação e relação das pessoas com o aquele espaço em que moravam. Uma das defesas de Sousa (2024), é que toda a história do povo Zabelê possa ser vista como um símbolo de patrimônio que resiste ao apagamento.

Frente ao que foi exposto, a organização do trabalho será em quatro capítulos. No primeiro capítulo, apresento uma linha histórica que conta sobre o surgimento da comunidade Zabelê. Nessa parte, apresento a formação da localidade, traçando um levantamento sobre as relações entre indígenas e colonizadores, depois falo de como surgiu o Antigo Zabelê. Posteriormente, abordo o processo de desapropriação da comunidade, até o surgimento do Novo Zabelê. Vale salientar que aqui busquei aprofundar as contextualizações que produzi anteriormente, trazendo à tona algumas narrativas dos moradores sobre essa história (Braga, 2021)

No segundo capítulo, busquei trazer as relações e discussões que versam sobre Arqueologia do Presente e as discussões sobre coisas, linhas e memória. Nesse sentido, vou contextualizar, nas versões de alguns autores, os vínculos entre Arqueologia e as materialidades recentes, em consonância com o que se entende por um emaranhado de coisas. No terceiro capítulo, mostro os processos estabelecidos com os caminhos percorridos dentro e fora da comunidade do Novo Zabelê. Assim, busco apresentar como ocorreram as instalações etnográficas e como foram realizadas as entrevistas.

No quarto capítulo irei apresentar como ficaram os fluxos das coisas operacionalizados em um Quadro-Emaranhado. Nessa parte, já mostro as entrevistas que foram realizadas e como que de cada uma delas saíram diversas linhas a serem seguidas.

Dessa maneira, esse último capítulo desta dissertação, tem o intuito de apresentar esses resultados entendendo os significados dessas coisas dentro e fora da comunidade do Novo Zabelê. Assim, mostro os efeitos de se desenvolver uma arqueologia em que as pessoas locais possam falar dos seus patrimônios.

## **2 ZABELÊ: DA HERANÇA DO BISAVÔ VITORINO A CRIAÇÃO DO PARQUE NACIONAL SERRA DA CAPIVARA**

No presente capítulo, pretendo traçar uma linha cronológica sobre a origem da comunidade Zabelê, retomando uma discussão que apresentei em oportunidade anterior (Braga, 2021). A partir dos fatos abaixo, tentarei compreender a formação da comunidade do Antigo Zabelê e a formação histórica do Novo Zabelê. Esses são processos que envolvem a demarcação de cenários para o trabalho com a memória. Ao retomar sobre o passado da região, entraremos também nas discussões sobre como se deu a colonização no Sudeste e Sudoeste do Piauí. Abordar tal realidade serve ao propósito de salientar, nesta dissertação, alguns aspectos que envolvem a relação com a terra, a formação de propriedades e os conflitos e acordos entre diferentes grupos sociais. Aqui, se apresentam diferentes fluxos e passados que se conectam com as coisas quando são invocados tanto para compreender o Antigo Zabelê quanto o Novo Zabelê (Ingold, 2012).

Por meio do levantamento bibliográfico, as páginas seguintes irão contar como se deu a formação da comunidade rural do Zabelê, desde a vinda dos primeiros colonizadores, que em contato com as populações nativas que habitavam a região, geraram conflitos em prol da tomada de terras e extermínios, para a criação de fazendas de gado. Essas posses territoriais eram regulamentadas através do sistema de sesmarias, criado em 1534 (Holanda e Diniz, s.d). Essas terras do Antigo Zabelê foram passadas de geração para geração ao longo dos séculos, por não serem legalizadas, trouxeram contrariedades no passado recente, entre legislação e população local, quando foi criado um parque nacional de proteção integral.

### **2.1 PIAUÍ COLONIAL: BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO SOBRE OS ÍNDIGENAS, COLONIZADORES E CRIAÇÃO DE FAZENDAS**

Por muito tempo, as terras piauienses foram apontadas como “terras de ninguém”, mesmo povoada por uma diversidade de grupos indígenas. Na região Sudeste/Sudoeste esses grupos eram os: Acoroá, Acumes, Chicriabá, Coripó, Gueguê, Jaicó, Pimenteiras, entre outros (Oliveira, 2004). A grande maioria era pertencente ao tronco Macro Jê, exceto os Pimenteiras que possivelmente estariam ligados a família Karib (Oliveira, 2004). Outra denominação é apresentada pelo autor Monsenhor Chaves (2005), que considera o grupo dos Pimenteiras advindos da família dos Caraíbas, demonstrando que não existe consenso sobre o assunto. Ressalto que esses termos se tratam de construções

coloniais utilizadas para se referir a essas populações, sem levar em consideração suas etnias ou autodesignações. Focaremos em falar dos Pimenteiras, por ser este grupo referenciado nas narrativas acerca da origem do Zabelê.

A colonização do Piauí ocorreu no início do século XVI, estendendo-se até o século XIX (Oliveira, 2004). No século XVI, ocorreram as primeiras expedições de colonizadores, pautadas no reconhecimento e delimitação da área. A partir do século XVII, aproximadamente em 1674, a colonização começou a se intensificar, com a chegada dos bandeirantes, através do rio São Francisco (Oliveira, 2004). O interesse que movia a empreitada era a busca por metais preciosos, terras férteis e conquistar os povos indígenas para escravizá-los, utilizando-os como mão de obra, sobretudo nas tropas militares (Oliveira, 2007).

No século XVIII, foi oficializada a conquista. Nesse contexto, a Coroa Portuguesa buscou consolidar a posse dessas terras como alternativa econômica à exploração do açúcar no litoral. Com isso, buscou-se o controle das terras piauienses para implantação da pecuária, com a criação de fazendas de gado. Para a região do estudo, destaca-se nessa fase, a presença de bandeira paulista, sob o comando de Domingos Jorge Velho; e a bandeira baiana, denominada de Casa da Torre dos Dias Ávila, comandada por Domingos Afonso Mafrense. Tanto Domingos Jorge Velho quanto Domingos Afonso Mafrense, implantaram diversas fazendas de gado durante a expansão da pecuária no sertão, que estiveram na gênese de constituição de povoados (Assis, 2015).

As terras utilizadas para formar as fazendas eram oriundas da doação de sesmarias (Oliveira, 2004). Explicando melhor, trata-se de sistema que consistia na doação de terras feitas pela Coroa Portuguesa e as pessoas beneficiadas colonizavam essas áreas (Holanda & Diniz, s.d). Com a implantação das fazendas de gado, o Piauí tornou-se a principal área pastoril do Nordeste, que foi fundamentada a partir da violência em relação às populações indígenas que habitavam o território (Assis, 2015). De fato, para o sucesso do empreendimento, os colonizadores buscaram exterminar as populações indígenas (Assis, 2015). No contexto da pesquisa, um dos grupos que mais resistiram a essa luta sangrenta foram os Pimenteiras.

De acordo com Oliveira (2007), a guerra contra esses indígenas começou na segunda metade do século XVIII, em 1759, se estendendo até meados do século XIX. O grupo dos Pimenteiras ficavam distribuídos espacialmente nas regiões Sul, Sudeste e Sudoeste do Piauí, próximos do rio Piauí. O motivo de habitarem essa região era pela busca de refúgio contra os avanços da pecuária. A guerra contra os indígenas Pimenteiras

durou oficialmente mais de 10 anos. A resistência do grupo e à luta pela defesa de seu mundo, dificultou a criação de vilas e cidades coloniais na região.

Nesse contexto, podemos ter uma visão geral da linha cronológica sobre as guerras contra os Pimenteiras, baseado no que aponta os trabalhos de Oliveira, nos anos de 2004 e 2007 (Tabela 01).

Tabela 1: Guerra contra os Pimenteiras

| ANO       | ACONTECIMENTO                                                                                                                                                                                                                                               |
|-----------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| 1685      | Segundo CASAL, 1976 apud OLIVEIRA, 2007 o grupo Pimenteiras deixa as suas respectivas aldeias na região de Pernambuco.                                                                                                                                      |
| 1760      | De acordo com (NIMUENDAJU, 1981 apud OLIVEIRA, 2007) Os pimenteiras habitavam o território do Piauí.                                                                                                                                                        |
| 1769      | O grupo é citado pelo Governo da Capitania do Piauí.                                                                                                                                                                                                        |
| 1773      | O grupo é localizado nas Cabeceiras do Piauí, e na fala do Governo, religiosos e dos moradores o grupo começa a atacar essas fazendas.                                                                                                                      |
| 1777-1791 | Ocorrem diversos combates contra os Pimenteiras, através de escoltas organizadas pelo governo. Estavam sob o comando dessas escoltas Marcha Felix Castelo Branco, João do Rego Castelo Branco e Manoel Ribeiro Soares.                                      |
| 1807      | A pessoa de José Dias Soares começa um novo ataque contra esses indígenas                                                                                                                                                                                   |
| 1810      | José Dias Soares retorna atacando o grupo Pimenteira.                                                                                                                                                                                                       |
| 1812-1813 | Diversos combates ocorrem contra os Pimenteiras.                                                                                                                                                                                                            |
| 1815      | O governo do Piauí diz que os indígenas foram extintos do território e o processo de conquista é finalizado. Porém persistem na oralidade e na documentação histórica menções a persistência desses indígenas, para além das tentativas de invisibilização. |

Fonte: Produzido pela autora através dos trabalhos de Oliveira (2004, 2007).

Nessa trajetória histórica de colonização do Piauí, cabe ressaltarmos aqui que participaram também desse processo de formação do estado as populações africanas e afrodescendentes, que resistiram na região, apesar desses grupos não aparecerem explicitamente nas narrativas que abordamos. A autora Déborah Silva (2013) explica que na região, após o número de populações indígenas entrarem em declínio por conta dos extermínios/guerras, as fazendas de gado começaram a abastecer-se de mão de obra escrava das populações negras. No entanto, essas narrativas costumam ser invisibilizadas ou aparecem escondidas no uso do termo caboclo (Macêdo, 2021).

É nessa conjuntura que surgem as referências mais expressivas sobre o território pertencente à comunidade Zabelê, com a chegada de Vitorino Dias Paes Landim durante o século XIX. Ele era um criador de gado, sendo considerado um dos responsáveis por supostamente expulsar os indígenas dessas áreas (Godói, 1993). No ano de 1829, Vitorino Dias Paes Landim tomou posse das terras da região Várzea Grande - atual cidade de Coronel José Dias, PI. As terras foram doadas em decorrência da vitória de Vitorino nos confrontos contra os indígenas. Dentro deste núcleo ocorreram a formação das fazendas denominadas de Serra Talhada, Serra Nova e Boqueirãozinho (Godói, 1993).

Ainda de acordo com Emília Godói (1993), tem-se umas narrativas de como era a relação colonial de Vitorino com os indígenas. No caso, uma moradora do Zabelê diz que:

O primeiro homem que entrou aqui e produziu a grande família se chamava Vitorino. Então foi que ele quem situou aqui. E aí o que é certo, é que esta beirada de serra era cheio de índio nesse tempo. Índio que dizer que é caboclo brabo. Você sabe. Os índio. E aí os índios mataram um filho dele... mataram um filho dele. Ele encostou pra aí e arrastou o bacamarte... os bichos correram e ele pôs bagaço deles aí, aqui e acolá, matando, até quando desterrou eles daqui. E então, nessa ocasião, o governo deu a ele esta terra e este mundo ficou dele. E então, ele começou a produzir a grande família (Entrevista de Z.L 95 anos apud Godói, 1993, p.110).

Com a entrevista acima, entende-se que Vitorino começou essa guerra colonial contra os indígenas por vingança. Com isso, o governo cedeu as posses das terras para ele. Com a persistência das sesmarias, o sistema de posse funcionava da seguinte maneira na época: eram concedidas terras para as pessoas como uma recompensa por trabalhos prestados ao governo, com o objetivo de incentivar a produção econômica, por meio da prática da agricultura e criação de gado. No entanto, essas áreas não podiam ser vendidas, apenas repassadas na tradição sucessória de pai para filho e assim por diante (Sousa, 2010).

De acordo com os dados que Oliveira (2007) organiza, os Pimenteiras permaneceram na região Sudeste do Piauí até pelo menos o ano de 1850. Foi nessa época que surgiu a Lei de Terras número 601, que colocou fim no regime de posses de terras em todo o território nacional. Durante o período que a lei entrou em vigor, houve uma divisão colocando denominações em cada tipo de terra como, por exemplo, fazendas, fazendas de criar gado, sítios e fazendas de posse (Godói, 1993).

Ainda de acordo com Godói (1993), as designações apresentavam os significados sistematizados em tabela abaixo (Tabela 02)

Tabela 2: Tipos de denominações das terras

|          |                                     |
|----------|-------------------------------------|
| Fazendas | Áreas com grande extensão de terras |
|----------|-------------------------------------|

|                        |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                           |
|------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Fazendas de criar gado | Terras que dominam a atividade de pecuária                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                |
| Sítios                 | Extensão territorial dedicada apenas ao cultivo de cabras, bodes e etc.                                                                                                                                                                                                                                                                                                   |
| Fazendas de posses     | Área apropriada por camponeses que não tem apropriação jurídica da terra. Dentro dessa categoria têm-se os posseiros e os apossados. Os posseiros: Tem a casa e roça, mas não tem documentos que validem a extensão daquela posse. Já os apossados não têm o serviço de roça nas terras, mas possuem o documento com o histórico das transmissões sucessórias das terras. |

Fonte: A autora (2024).

As terras de Vitorino foram chamadas de sítio (Sousa, 2010). No ano de 1855, Vitorino elaborou uma documentação na qual ele se declarou como dono dessa área, cuja posse foi obtida durante a tomada das populações indígenas. Segue abaixo o trecho desse documento, apresentado por Godoi (1993):

Eu baixo assinado declaro que sou possuidor do sítio Serra Nova, nesta freguesia de São Raimundo Nonato, Província do Piauí, havido por descoberta que dele fiz em ano de mil oitocentos e vinte e nove e da qual me tenho autorizado em razão de concessão do governo, feita a quem tomasse parte na conquista dos índios que habitaram essas caatingas sua extensão é de duas léguas de comprimento, duas de largura; confinando ao nascente com terras da fazenda Alagoinhas, ao poente com o sítio denominado Torre ao Norte com a serra que corre em frente dos fundos dos pastos e dali por diante seguem-se terras incultas, ao Sul com retiro Boa Vista, pertence à fazenda Curimatá, limites estes provenientes de convenções particulares entre mim e os respectivos donos. E por ser de lei fiz passar a presente declaração em que me asseguro sendo duas do mesmo teor, uma para registro, e outra, que ficará em meu poder. Vila de São Raimundo Nonato, vinte de abril de mil oitocentos e cinquenta e cinco [...] Vitorino Paes Landim. Apresentava nesta Vila de São Raimundo Nonato aos vinte de abril de mil oitocentos e cinco, pagando por uma somente mil e quinhentos e vinte réis (Godói, 1993, p. 144).

Vitorino instalou-se com a sua família em Serra Nova. De acordo com o inventário genealógico realizado em 1876, a geração dele compunha nove filhos e quarenta e nove netos. Seus familiares passaram a formar e ocupar pequenas roças, tornando-se os primeiros camponeses a morar nas terras (Godói, 1993).

O aspecto ocupacional começou a mudar, quando na conjuntura internacional, aconteceu um crescimento das indústrias automobilísticas e elétricas, que dependiam de matéria prima para fabricação da borracha. Inicialmente, isso aqueceu a exploração na região Amazônica, que possui uma grande diversidade de plantas seringueiras (*Hevea Brasiliensis*), de onde se tirava um líquido chamado látex – base para a borracha. No ano de 1890 começou a exportação desse material e, no Piauí, o governo buscou outras plantas que pudessem também fornecer o látex, considerando a intensa demanda pelo produto. A partir disso teve início a exploração da maniçoba (Figura 1) ou maniçoba brava (Landim, 2014).

A maniçoba é uma planta da caatinga nordestina, que pertence ao gênero *Manihot glaziovii*, mais específica da família das *euforbiáceas*. São árvores que tem uma grande resistência à seca, pois guardam nas suas raízes e nos caules reservas de água. O látex dessa planta é de qualidade inferior à das seringueiras. Porém, a exploração da maniçoba foi fundamental para melhorar a economia do Nordeste, que também exportou o látex da maniçoba (Landim, 2014).

Figura 1: A- Árvore da Maniçoba B- Látex da Maniçoba



Fonte: A- Site da Embrapa B- A autora (2024).

A autora Joseane Landim (2014) aponta que na região piauiense, essa prática de coleta do látex da maniçoba distribuiu-se do período de 1897 até 1913, época que coincide com a criação do Zabelê por partes dos descendentes de Vitorino, anos depois dele ter

chegado naquelas terras, o segundo surto da produção foi de 1940 até 1960. Acompanhemos no próximo tópico os detalhes sobre a fundação do Zabelê.

## 2.2 A ORIGEM DA COMUNIDADE ZABELÊ

A comunidade Zabelê – ou o Antigo Zabelê, como é chamado atualmente, já aparece em registros do ano de 1902, dentro das terras da fazenda Serra Nova. As delimitações dessas terras foram feitas pelos netos de Vitorino Dias Paes Landim: João Bernardo, Antônio Maroto e Manuel Roberto. São eles considerados os responsáveis pela criação da comunidade e por dar nome ao local (Godói, 1993). Emília Godói (1993) relata que os moradores chamavam Vitorino Dias Paes Landim de “bisavô”, atribuindo a ele o povoamento das terras na qual habitavam e, por isso, todos se consideravam pertencentes ao tronco genealógico de Vitorino. O nome Zabelê é uma referência a uma ave brasileira (Figura 2), do gênero *Tanimisornes crypturus*, que caiu próximo a eles quando ocuparam aquelas terras (Godói, 1993).

Figura 2: Ave Zabelê



Fonte: Imagem de Oliveira, K. C. (2024), retirada do site Wiki Aves<sup>5</sup>.

Como se pode ver no relato abaixo, tem os detalhes de como isso ocorreu:

Então, os filhos dele... os netos dele, do Veio Vitorino, foram eles que descobriram o Zabelê. Os primeiros que entraram aqui foram João Bernardo,

---

<sup>5</sup> Wiki Aves- A Enciclopédia das Aves do Brasil. Disponível em: [HTTP://www.wikiaves.com/5870542](http://www.wikiaves.com/5870542)  
Acesso em: 03 de Jul 2024.

Antônio Maroto e Manuel Roberto, os três irmãos e eles se arrancaram na Toca do Caldeirão onde fica o Caldeirão Grande, e então, eles vieram furar maniçoba. Depois eles subiram a chapada, fazendo picada, fazendo carreira procurando maniçoba. Aí, certo que eles chegaram aí foram trabalhar, abriram roça e nunca lembraram como podia fazer o nome daquele lugar, então o avô do Zé Roberto, ele lá trabalhando lá e voou uma Zabelê e se enganchou num garrancho de pau no caiu e ficou batendo pra voar, aí ele correu e pegou... saltou nela e pegou. Aí apelidaram de Zabelê, o lugar de Zabelê (Entrevista de N. 54 anos, Zabelê apud Godoi, 1993, p. 112).

Entende-se pelos relatos orais sistematizados por Godói (1993), que a chegada desses três irmãos no lugar que se tornou o Zabelê ocorreu com o intuito de procurar maniçoba. Essa é a primeira geração dos moradores do Zabelê - os três irmãos com suas respectivas famílias. Eles instalaram-se no local e passaram a se sustentar da criação de gado, agricultura e com a retirada de maniçoba e caça de animais silvestres.

O período da segunda fase de extração da maniçoba vai de 1940 até 1960, época conhecida como “*boom da maniçoba*”. Durante esses anos, grupos de pessoas saíram de outras regiões em busca de melhores condições de vida, vindo habitar na região de São Raimundo Nonato, na localidade da Serra Branca. A mesma ficava situada a 30 km do Zabelê e ficou conhecida como Serra Branca dos Maniçobeiros. As terras anteriormente eram usadas pelos moradores do Zabelê e outras localidades próximas como fonte de sustento (Oliveira, 2015). Nas imagens abaixo podemos ver alguns desses espaços que eram ocupados pelos maniçobeiros (Figuras 3 e 4).

Figura 3: Construções dos Maniçobeiros



Fonte: Acervo do IPHAN apud Landim (2014).

Figura 4: Toca do Juazeiro da Serra Branca, 1978.



Fonte: Acervo FUMDHAM apud Landim (2014).

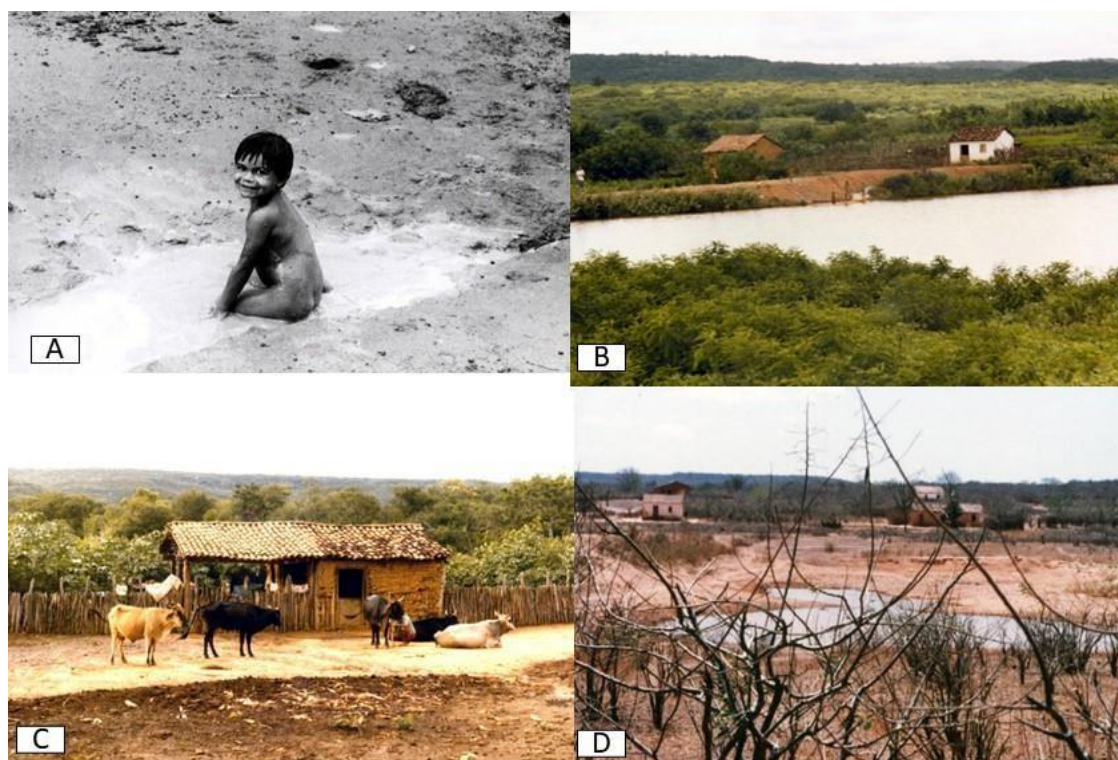
No dia a dia, sustentavam-se com a caça, a retirada de madeira e mel. Na época de estiagem, eles recorriam às tocas para se abrigarem, ficarem mais próximos das fontes de água e esperar o período de chuva (Godói, 1993). Com o tempo, o número de famílias que ocupavam essas terras aumentou. A paisagem passou a ser modificada quando os trabalhadores passaram a ocupar as tocas. Essas áreas situadas mais ao alto, geralmente com inscrições rupestres, eram chamadas por eles de “lugar de índio ou morada de onça”, situando-se fora do universo das relações cotidianas. Já nos espaços escolhidos para habitar, modificaram o ambiente, construindo dentro das tocas, paredes feitas de rocha, com o intuito de formar cômodos (Landim, 2014).

Durante o período de “boom da maniçoba”, os migrantes constituíram novas famílias que formaram uma nova matriz genealógica a habitar estas terras. No ano de 1920, tem-se uma crise na coleta de maniçoba na região, e os maniçobeiros passam a procurar novos meios de sobreviver. Mas, em 1940 e 1960, a procura pela maniçoba retorna, aliando-se com o meio de vida da roça. Esse período tem ligação com a comunidade Zabelê, pois, ao encerrar-se o ciclo da maniçoba, muitas famílias que moravam na Serra Branca se mudaram para o Zabelê, nos dois surtos (Landim, 2014).

Dias (2007) aponta que, entre os povoados da região, o Zabelê comportava o maior número de habitantes. Com o grande período de estiagem, ou seja, sem chuvas, a seca dominava a caatinga e a subsistência nessa época passou a ser a comercialização da mamona, do algodão, do fumo e a extração de calcário para construção civil (Sousa, 2006). Fora a criação de bodes, cabras, vacas, galinhas, plantações de milho, feijão, mandioca, frutas, a caça, entre outros, que acabou por ser um modo de vida persistente dentro da comunidade. Podemos ter uma noção da localização espacial da comunidade e de como era por dentro através das imagens (Figuras 5) e do mapa (Figura 6).

Com essa discussão dentro do contexto da pesquisa, percebe-se que os modos de vida das pessoas que moravam no Zabelê eram constituídos por uma ligação cultural com a terra em que viviam. Ambiente esse que trazia para essa comunidade os modos de fazer, criar e viver, pois dessa terra colhiam-se os frutos para seu sustento. As festividades, crenças, histórias eram celebradas/contadas pelos moradores na época que viviam lá, como por exemplo, a Festa de Reisado, as novenas celebradas na capela, os momentos de lazer no campo de futebol e a oralidade acerca dos indígenas e a “conquista” das terras pelo “véio Vitorino” (Braga, 2021).

Figura 5: Comunidade Zabelê



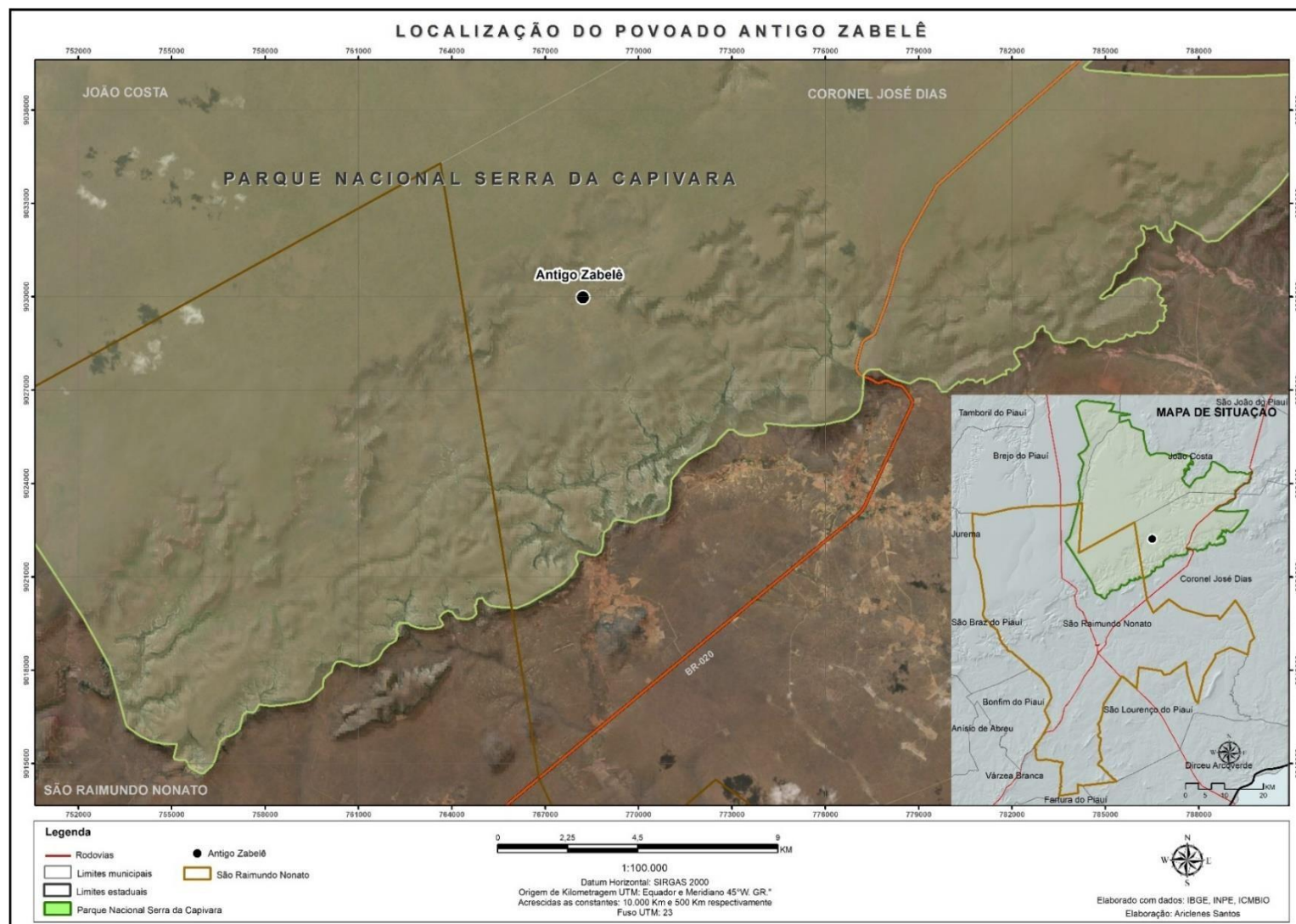
Fonte: Imagens cedidas pelo IPHAN (A, B e D), pertencentes ao acervo de I. SOUZA, 2004. Imagem (C): Adauto Araújo (acervo pessoal) apud Rodrigues (2011).

O Zabelê constitui-se assim enquanto comunidade rural. Nesse caso, concordo com David (2017) ao entender que estas ruralidades são compostas por:

camponeses, caboclos, ribeirinhos, quebradeiras de coco, pescadoras, faxinalenses, boias-frias, criadores, lavradores, coletoras, caipiras, caçadores, sertanejos: são homens, mulheres, crianças, jovens e idosas que constituem parte da grande diversidade de sujeitos que habitam os espaços rurais brasileiros (David, 2017, p.5).

Ainda de acordo com o autor, no imaginário social urbano esses povos camponeses são reconhecidos apenas como agricultores. Ou seja, muitas vezes ignora-se que, no contexto rural brasileiro, essas comunidades têm suas relações próprias, questões culturais, hábitos e tradições que dão características a essa diversidade dos espaços rurais (David, 2017).

Figura 6: Mapa de localização Antigo Zabelê



Fonte: Ariclens Santos (2023)

A autora Maria Nazareth Wanderley (2015), nos apresenta um panorama geral do que é considerado campesinato, entendido como uma forma de produção ligada ao caráter familiar, em que existe uma organização entre os parentes por entre aquela comunidade. Não é somente uma simples maneira de produção, mas envolve um modo de vida e uma cultura. A autora ainda complementa que:

No Brasil, a referência ao campesinato assumes dupla conotação. Por um lado, o campesinato corresponderia, para muitos, às formas mais tradicionais da agricultura realizadas em pequenas escalas, dispondo de poucos recursos produtivos, poucas integrado ao mercado e vida urbana e frequentemente identificados á incivilidade e ao atraso econômico social (Wanderley, 2015, p.6).

Essa conotação do campesinato se encaixa com a realidade que era vivenciada pelos moradores do Antigo Zabelê, eles produziam nas suas roças para consumo próprio e para abastecer o comercio local, que era a feira de São Raimundo Nonato. No caso desse povoado, eles não tinham uma ligação de dependência com grandes proprietários, em relação do direito a terra, como Wanderley (2015) aponta, seria uma “economia camponesa mais liberta”.

Emília Godoy (1993), ao analisar e conviver com a comunidade do Zabelê durante a sua pesquisa, coloca alguns pontos interessantes de serem citados. Segundo a autora, as questões relacionadas à roça e produção da agricultura, os moradores eram solícitos uns com os outros, afinal “todos eram parentes, posto que reportam um ancestral em comum” (Godói, 1993, p.146). Um dos exemplos citados dessa relação de afeto uns com os outros é que, se alguém de uma família viesse a falecer todos os membros da comunidade se disponibilizavam para ir ajudar o outro na lida com a roça.

Quanto à relação dos moradores com os vestígios arqueológicos que existem na área, Rodrigues (2011), aponta que a comunidade utilizava as rotas que constituem os acessos do Parque Nacional Serra da Capivara, como estrada para comerciantes, agricultores e caçadores. Segundo a autora, os moradores passavam noites nos abrigos rochosos e atribuíam às pinturas rupestres, o título de “desenhos de caboclos”, “riscos nas paredes”, visualizando tais evidências como testemunhos de outros seres. Em tais relatos, se percebe a relação de afetividade entre comunidade e ambiente. Porém, essas terras eram em sua grande maioria ocupada por posseiros, de modo que com a criação de um parque nacional, a visão de mundo das comunidades se transforma, pois, viriam a deixar o lugar onde construíram suas vidas.

Segundo Oliveira e Borges (2015), quando foi criado o Parque Nacional Serra da Capivara, moravam no Zabelê pouco mais de 200 famílias. Essa comunidade foi a mais

afetada com a criação do Parque por estar localizada no centro da área que foi delimitada para abranger o Parque Nacional. Como Godói menciona, a partir disso, “o Zabelê corria o risco de virar um texto e nada mais” (Godói, 1993, p. 145). Iremos destacar no próximo tópico todo esse processo que ocorreu antes do Parque ser criado e assim compreender toda a trajetória da comunidade Zabelê durante esse momento de conflito sobre as suas terras.

## 2.3 INSTITUCIONALIZAÇÃO DA ARQUEOLOGIA NA REGIÃO PIAUIENSE

A história do Parque Nacional Serra da Capivara começou na década de 1960, quando o prefeito da cidade de São Raimundo Nonato, Gaspar Dias Ferreira, enviou para uma exposição no Museu Paulista, fotos das pinturas rupestres que existiam na região (Oliveira e Borges, 2015). Existe uma outra narrativa que relata que foi o prefeito de Petrolina, o senhor Luiz Augusto Fernandes, que levou as fotos das pinturas rupestres para o Museu do Ipiranga, em São Paulo. De acordo com o manuscrito: **Serra da Capivara, e como o prefeito de Petrolina foi parar no Museu do Ipiranga (2006)**, a filha de Luiz Augusto Fernandes, Mônica Fernandes, escreveu o manuscrito de acordo com as lembranças e fotografias do pai dela (Oliveira *et al.*, 2010).

Segundo Oliveira *et al.* (2010), este manuscrito contém a seguinte informação:

Luiz Augusto era engenheiro e foi prefeito da cidade de Petrolina, Pernambuco, no período de 1959 a 1963, quando a cidade tinha 15 mil habitantes. Ela dista 300 quilômetros da Serra da Capivara. Ele costumava fazer excursões em buscas de achados paleontológicos e arqueológicos, e em uma viagem, nos anos 60, á Serra das Confusões ficou sabendo das inscrições na Serra da Capivara, foi vê-las e fotografou (Oliveira *et al.*, 2010, p. 379).

Assim, durante uma viagem entre as cidades de São Paulo e Rio de Janeiro, em 1963, Luiz Augusto levou essas fotos e decidiu mostrá-las no Museu do Ipiranga. Nessa época, Niede Guidon trabalhava no museu e teve conhecimento das fotos com pinturas rupestres (Oliveira *et al.*, 2010). Como podemos ver no relato apresentado no trabalho de Oliveira e Borges (2015), Guidon, que atuava em pesquisas arqueológicas na Universidade de São Paulo (USP), recebeu essas fotos e ficou interessada de conhecer o lugar.

Eu olhei as fotos e vi que era algo completamente diferente. Perguntei a ele onde era, ele me disse como fazia para vir até aqui. Isso foi em junho, e nas férias de dezembro eu peguei meu carro e vim. Só que dezembro chovia muito, e uma ponte do rio São Francisco tinha arrombado e eu não consegui passar. Depois, em 64, eu saí da USP fui embora pra França, fiquei trabalhando na França, mas aquelas pinturas... eu fiquei com elas na cabeça. E em 70 eu vim numa Missão Francesa aos índios de Goiás. Quando terminou o trabalho lá, eu

disse: não, agora eu vou passar pelo Piauí! E cheguei ao povoado que naquela época se chamava Várzea Grande, que hoje é Coronel José Dias. E conversei com as pessoas e elas me disseram assim: ‘tem aí’, foram me mostrar cinco sítios ali no desfiladeiro da Capivara, então eu fiz as fotos, levei pra França e com isso consegui criar uma missão (Oliveira e Borges, 2015 p. 111).

Segundo Santos (2015), a Missão Franco Brasileira surgiu nos anos de 1920 e 1970, envolvendo estudiosos franceses, brasileiros e americanos interessados em estudar temas relacionados com o “americanismo”, atuando por isso em diversos países da América. No Brasil, a empreitada foi responsável pelo desenvolvimento de trabalhos nas regiões de Minas Gerais, Mato Grosso e no Piauí.

Durante a década de 1970, iniciaram-se as pesquisas na região do Piauí, sob a coordenação de Guidon. Junto com ela, vieram às arqueólogas Silva Maranca e Agda Moraes Vilhena, para colaborar durante os estudos. O primeiro contato estabelecido ao chegar à cidade de São Raimundo foi com as comunidades, os principais detentores de conhecimento da existência dos sítios arqueológicos. Os moradores dessas terras passaram a ser guias das pesquisadoras, levando-as nas tocas para conhecer as pinturas rupestres (Oliveira e Borges, 2015).

Segundo Rocha (2019), os primeiros guias foram os senhores: João Batista Dias (Joãozinho da Borda), Nivaldo de Oliveira Coelho e Nelson Parente<sup>6</sup>. Eram moradores das terras, caçadores e maniçobeiros e conheciam muito bem o lugar. A comunidade Zabelê foi uma das primeiras áreas escolhidas para prospectar. Logo nas primeiras caminhadas, as arqueólogas notaram características de aldeia em alguns lugares e relataram que o solo abundava pedra lascada e cacos de cerâmica (Borges, 2007).

Oliveira (2014) destaca ainda que a comunidade – por meio dos denominados mateiros – realizou toda abertura de estradas para as prospecções e comunicavam os locais onde tinham sítios. Conforme os trabalhos arqueológicos ocorriam, as pessoas da comunidade passaram a compor a equipe dos pesquisadores, foram treinados para ajudar nas escavações e fazer os decalques das pinturas rupestres. Levavam os materiais que eram coletados e o alimento para o acampamento (Figura 7).

A autora Duarte (2015), analisa essa relação entre a comunidade científica e a comunidade sertaneja que ali morava:

---

<sup>6</sup> Desses nomes citados, o único que morava no Antigo Zabelê era o senhor Nelson Parente (in memóriam). Já os senhores Joãozinho da Borda (83 anos) e o Nivaldo Coelho (92 anos), são pertencentes a localidade de Coronel José Dias, no caso eles não foram entrevistados para essa pesquisa, pois o recorte estabelecido foi somente com os moradores do Novo Zabelê e pessoas que eram do Antigo Zabelê e moram atualmente nos bairros de São Raimundo Nonato.

Os homens que com ela trabalharam, passaram fome e sede em nome das descobertas científicas. Os chamados mateiros foram todos essenciais na descoberta dos sítios, pois eram as pessoas que moravam e conheciam toda a região. Quando crianças, as brincadeiras e os preparativos para a vida adulta eram explorar tocas e perseguir animais. Sabiam se orientar em meio aos paus d'arco e angicos, e não tropeçavam nas pedras dos "pés das Serras". Jogavam bola na grande toca com vista para o sítio do Mocó e iam tirar água dos olhos d'água no meio da mata. Caçavam para comer e chamavam as pinturas nas paredes de "desenho dos caboclos". Eu mesma aprendi com um deles que para andar no mato, deve-se andar em silêncio, prestar atenção em tudo e, vez ou outra quebrar um galhinho para marcar o caminho, mas conhecer o céu, que parece outro ali entre as árvores (Duarte, 2015, p.98).

No início do desenvolvimento das pesquisas, o vínculo entre comunidades e pesquisadores era amigável, pautada numa relação receptiva e curiosa por parte dos moradores das terras. Nos primeiros anos dos trabalhos, os pesquisadores ficavam na casa das pessoas da comunidade, o trabalho era árduo e demandava tempo e dedicação tanto da parte das pesquisadoras como dos mateiros. Os pesquisadores também buscaram desenvolver ações sociais com as pessoas daquela área. Um exemplo é a questão de saúde envolvendo a parasitologia (Figura 8), na qual os residentes da comunidade foram treinados para fazer triagem e ajudar nas coletas de exames (Borges, 2007). Podemos ter uma visão melhor desse período através de uma entrevista que o Senhor Nilson Parente (*in memorian*), concedeu a Sírja Borges, em 2007:

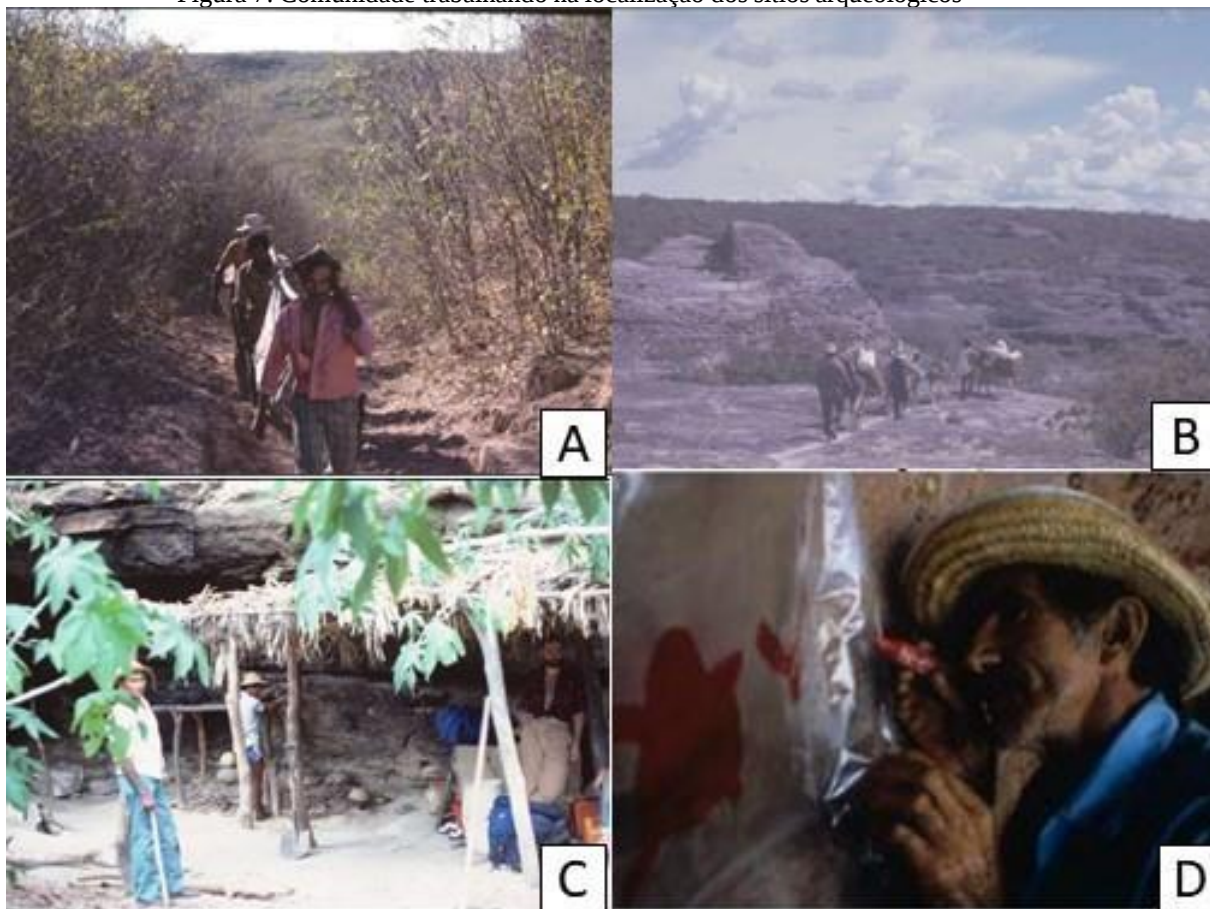
[...] Às vezes, a gente ficava até 20 dias dentro dos matos, andava muito. Era duro, só voltava quando a comida acabava. [...] Nós comia arroz, feijão e rapadura, às vezes passava a noite sem dormir por causa das onças que ficava reberando a gente, mas também tinha muita cobra. Quando chovia, a gente se enfiava nas tocas. Elas passavam o dia desenhando num plástico, era muito trabalho, mas nunca vi a doutora reclamando. Hoje já estou muito velho, de vez em quando ela ainda me chama, mas trabalhei muito fazendo estrada dentro do Parque (Borges, 2007, p. 90-91).

No trabalho do historiador Santana (2023), podemos ver também algumas narrativas do senhor Joãozinho da Borda (83 anos), que conta sobre esse período em que trabalhou ajudando na construção do Parque Nacional Serra da Capivara:

De 73 pra 74 chegou a Niéde Guidon. Mas, antes dela vim, de ela chegar, ela andou visitando aqui por avião, e tirou os retrato na região. Os carreiro que ela tirou, firmou lá em cima, eu conhecia. Aí chegou e me convidou para andar com ela. Eu tinha chegado de São Paulo, tava com 8 dias que eu tinha chegado de São Paulo. Aí, ela chegou ali na pensão – nesse tempo a pensão era do Durval [...] aí eu fiquei ali. Quando ela chegou de manhã, umas 8 horas, parou naquela calçada e ficou em pé. A Dolfina saiu. Aí ela vai e disse: "Dona Dolfina, será que é fácil achar uma pessoa aqui pra descarregar esse carro?", a Dolfina disse: "Não é fácil não, mas aqui tem um. Eu não sei se ele quer. Tá com 3 dias que ele chegou de São Paulo, pode tape ele num querer". Aí me chamou, eu digo: "É agora". Aí fui descarregar o carro dela. Trazia de tudo. Toda ferramenta, todo material dela trabalhar no Parque. Aí descarreguemo, ela me deu... parece que 20 conto. Saímos pra fora, ficou, aí ele mandou me

chamar lá dentro, no quarto. Eu entrei. “Seu João, cê quer trabalhar mais eu no Parque?” [...], lá num era parque não. “Cê quer me acompanhar?”, digo: “Acompão!”. Aí acompanhei ela. Aí, primeiro nós fomo num lugar ali num lugar chamado Aldeia, que era do pai do Durval. [...] É bem aqui perto, aqui da serra para baixo, essa Aldeia. [...] Faz parte do Parque, é quase no pé da Serra. O Parque pega aqui. Aí, nós trabaiano lá, nós alimpamo um quadro de uma hectares -3 tarefas de terra, tirando o baguí no ombro para num arrastar. Começamos trabalhar, e ela... fumo pra escavação, tem um treicheira assim [simboliza com as mãos]. Tão, trabalhando, achava as coisas dos índio é verdim, rapaz! Eu, de estucioso, peguei um pedacinho e botei no bolso, escondido. Ela, nós trabalhando, ela disse: “Seu São, é pra cê arranjar umas pessoas aí pra trabalhar mais nós”. Eu digo: “Num é difícil não”. Arranjei. Aí, fomo trabalhar. Lá um dia dos trabaiaador... ela um queria ouvir musga e nem suviar. Era todo mundo silêncio, conversando baixim. Nós vem do serviço pra pegar o carro, esse rapaz num... eu num vi o que foi... o que eu vi ele fazer só foi caminhar com a perna aberta. Mas, ela vinha na frente- era em 3, e eu vinha atrás dela e eu vi. Também num disse nada e nem ela também. Quando chegou na pensão ela me chamou: “Seu João, vem aqui! Aqui tá essa folha pra fulano de tal assinar e paga ele. Tá despachado do serviço”. Só por causa disso, aí ele: “O que foi que aconteceu?” “Sei não. É lá com ela. Tá aqui seu dinheiro”. Aí num trabalhou mais. Aí eu fiquei. Nós ia pra Capivara, nós ia pro Gongo, nós ia pra Olinda, nós ia pra Pedra Furada, nós ia pro Dom Inocência, pro Escondofica pro lado de Caracol, [...] essa área aqui. (Entrevista de Joãozinho da Borda para Santana, 2023, p. 196).

Figura 7: Comunidade trabalhando na localização dos sítios arqueológicos



Fonte: Imagens A, B e C( Acervo da FUMDHAM apud Síría Borges (2007). Imagem D (Acervo FUMDHAM apud Rocha (2019).

Existem outras narrativas que contam sobre esse período de pesquisas feitas na região. A exemplo, tem-se a fala de uma moradora do Antigo Zabelê, Irinete Miranda Parente, que relembra esse período (Figura 8), em uma entrevista realizada por Síría Borges (2007) a senhora Irinete fala que:

A Niéde ficava lá em casa, dormindo e comendo da nossa comida. Quantas vezes, eu me lembro da gente participando das análises. Eu mesma ajudei muito o doutor Adauto que trabalhava como parasitologista. Analisamos mais de 200 amostras de fezes. Eu fiz levantamento das crianças do Zabelê para fazer o levantamento das amostras de fezes, eu tinha 7 a 8 anos de idade. Meu pai também ajudou muito, mostrando as plantas para os pesquisadores e ajudando na catalogação biológica, quase todos os nomes das plantas foi ele que disse (Borges, 2007, p. 94).

No ano de 1975, após alguns meses de estudos acerca da região, de toda a flora e fauna e quantidade de sítios encontrados, os pesquisadores fizeram um balanço e detectaram uma degradação ambiental no ecossistema. O motivo dessa degradação, de acordo com os pesquisadores, era causado pelas atividades agrícolas e a prática de caça dos animais silvestres, principalmente do tatu (*Dasypodidae*), incluindo como responsáveis às comunidades da região (Oliveira, 2015).

Outro ponto que foi considerado degradante era em relação ao desmatamento e queimadas dentro do ambiente, como podemos observar no documentário “Pré História da Pedra Furada”<sup>7</sup>, que mostra a queima de madeira para produção de cal, que na época era uma alternativa econômica para as comunidades do entorno. Porém, trata-se de uma ação que ameaçava a preservação do patrimônio paisagístico e arqueológico, principalmente as pinturas rupestres, nos termos exigidos pela legislação federal.

---

<sup>7</sup> Documentário: pré-história da pedra furada. Produção: TV cultura, programa cultura geral. Direção: Carlos Alberto Vicavi; Produtora: Patrícia Rodrigues, 1994. Vídeo (1 h). Disponível em: <https://youtu.be/hHjJanTTR3Q/> [https://youtu.be/md\\_8n7DjTkg](https://youtu.be/md_8n7DjTkg). Acessado em: 14 de março de 2021.

Figura 8: Doutor Adalton J. G. Araújo no Zabelê



Fonte: Adauto Araújo (Acervo de I. Souza, 2004).

Portanto, na concepção dos pesquisadores, uma forma de preservar esse patrimônio seria promovendo o desenvolvimento na região e “educar” as pessoas sobre a relevância dos vestígios materiais encontrados ali (Campos, 2019). Em 1975, foi criado o primeiro Centro de Pesquisas Regionais em Arqueologia (Figura 9). Esse espaço tinha o intuito de apresentar para a população as pesquisas desenvolvidas na região, com o interesse de que todo o material encontrado nas escavações ficasse salvaguardado em São Raimundo Nonato e fosse musealizado (Gonçalves, 2016).

A partir disso, viu-se a necessidade de criar nessas terras um parque nacional de proteção integral, encarado como capaz de gerar desenvolvimento, na visão dos pesquisadores. Então, a Dra. Niede Guidon escreveu uma carta para o Dirceu Arcoverde, governador do Estado do Piauí, pedindo a criação do parque, com o objetivo de proteger o meio ambiente e preservar os sítios arqueológicos encontrados (Oliveira, 2015):

Senhor Governador [...] minha intenção é realizar a cobertura dessas lapas antes que elas sejam destruídas, de modo que fiquem documentadas para sempre. [...] Tenho verificado de 1970 para 1973 e para 1975 que certas pinturas foram destruídas. Lapas imensas cobertas de desenhos hoje estão nuas nas paredes erodidas, pedaços de rochas com restos de figuras caídas no solo. Procuro saber as razões, obtivemos informações que durante a seca os habitantes queimaram a vegetação dos baixões e, às vezes, o vento empurrava o fogo de tal modo que ele chegava até as lapas das beiradas das falésias e o calor fez explodir as paredes, estragando para sempre esse patrimônio cultural brasileiro. Seria impossível proibir essas queimadas, mas talvez à solução que o governo do Piauí conseguisse junto ao Governo Federal que toda essa região, incluindo zonas dos Municípios de São Raimundo Nonato, São João do Piauí,

Canto do Buriti e Caracol, fosse transformada em Parque Nacional (Oliveira e Borges, 2015, p. 112).

Figura 9: Primeiro centro de pesquisas



Fonte: Acervo FUMDHAM

Em cinco de junho de 1979, sucedeu-se o processo de criação do parque, que foi nomeado de Parque Nacional Serra da Capivara. Essa etapa configurou-se por meio do Decreto Federal n.º 83.548 de 1979 (Oliveira, 2015). O artigo 2º do decreto diz que a institucionalização do Parque Nacional Serra da Capivara (PNSC) tinha por intuito:

Art. 2º O Parque Nacional da Serra da Capivara, tem por finalidade precípua, proteger a flora, fauna e as belezas naturais, e os monumentos arqueológicos, no local existente fica sujeito ao regime especial do Código Florestal, instituído pela Lei nº 44.771, de 15 de setembro de 1965 (DECRETO nº 83548 de 1979, p. 2).

Depois de criado, a área total do PNSC compreendia cerca de 100.000 hectares, passando posteriormente para 130.000 hectares. Toda essa extensão abarcou as seguintes cidades: São Raimundo Nonato, João Costa, Brejo do Piauí e Coronel José Dias - antiga Várzea Grande (Oliveira e Borges, 2015). Sousa (2009) aponta, alguns vieses que levaram a criação do parque. O primeiro foi a questão ambiental, por estar em uma área de caatinga, bioma encontrado apenas no Brasil. Segundo, a grande quantidade de sítios arqueológicos encontrados, pois trouxeram inúmeros pesquisadores de várias áreas da ciência, não apenas arqueológicas.

Se de um lado o PNSC demonstrava um grande potencial científico para os estudiosos, do outro lado da história, do ponto de vista de parte das pessoas que habitavam aquelas terras, ele se tornou motivo de esperança, mas também ameaça. Como foi dito mais acima, essas terras eram em sua grande maioria ocupadas por posseiros, e com a criação de um parque nacional tiveram suas vidas modificadas. Pois, de acordo com a legislação vigente até hoje, expressa atualmente na Lei Federal nº 9.985/00, é proibida moradias dentro de uma reserva ambiental de proteção integral.

Quando o parque foi criado, foi preciso fazer as delimitações das áreas que compreenderiam aquele espaço. Mas essa demarcação aconteceu inicialmente apenas no papel, não teve um trabalho de campo conduzido pelos órgãos competentes do governo para que fosse observada a realidade local das comunidades que compunham aquele território. Jaime Oliveira (2015, p. 18) relata que “mesmo criado no ano de 1979, a demarcação do parque nacional ocorreu somente cinco anos após, quando foi constatada a presença de comunidades em seu interior”. No caso, as comunidades mais próximas eram o sítio do Mocó e o Zabelê.

Considerando esse cenário, a comunidade Zabelê, foi a mais afetada com a demarcação do PARNA. Isso mudou a relação entre pesquisadores e comunidade, pois a mesma passou a ver nas pesquisas arqueológicas a ameaça da perda de suas terras e não somente a promessa de desenvolvimento. O Senhor Nelson Parente, falou em uma entrevista para o trabalho de Jaime Oliveira e Jóina Borges, no ano de 2015, que “[...] quando foi nos anos oitenta ela criou o Parque Nacional aí começou o dismantelo do povo do Zabelê” (Oliveira, 2015, p. 112).

Para delimitação da área, deu-se início aos estudos e mediações para que os moradores do entorno fossem removidos do local. Foram anos de negociações e conflitos entre as comunidades e os responsáveis pelo parque, até que a comunidade Zabelê foi expulsa no ano de 1988 (Oliveira e Borges, 2015). Na data de saída as pessoas da comunidade organizaram uma festa de despedida. Através dos relatos orais, as pessoas falam que foi uma despedida muito dolorosa.

Referente às construções que tinham na comunidade Zabelê, os moradores retiraram alguns materiais e depois as casas e a igreja foram demolidas. Então, a gestão do PNSC limpou o restante dos detritos, permanecendo apenas o cemitério da localidade e uma escola (Figura 10), que passou a ser um ponto de apoio nas pesquisas (Sousa, 2009). Essa escola, inclusive, foi construída pelo meu tio Lauro Santana Braga (84 anos), mestre

de obras na época e meu pai, Eronildes Santana Braga (81 anos), que trabalhou como pedreiro.

Figura 10: Prédio escolar do Antigo Zabelê



Fonte: Arquivo pessoal de Rosemary Aparecida Cardoso (2023).

O restante do Zabelê não existe mais, há apenas uma construção de uma casa de pedras que não foi demolida. Porém, falarei dessa casa no capítulo 5, pois ela é uma das coisas que cruzaram o meu caminho durante as entrevistas realizadas com os colaboradores. Depois da desapropriação, ocorreram vários conflitos, que Sousa (2009) coloca como “conflitos socioambientais” entre responsáveis pela criação do PNSC e comunidades. Quando o pessoal do Zabelê foi desapropriado, eles não tiveram para onde ir e o sofrimento de não ter uma terra para morar e voltar às atividades de trabalhador rural durou mais de 10 anos.

Sobre o processo de indenização dessas famílias, Sousa (2009) aborda que:

O processo de indenização foi incompleto, muitos não foram indenizados e quem recebeu não teve a indenização calculada levando em consideração a restituição das condições de trabalhador rural, ou seja, a indenização não forneceu as condições de aquisição de terras e de infraestrutura para agricultura e criação de animais (Sousa, 2009, p. 87).

O pessoal desapropriado passou a morar em São Raimundo Nonato e precisou procurar outros meios de sobrevivência como, por exemplo, alguns abriram pequenos comércios, outros arrumaram empregos de ambulantes, vendedores, pedreiros, guarda-noturno e vigilantes. Mas, a realidade não foi a mesma para todos. Muitos falam que passaram necessidades e que nesse período de incertezas sofreram muito e contaram com o apoio de alguns familiares que moravam na cidade. Alguns foram embora para outros estados como, por exemplo, São Paulo, Brasília e Pará, engrossando o fenômeno do êxodo rural (Sousa, 2009). Como relata a seguinte narrativa oral:

O pessoal do Zabelê nasceu e se criou dentro do Zabelê e veio só para sofrer aqui eles não entendiam de outra coisa, só de terra e para começar a trabalhar e aprender outras coisas sofreram até umas horas e outros foram embora para São Paulo, que nem eu fui, outros foram embora pra Brasília, outros pra Goiânia, para o Pará, lá tinha uma vila todinha só do povo do Zabelê, em Xinguara.(...) O pessoal mais velho que sonhava ter uma terra de verdade para morar, hoje tá morto (Entrevista de Rosa Alves Parente apud Sousa, 2009, p. 87).

Antes de abordar a criação do Novo Zabelê, vou aqui fazer um panorama geral de como se deram às condutas das gestões do PNSC com as comunidades locais e de como essas repercussões que envolviam questões arqueológicas e patrimoniais repercutiram na cidade e entre as pessoas do entorno mediante a esses conflitos. Isso se torna necessário, justamente para enfatizar que não é nosso interesse propor uma visão maniqueísta dessa realidade, mas justamente evidenciar parte de sua complexidade e contradições.

Com o desenvolvimento das pesquisas, foi criada a Fundação Museu do Homem Americano – FUMDHAM -, em 1986, para preservar todo o patrimônio cultural e natural do PNSC. Atualmente a FUMDHAM está localizada no centro cultural Sergio Motta (Figura 11) contando com instalações de reservas técnicas e laboratórios que guardam os materiais arqueológicos (Gonçalves, 2016).

Figura 11: Centro Cultural Sergio Motta



Fonte: Acervo FUMDHAM

De acordo com Oliveira (2014), a gestão responsável pelo PNSC, tomando conhecimento do impacto gerado nas comunidades por causa do parque, buscaram desenvolver projetos voltados para atividades sociais e de educação patrimonial, que viessem a contribuir no desenvolvimento turístico da região.

Rodrigues (2011) aponta que o programa de educação ambiental, de acordo com o plano de manejo do PNSC, foi idealizado em 1988 e começou a funcionar somente em 1991. A gestão do PNSC implantou projetos para mudar a realidade das comunidades locais, por meio de alternativas que gerassem renda para as famílias. Na fala de Rodrigues (2011: 79), “analisando o plano de manejo fica evidente a preocupação dos gestores com o homem atual e suas relações com o meio ambiente”.

Guidon (2007) apresenta que a FUMDHAM desenvolveu diversos projetos, como: produção apícola com a construção de três casas de mel e um centro de produção. No entorno do PNSC, construíram cinco escolas para facilitar o acesso ao ensino formal às crianças das comunidades, além de promover a capacitação dos professores da região para dar aulas contextualizadas com a realidade do PNSC. Cada escola também continha um posto de saúde, que contava com apoio da Fiocruz para levar assistência médica a toda comunidade. Rodrigues (2011) também fala de alguns cursos profissionalizantes

oferecidos pela FUMDHAM, tais como: curso de bordado, pintura em madeira e de corte e costura entre as mulheres da localidade.

Entre os empreendimentos gerados pela FUMDHAM, destaca-se também a criação do primeiro museu da região. O Museu do Homem Americano foi criado em 1994 e no seu acervo estão os materiais gerados a partir das escavações no PNSC. Alguns dos materiais são as coleções de vestígios arqueológicos: de cerâmica, líticos, material orgânico e paleontológico. Neste museu, os visitantes podem acompanhar e ver o passado do povoamento de todo o continente americano, por meio de exposição dos vestígios da antiguidade humana na América. Foi construído dentro de uma perspectiva tradicional e não tem nenhum envolvimento com as narrativas do Antigo Zabelê (Gonçalves, 2016).

Para dar apoio as comunidades locais, ocorreram algumas atividades que foram desenvolvidas pelo Núcleo de Apoio às comunidades (NACS). Esse foi um projeto criado pela FUMDHAM, em 1990, com a colaboração de uma organização não governamental (ONG), chamada de Terra *Nuova*. Mas, devido à ausência dos financiamentos que mantinha esse programa, a fundação acabou por encerrar essas atividades que eram desenvolvidas pelo NACS (Siqueira, 2013). Já em m 2001, nasceu o Pró-arte FUMDHAM, fornecendo aulas de artes visuais, de instrumentos e reforço escolar. Além também da criação de uma fábrica de produção de cerâmica artesanal, que se encontra em funcionamento até os dias atuais (Guidon, 2007).

É nítido que a FUMDHAM buscou e busca até hoje desenvolver a região que se encontra o PNSC economicamente, por meio do turismo que propiciou geração de empregos. Foram esses dirigentes da Fundação que buscaram conduzir diferentes programas educativos sobre arqueologia e patrimônio. As benfeitorias não pararam somente nesse ponto, pois no ano de 2018 foi inaugurado um novo museu, o Museu da Natureza. Nesse novo museu é apresentando a evolução da natureza do semiárido nordestino, apresentando todo acervo que foi descoberto durante as pesquisas sobre fauna e flora que compõem a área do PNSC (Almeida *et.al*, 2019).

A criação do campus da UNIVASF – Universidade Federal do Vale do São Francisco- em São Raimundo Nonato, no ano de 2004, também foi uma consequência do projeto científico conduzido pela FUMDHAM. O *campus* Serra da Capivara trouxe o primeiro curso em Arqueologia e Preservação Patrimonial em uma universidade pública federal no país, com o propósito de ofertar aos jovens da região a opção de cursar uma graduação, principalmente contando como base o potencial arqueológico da região (Oliveira, 2014). Diversos descendentes das pessoas que foram expropriadas com a

criação do Parque puderam acessar o ensino formal em Arqueologia e profissionalizar nesta área, transformando a realidade de suas famílias (Mageste & Amaral, 2021).

Para finalizar, o que essa história demonstra são acordos e conflitos decorrentes de sistemas de conhecimentos diferentes, edificados nas heranças de nossa colonização. Nessa lógica, a invisibilidade de determinados grupos e histórias, bem como o autoritarismo e violência, podem ser entendidos como problemas sistêmicos. No contexto que apresentamos, opera-se inicialmente sobre as populações indígenas, africanos e afrodescendentes, para depois estenderem-se às comunidades camponesas que se tornam obstáculos para projetos de desenvolvimento (Braga, 2021).

A Arqueologia ora aparece como aliada dessa exclusão, ora como propositora de caminhos mais democráticos, tornando as relações mais complexas (Mageste & Amaral, 2021). Os conflitos perduram até mesmo quando, anos depois, se cria o Novo Zabelê (Braga, 2021). O povo do Zabelê lutou para ter uma terra para habitar, foi assim que os moradores se organizaram e criaram uma associação pautada na busca pelos direitos básicos do trabalhador rural. Foram anos de espera, até que o Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA) solicitou ao Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), que fizessem uma aquisição de uma terra para as famílias serem reassentadas (Sousa, 2009).

## **2.4 O NOVO ZABELÊ**

O povoado Novo Zabelê foi criado em 3 de setembro de 1997 (Figura 12), dez anos depois de a comunidade ter sido expropriada do Antigo Zabelê. Essa área situa-se a 12 km da sede da cidade de São Raimundo Nonato e correspondia a uma antiga fazenda, que era chamada Fazenda Lagoa dos Padres ou Fazenda dos Padres. Para esse capítulo trago apenas algumas informações iniciais sobre esse novo assentamento, os maiores detalhes de como foi a entrada dos moradores, quem teve direito a terra e sobre a história dessa fazenda, apresentarei no capítulo 4, a partir das falas expostas pelos meus colaboradores, já que consistiu em um dos atravessamentos que testemunhei nos meus movimentos de seguir as coisas.

Para o momento, realço as reflexões da Geógrafa Jailva Vilanova (2010), que ao abordar sobre o tema da Reforma Agrária dentro do novo assentamento, traça um panorama geral dos trâmites legais e dos aspectos ocupacionais do lugar. Segundos os entrevistados pela referida autora, ao entrar no Novo Zabelê cada família recebeu uma casa, quatrocentos reais para alimentação e um crédito de mil e vinte cinco reais, que foi

usado para eles poderem comprar um trator e um caminhão que os ajudassem no manejo da terra.

Em relatos obtidos por mim no contexto de outra pesquisa na comunidade, o senhor Pedro Alcântara<sup>8</sup>, que é um ex guia mateiro, ex maníçobeiro e morador do Antigo Zabelê, e que esteve à frente da associação de moradores como vice-presidente e depois presidente, conta sobre os desafios a chegarem ao nova terra:

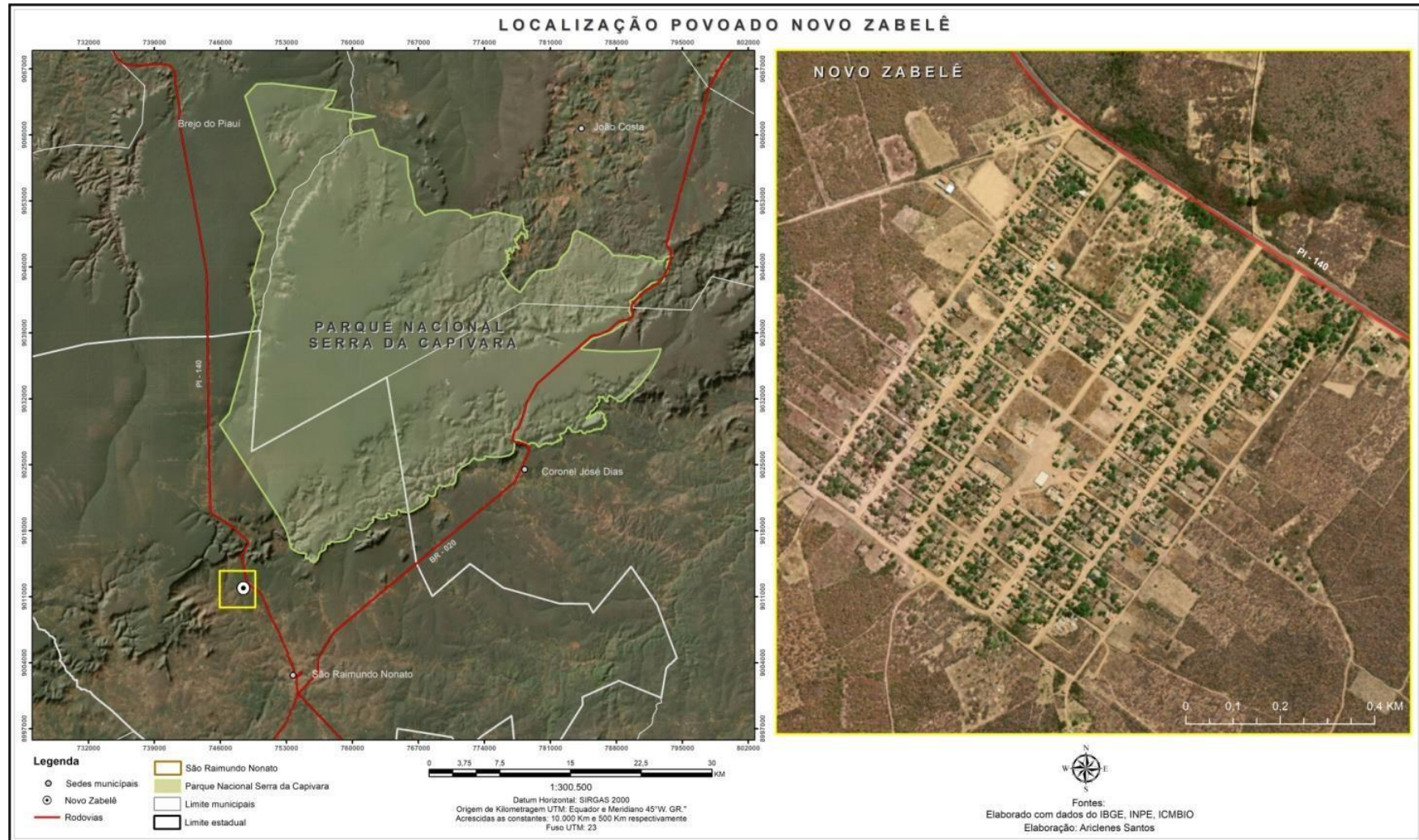
O Novo Zabelê desde o dia que nós entramos já foi meio ruim, porque nós por ordem do fazendeiro nos ocupamos na cancela na entrada da fazenda. Na entrada da fazenda tinha uma roça muito grande, cheia de mandiocas e capim. Quando estávamos lá todo mundo acampado veio uma pessoa da cidade e colocou fogo na roça. Quando nos demos fé o fogo já estava já incendiando e nós corremos, mas não teve jeito o fogo queimou tudo o que nos tinha os barracos com as cobertas, camas e as comidas. Então, foi uma coisa que começou não dar certo. Quando o fazendeiro chegou, com dois dias ele mandou que desocupasse a entrada e fosse para sede e lá na sede era pra nós cada um limpar três tarefas de terras para nós plantar porque era no mês de setembro pra outubro e nós tinha que trabalhar, enquanto o INCRA chegava para negociar a terra. Aí nós descemos lá para a sede. Cada um foi limpar sua terra e fomos plantar, mas foi o ano mais ruim porque não chegou a chover, então nós não tivemos nada. O que a gente fez, a gente criou o plano emergencial para que pudesse se assegurar. Então, a gente fez o projeto emergencial e fomos trabalhar, nós não tivemos nada de roça no ano. Quando nós entramos aqui foi no dia 27 de setembro de 1997, no dia 10 de dezembro o INCRA chegou e nos cadastrou, já ficamos responsáveis pela terra (Entrevista concedida por Pedro Alcântara, em 19 de abril de 2021).

Seu Noca conta que no ano seguinte, 1998, foi o melhor ano de inverno na região e eles conseguiram se restabelecer com a produção da roça. Também nesse ano, surgiram vários projetos voltados para melhorar as condições de vida do povo do Zabelê, o que trouxe alguns benefícios para a comunidade, como a construção da casa de doces e projetos voltados para o desenvolvimento da agricultura local, com isso o pessoal começou a melhorar de vida.

Dentro da comunidade Novo Zabelê a (Figuras 13, 14 e 15) atualmente vivem 256 famílias assentadas. Todas as casas foram organizadas territorialmente dentro de fileiras e as ruas são identificadas por um número e um nome. Existe dentro da comunidade uma igreja católica, quatro igrejas evangélicas, posto de saúde, fábrica de doce, um museu, escola, quadra de esportes e restaurantes (Trindade, 2022). É relevante ressaltarmos também que, na comunidade existem centros de religião de matriz africana e uma sede da antiga Fazenda dos Padres.

---

<sup>8</sup> O senhor Pedro Alcântara é popularmente conhecido pelo apelido de seu Noca.



Fonte: Ariclênes Santos (2023).

Os moradores vivem atualmente da agricultura, da criação de ovinos e caprinos ou ocupando empregos formais em São Raimundo Nonato, no comércio, prestação de serviços e serviço público. Vale salientar a relevância de auxílios sociais que são direcionados para o desenvolvimento de projetos de agricultura, como os "Orgânicos Zabelê" e plantação de algodão. Mais recentemente, tem o apoio de um projeto social - Projeto Veredas<sup>9</sup> - que arrecada fundos para levar melhorias até a comunidade, envolvendo-se diretamente na reconfiguração do museu local (Braga, 2021).

Figura 13: Casas do Novo Zabelê



Fonte: A autora (2024).

---

<sup>9</sup> O Projeto Veredas é um empreendimento, de cunho assistencialista, criado por um grupo de alunos do colégio Santa Cruz da cidade de São Paulo, que tem como objetivo ajudar os povos do entorno do Parque Nacional Serra da Capivara.

Figura 14: Igreja Católica da Comunidade



Fonte: A autora (2023).

Figura 15: Criação de gado nas roças do Novo Zabelê



Fonte: A autora (2023).

Sobre o Museu Zabelê (MUZAB), é uma idealização dos moradores locais: Iderlan Sousa, arqueólogo formado pela UNIVASF- Universidade Federal do Vale do São Francisco; Pedro Alcantara (seu Noca), ex maníobreiro morador do Antigo Zabelê, que vivenciou todo o processo de desapropriação; e a esposa dele, Alberta Alcantara, que também vivenciou todos esses processos. Esse museu é um vetor de memórias, apresentando um outro lado da história do PNSC, através de materialidades e memórias do povo Zabelê que resistem no presente.

O Muzab passou por duas fases de construção, na primeira fase, que vai do ano de 2018 até o ano de 2021 (Figuras 16 e 17) o museu funcionava em uma casinha simples e continha algumas coisas e fotografias expostas que em sua grande maioria foram doadas pelos próprios moradores. A segunda fase do museu é como ele está no presente (Figura 18). Foi construído um novo espaço, que tem movimentado a economia da comunidade e potencializado o turismo da área. Dentro desse novo espaço são promovidas algumas atividades educacionais voltadas para o aprendizado das crianças locais e exposição também de materiais relacionados com o Antigo Zabelê. Trata-se de um esforço apaixonado e da capacidade de mobilização de Iderlan Sousa, que tem atuado de forma constante nestas frentes mencionadas. Devo mencionar que Sousa desenvolve neste momento, trabalho de dissertação de mestrado junto ao Programa de Pós-Graduação em Arqueologia da Universidade Federal do Vale do São Francisco (Pparque UNIVASF), também voltado para o Zabelê.

Figura 16: Antiga casinha do Museu Zabelê



Fonte: Marcia Trindade (2019).

Figura 17: Parte interna de como era o Museu Zabelê



Fonte: imagens cedidas pelo IPHAN pertencentes ao acervo pessoal de I. Souza (2018).

Figura 18: Novo Museu Zabelê



Fonte: A autora (2023).

Nesse sentido, foi a partir da pesquisa com o museu, que já foi citada anteriormente, que agora nessa pesquisa utilizo da Arqueologia do Presente como um dos caminhos possíveis para observar outras coisas que as pessoas mantêm vivas nos seus cotidianos, ao mesmo tempo que intermediam relações entre passados-presentes. No caso, o estudo com a comunidade Zabelê, revela que as coisas preservadas de “antigamente”, resistiram ao momento de mudança, quando a comunidade teve que sair, no meio da dor e da luta, do seu ambiente de vivência.

Como Márcia Bezerra (2017) cita, durante a sua pesquisa: “em alguns contextos o patrimônio arqueológico autorizado não tem lugar na vida de pessoas, que, por outro lado, constroem outras paisagens e narrativas memoriais e nas quais as coisas do passado recente assumem a centralidade” (Bezerra, p. 14, 2017). Arrisco aqui a dizer, que são as narrativas materiais, as coisas que se emaranham entre pessoas e suas memórias que reconstitui um passado silenciado, no caso da comunidade aqui estudada.

### **3 PROVOCAÇÕES PARA UMA ARQUEOLOGIA DO PRESENTE: AS LINHAS, AS COISAS, OS FLUXOS, OS AFETOS E AS MEMÓRIAS**

Na presente seção, apresentarei a fundamentação teórica que vai embasar este trabalho. Posto isso, dividi este referencial teórico em duas partes. O primeiro tópico é dedicado a Arqueologia do Presente, apresentando o surgimento dessa área dentro do pensar arqueológico e como vem ocorrendo o seu desenvolvimento ao longo dos anos. Inclui também aqui uma breve discussão de como pesquisar arqueologicamente o presente, que está entrelaçado, ao meu ver, com as perspectivas de um pensamento decolonial.

No segundo tópico enfatizo três temas que foram invocados em conjunto na construção desta dissertação. O primeiro é acerca da discussão sobre ‘coisas’ e materialidades, buscando entender a relação das pessoas dentro de um emaranhado de narrativas e movimentos. No segundo subtópico, abro espaço para refletir sobre estudo das linhas, na perspectiva de Tim Ingold, observando as possibilidades de conexões entre coisas e pessoas. No terceiro tópico, costuro todo esse capítulo com a temática das memórias.

Para todos os efeitos, reconheço que as coisas, as linhas e as memórias se relacionam dentro da Arqueologia do Presente, quando imagino cada um destes vértices enquanto pontos e costuras que formam um registro arqueológico de superfície dinâmico, de uma realidade que só se tornava acessível para a arqueóloga quando estava soterrada (Harrison, 2018). De fato, frente aos objetivos desta pesquisa, encontrei nas postulações da Arqueologia do Presente, subsídios para entender como as pessoas e as coisas se relacionam atualmente e como criam e operam patrimônios e memórias, dentro dos seus emaranhados de perspectivas e afetos.

#### **3.1 POR UMA ARQUEOLOGIA DO E NO PRESENTE**

Certa vez, durante a leitura de um texto me deparei com a seguinte frase: “Os restos do passado estão ao nosso redor e nós habitamos o passado de maneiras diferentes” (Thomas, 2004). Ao olhar para a comunidade Zabelê, tema central dessa pesquisa, percebo o quanto o passado da comunidade continua vivo, seja nas memórias ou na

cultura material que ainda persiste, sendo possível pensar em um estudo de Arqueologia do/no presente.

Explorando a literatura a respeito do tema, encontramos denominações convergentes, como de Arqueologia do Passado Contemporâneo, Arqueologia do Presente, Arqueologia do Passado Recente ou Arqueologia do Mundo Contemporâneo. Dentro dessas diversidades de nomes, utilizarei o termo Arqueologia do Presente, compartilhando da proposta do autor Gonzalez-Ruibal (2014) de aglutinar o interesse pelo presente sob este termo, observando como ele se configura e o que pode nos dizer sobre a contemporaneidade. A Arqueologia do Presente pode ser entendida também como um subcampo dentro da Arqueologia Histórica, que nos apresenta diversas possibilidades de estudos sobre as relações dos seres humanos e as coisas no agora/hoje.

Antes de abordar a Arqueologia do Presente, quero apresentar onde está fincado o olhar voltado para materialidade ao nosso redor. Em linhas gerais, durante muitos anos, o olhar da Arqueologia estava direcionado a contar uma história de um passado longínquo (Cavalcanti, 2011). A possibilidade de uma Arqueologia voltada para o presente começou com alguns percussores dentro da Arqueologia Tradicional, que abriram brechas para o desenvolvimento do campo. Os estudiosos, ao direcionarem o olhar para o comportamento e os processos sociais, com vieses de método de comparação e analogia, deixaram escapes para perceber esse tempo presente de uma forma diferente (Gonzalez-Ruibal, 2014).

No entanto, conforme nos conta Ruibal (2019), a busca para estudar o presente dentro da Arqueologia pode ser dividida em dois momentos. O primeiro é com a discussão teórica inicial com a *“Archeology of Us”*. De acordo com o autor, essa linha teórica nasceu das entranhas da perspectiva da Nova Arqueologia – entre 1960 e 1970. Os pioneiros que se dedicaram a pesquisar sobre uma “arqueologia de nós”, foram William Rathje, Michael Schiffer e Richard Gould (Gonzalez-Ruibal, 2014)

Em complementariedade, Harrison e Schofield (2009) afirmam que essa “Arqueologia de nós”, estava voltada para estudos das sociedades modernas dentro do período de industrialização, realizando descrições e análises com sociedades recentes,

mas com fins de etnoarqueologia<sup>10</sup>, ou seja, olhar para o presente com o propósito de gerar analogias sobre o passado. Nessa perspectiva, outra publicação relevante para a temática foi a *Material Culture Studies*, de Rathe (1979). Esses são exemplos de estudos que estiveram focados na persistência de tecnologias tradicionais no presente.

Sobre isso, Ruibal e Vila (2018), argumentam que ao pensar em uma “Arqueologia de Nós”, os pesquisadores se dedicaram a estudar literalmente os lixos que eram produzidos pelas pessoas, observando os padrões de consumo dentro da sociedade americana. Com essa análise, observaram como eram os hábitos das sociedades, em que os dados coletados das lixeiras não condiziam com o que se propagava sobre seus comportamentos alimentares.

Devido ao forte crescimento de linhas de estudos arqueológicos que já não estavam mais tão relacionados a um passado remoto ou pré-colonial, alguns pesquisadores começaram a se envolver com iniciativas de Arqueologia do Presente, como forma de experimentar possibilidades de interpretação arqueológica para materiais contemporâneos. Temos como exemplos os estudos de Hodder em 1987, sobre gravatas borboletas em *pet shops*, e seus significados dentro da sociedade; e a pesquisa de Shanks e Tilley (1992), que analisaram os modelos de latas de cervejas suecas e inglesas (Harrison e Breithof, 2017).

Segundo os autores Ruibal e Vila (2018), por esse viés, a Arqueologia do Presente apresenta-se formalmente na década de 1990, com seu foco de estudo centrado nos séculos XX e XXI. Ao longo dos anos, incorpora mais trabalhos que buscam entender o presente por si mesmo. Tem-se, como exemplo, nos anos 2000, a publicação da coletânea “*Archaeologies of the Contemporary Past*” escrita por Victor Buchli e Gavin Lucas, que conta com artigos de outros autores, abordando temas contemporâneo sobre lembranças e esquecimentos; produção e consumo; esquecimento e desaparecimento; presença e ausência (Harrison, 2011).

Outra publicação do campo de estudos arqueológicos do passado contemporâneo, foi com as discussões do grupo *CHAT- Contemporary and Historical Archaeology in*

---

<sup>10</sup> Uma das vertentes teóricas da arqueologia é a Nova Arqueologia ou New Archeology, que surge na década de 1960, introduzindo á arqueologia norte americana novas perspectivas teóricas e metodológicas. Os principais precursores do processualismo foram Lewis Binford. Com o amadurecimento da teoria, surge o processualismo, que tem David Clarke e Colin Renfrew como principais representantes. Os focos desses estudos arqueológicos estavam em compreender sobre o passado humano, buscando um cientificismo positivista. Com isso, dentro do processualismo se buscava entender o passado estudando as sociedades vivas por meio da etnoarqueologia, que é o estudo de fazer uma etnografia das sociedades contemporâneas e o mundo material. No processualismo, a etnoarqueologia foi usada como base para observar: comportamento, cultura material e meio ambiente. (De Liaño, 2012, Silva, 2011 e Silva, 2012).

*Theory*. Esta equipe surge no ano de 2003, com o intuito de levantar discussões acerca dessa Arqueologia do Passado Contemporâneo, consolidando tais interesses de pesquisa ao se dedicar nos estudos de objetos e lugares com temporalidades recentes (Harrison e John Schofield, 2009). Para Rodney Harrison e John Schofield (2009), a Arqueologia do Presente é:

[...] A arqueologia de lugares e eventos que se relacionam com o período da memória recente ou viva- é um novo campo dinâmico e se engaja criticamente com o que significa ser “nós”, com a política da modernidade tardia, e com a natureza, forma e relevância da Arqueologia como prática de pesquisa contemporânea (Harrison e Schofield, 2009, p.2- tradução minha).<sup>11</sup>

Ainda seguindo os pensamentos de Rodney Harrison (2011), o autor destaca que nos primórdios do estudo arqueológico da vida contemporânea/presente, os trabalhos eram voltados para ruínas, coisas que estavam em desuso ou abandonadas. Isso está ligado exatamente com tratar a Arqueologia como estudo de um “passado” que está distante. O autor supracitado traz uma perspectiva de fazer uma Arqueologia do e no presente. Neste sentido, Harrison (2011) afirma que uma Arqueologia do/no presente tem como escopo “tornar o passado mais acessível, recuperar vozes perdidas, subalternas e assim fechar a distância entre passado e presente (Harrison, 2011, p.141)”. Ainda de acordo com Rodney Harrison (2011), existem dois paradoxos que diferenciam um estudo arqueológico contemporâneo e um estudo arqueológico do e no presente.

A primeira discussão é que uma Arqueologia tradicional está muito atrelada a olhar para o passado que está oculto, que está enterrado e que seriam necessários os métodos de escavação para tornar esse passado “vivo”. Já com a proposta de estudar uma Arqueologia do/no presente, devemos olhar para superfície como um processo que incluem montagens e desmontagens que vão se interligar em diferentes temporalidades (Harrison, 2011).

Os autores Rodney Harrison e John Schofield (2009), discutem que dentro da Arqueologia do Presente passou-se a ter um olhar voltado para temas com enfoques arqueológicos sobre os vieses sociais e políticos como, por exemplo, estudos da vida cotidiana, de conflitos, direitos humanos, arqueologia do desastre. Abordando essas

---

<sup>11</sup> Tradução do original: “The archaeology of places and events related to the period of recente or living memory- is a new dynamic field and critically engages whit what it means to be ‘us’, whit the politic of late modernity and the nature, from, and relevance of archaeology as a practice of contemporary research” (Harrison and Schofield, 2009, p.2).

temáticas, a Arqueologia passa a contribuir para que certos problemas sejam enfrentados dentro do corpo social emergente.

Rodney Harrison e John Schofield (2009) enxergam a Arqueologia do Presente da seguinte forma:

No novo milênio assistimos ao surgimento de uma nova geração de investigadores, cujas descobertas e reflexões são devidamente exploratórias, procurando o potencial de aplicações para além dos domínios tradicionais da arqueologia. Há também um sentimento aqui de que a arqueologia do passado contemporâneo pode tocar a vida das pessoas, e tem relevância e significado social, de maneiras que podem não existir para arqueologias de períodos anteriores. Em suma, as arqueologias do passado contemporâneo importam de maneiras que talvez nem tenhamos começado a imaginar. É isso que torna o assunto tão excitante e tão importante. (Harrison e Schofield, 2009, p. 14-tradução minha) <sup>12</sup>.

Para Thiense (2013), ao encararmos os estudos de uma Arqueologia do Presente, deixamos de lado essa dicotomia de passado x presente. Dessa forma, utilizo do conceito de multitemporalidades, como propõe o autor Yannis Hamilakis (2011, 2017). Para ele, existe uma multiplicidade temporal que articula diferentes tempos, passados, presentes e futuros entorno do agenciamento entre as coisas, os afetos, os sentidos e as memórias.

Ainda de acordo com Thiense (2013), nos estudos do presente vemos que as práticas arqueológicas são produzidas com todo nosso corpo e mente no presente. Com a visão do arqueólogo que estuda o presente, as pessoas e as coisas não são colocadas cada uma em um determinado quadrado linear, mas sim como conexões que fluem em conjunto e não separadamente. A autora ainda relata como essa Arqueologia do Presente pode trazer à tona dores ou temas que talvez não tenha tanta relevância para alguns como de um sítio arqueológico tradicional. Ela fala que:

Considero que o fazer arqueológico do passado recente possui uma importante relevância social que não existe para arqueologia dos períodos mais antigos. Se a sociedade ocidental contemporânea tem como um de suas principais características a destruição e o consequente esquecimento de si mesma, creio que o arqueólogo do passado recente tem uma importante contribuição a fazer: documentar a vida presente para as gerações futuras. Ao mesmo tempo, essa arqueologia pode ter o importante papel de desbanalizar o passado recente, mostrando, escancarando, o drama, os traumas e, por que não, as soluções da nossa vida cotidiana. (Thiense, 2013, p. 4-5).

---

<sup>12</sup> Tradução do original: “In the new millennium, we have witnessed the emergence of a new generation of researchers, whose discoveries and reflection are appropriately exploratory, seeking the potencial for appocations beyond the traditional domains of archaeology. There is also a sense here that contemporary past archaeology can touch people’s lives and has social relevance and meaning in ways we may not have even begun to imagine. That’s what makes the subjetc so exciting and so importante”. (Harrison and Schofield, 2009, p. 14).

De acordo com a perspectiva de Alfredo Gonzalez Ruibal (2014), a Arqueologia do Presente constitui um campo interdisciplinar, que inclui estudos sobre história moderna, patrimônio, arte e etnografia. Dentro da definição proposta por Ruibal (2008), o subcampo da Arqueologia do Presente é o estudo das sociedades do presente, que usa métodos e teorias arqueológicas, sem a preocupação de gerar analogias. Tal linha de pesquisa busca trazer uma colaboração sobre o entendimento de períodos mais recentes, podendo se valer de uma etnografia arqueológica, interessada nas práticas arqueológicas, objetos e as relações com as pessoas.

Expandindo a noção de uma prática de Arqueologia do Presente, Alfredo Gonzalez Ruibal (2019), nos conta que esse campo tem cada vez mais se consolidado teoricamente e metodologicamente nos países sul-americanos e na França, com o surgimento e agendas e escolas focadas nas discussões políticas e históricas. Os países ibéricos também têm incrementado os debates. Um bom exemplo nesse sentido, é a pesquisa de Diaz *et al.* (2008). Em resumo, trata-se de um estudo de caso com a temática de grafites urbanos, analisando sua produção e significado entre grupos de trabalhadores e estudantes mexicanos, que grafitam as paredes da universidade.

Outro aspecto que julgo fundamental à compreensão de uma Arqueologia do Presente é discutir as conexões que essa perspectiva pode demonstrar com as teorias decoloniais. Nesse sentido, parte-se do reconhecimento que próprio surgimento da Arqueologia está centrado em uma forma de conhecimento ocidental e moderno, imposto por meio da colonialidade do saber e a construção de dicotomias como de “antigo” e “moderno”, “passado” e “presente” (Haterman e Moraes, 2018). Desse modo, a linha de pensamento que autores como Gonzalez Ruibal defendem nos conduz exatamente na perspectiva de enfrentamento dessas heranças, por meio de um estudo do contemporâneo que denuncie o binômio colonialidade e modernidade, que são expressas pelo saber, poder e pelo ser.

Acerca desses conceitos, os autores Nelson Maldonado Torres (2007) e Walter D. Mignolo (2014), contextualizam que a colonialidade do poder “se refere às interações entre formas modernas de exploração e dominação” (Torres, 2007, p.130). Já a colonialidade do ser é relativa às experiências vivenciadas do período da colonização e como isso impactou na linguagem. A respeito da colonialidade do saber, Mignolo (2014), expressa que se trata de epistemologias ligadas às produções de conhecimentos

relacionadas com os pensamentos coloniais. Podendo estes ser de cunho científico, filosófico ou epistêmico.

Dentro das óticas de estudos decoloniais, é questionado qual a posição dos indivíduos/sociedades que estão fora desse eurocentrismo que guia essa relação entre a ciência e as comunidades que são muitas das vezes os focos de estudos. É nessa conjuntura de rompimentos coloniais que possibilita agora aos sujeitos que possam ser os agenciadores das suas próprias histórias e identidades. Assim, outras formas de conhecimento começam a ser produzidos (Salles e Feitosa, 2019). Essas discussões se encaixam com o contexto da pesquisa, que envolve a criação de um parque e desapropriação de moradores. Por meio da legislação, o estado construiu um caráter colonial em que só um tipo de saber foi considerado legítimo e representativo da sociedade nacional. Agora, pensar no que a comunidade Zabelê tem construído e transmitido, é ver a ecologia dos saberes<sup>13</sup> acontecer, defendendo a existência e relevância de que os conhecimentos são plurais (Moraes, 2021).

Nesse ponto, reconheço as possibilidades de aproximação com uma Arqueologia Social. De fato, o interesse pelo engajamento com as sociedades vai além do meramente arqueológico e vem sendo desenvolvido pela Arqueologia Latino-Americana muito antes das provocações proposta pelas perspectivas de teoria arqueológica pós-processualista. Apesar de serem bastante heterogêneos, os estudos filiados a tal perspectiva se aproximam na busca por desenvolver trabalhos que envolvem as questões da arqueologia frente a construção de temporalidades e engajamentos políticos. Trata-se de uma forma de compreender e produzir pesquisas que contribuam para a transformação da realidade contemporânea (Benavides *et al.*, 2011).

Para finalizar esta parte da discussão, acredito ser pertinente trazer exemplos de pesquisas conduzidas por autoras brasileiras, como, Luiza Wolff (2016), Daniella Amaral (2019), Mariana Zanchetta (2019) e Juliana Moreira (2021), para além daquelas que referenciei no início desta dissertação. São trabalhos que detonam questionamentos acerca de questões sociais que envolvem comunidades, patrimônios e práticas arqueológicas no presente. Tais abordagens me inspiraram a desenvolver reflexões

---

<sup>13</sup> Conceito criado pelo sociólogo Boaventura Santos, no ano de 2004. Ele defendeu a ideia de que é necessário haver um diálogo entre os diferentes tipos de conhecimentos, para que seja possível encontrar o equilíbrio diante a relação das ciências naturais e sociais. Dentro da Arqueologia, esse termo pode ser conceituado como apresenta o autor Oliveira (2022): “refletir sobre conhecimentos dominantes que estruturam as representações sociais” (Oliveira, 2022, p.49). Dessa forma, para o autor Oliveira (2022), dentro da Arqueologia a aplicação da ecologia dos saberes, proporciona conhecer uma multiplicidade de outros conhecimentos e realidades que aparecem dentro dos estudos etnográficos com comunidades.

semelhante. Além disso, são pesquisas que trazem uma crítica aos princípios ontológicos e epistemológicos da Arqueologia, ao proporem desenvolver uma mudança de caráter social e político dentro do fazer arqueológico e da gestão de patrimônio.

Falar de dores, traumas com a perda de suas terras e de como era a vida cotidiana vai exatamente ao encontro com as propostas dessa pesquisa, ao propormos uma Arqueologia do Presente na comunidade Novo Zabelê. Olhar para essa comunidade nesse presente, é enxergarmos materialidades, memórias e afetos que permanecem e vêm persistindo a muitos anos. Assim, vamos ao encontro com o que a autora Luiza Wolff (2016, p. 36) fala: “em qualquer trabalho arqueológico deveríamos levar em conta o mundo material e social integrado para buscar um entendimento dos coletivos independentemente da temporalidade”.

Com esta premissa, Wolff (2016) desenvolveu uma pesquisa com comunidades de religião de matriz africana na região de Pelotas, no Rio Grande do Sul (RS). Por meio da etnografia arqueológica ela analisou três terreiros, focando seu olhar na produção de tambores e uso dos objetos durante as cerimônias. O estudo dela não é específico somente para a parte material, pois em suas análises ela fala dessa relação da religião-afro com os seres humanos e não humanos e como isso se constitui nos espaços e vidas daqueles que experienciam essa cultura.

Na sua pesquisa, Daniella Amaral (2019) trata da produção de vasilhas de cerâmica (potes de água), que são produzidas no tempo presente por mulheres de três comunidades, que são as loiceiras. O estudo é voltado para observação etnoarqueológica de três comunidade pernambucanas. A autora volta seu objetivo para perceber o uso do barro dentro da cultura sertaneja e como que os pots são utilizados dentro do cotidiano familiar desses lugares. Para ela, o uso desses pots é uma forma de resistência dessas pessoas no meio do clima semiárido. Nesse viés, Amaral (2019) aponta que, os objetos/coisas transcorrem em temporalidades diferentes, assim como podem ter outras narrações. Portanto, a Arqueologia do presente/passado contemporâneo traz uma visão de arqueologias engajadas no conhecimento de sociedades vivas, por intermédio de teorias arqueológicas. Busca assim uma união entre o pensar as materialidades e contemporaneidades.

Em similitude, a autora Mariana Zanchetta (2019), ao trabalhar com comunidades e sítios arqueológicos de registros rupestres, problematiza como as comunidades falam de significados e seus conhecimentos sobre essas materialidades. Um ponto que a autora também discute é sobre os caminhos e possibilidades de uma Arqueologia do

contemporâneo, quando encaramos sociedades do presente a nossa prática arqueológica pode trazer uma nova sensibilidade nos próprios discursos que são implantados pelas nossas ações enquanto pesquisadores. O fazer arqueológico presente desencadeia um afastamento dos discursos imperialistas. Isso é um ponto relevante principalmente quando nos envolvemos com comunidades que sofreram algum impacto com as práticas arqueológicas.

Já o trabalho de Juliana Moreira (2021), aborda as questões da Arqueologia do Presente e as provocações de uma Arqueologia da Loucura, quando analisa um prédio abandonado onde antigamente funcionava um hospital psiquiátrico, no município de Barbacena, em Minas Gerais (MG). A referida autora discute que esse prédio é do século XX e ele foi usado como um espaço que excluía as pessoas doentes mentais do convívio social. Moreira (2021), faz uma análise do prédio em si e dos usos dos objetos expostos no local, demonstrando o poder das coisas em denunciar discursos normativos. Vai também pelos vieses teóricos de uma Arqueologia da Arquitetura e análise dos artefatos presentes nesse antigo prédio.

Um outro trabalho interessante de citar é o de Matheus Mota (2021), que trabalha com Arqueologia do Presente entre um grupo de artesões que fabricam guitarras. A discussão do autor gira entorno de um estudo do contemporâneo com materiais perecíveis. Segundo ele, aí está uma outra face dos estudos das relações com as sociedades contemporâneas, devido ao fato de esse olhar para o agora e documentar arqueologicamente cada fato, nos leva a compreender processos que muitas vezes podem não resistir as intempéries do tempo. A pesquisa aqui em curso propõe pensar, que também as coisas podem não resistir ao tempo quando pensamos que muitas vezes as sociedades podem se desfazer de seus objetos que evocam o sentido de uma vida cotidiana passada.

Acredito que os estudos apresentados revelam a efervescência e heterogeneidade dos estudos de Arqueologia do Presente no Brasil. Para o caso da minha pesquisa, utilizei-me destes referenciais para articular uma abordagem que fosse aberta para discutir as materialidades e as pessoas. Em meu percurso, busquei relacionar tais temáticas com três categorias: A materialidade, as múltiplas temporalidades, a etnografia e as comunidades (Silva, 2017). Assim, experimentei aproximar tais interesses com os estudos das ‘coisas’. Quando escrevo sobre coisas, me refiro a abordagem que é utilizada por Tim Ingold (2012). No tópico abaixo, discutirei com mais profundidade este exercício teórico que me propus a realizar.

### 3.2 AS LINHAS, OS FLUXOS E AS COISAS

Falar sobre um estudo dos fluxos, linhas, coisas e emaranhados dentro de uma proposta de Arqueologia do Presente mostrou-se uma possibilidade atraente na condução dessa pesquisa. Antes, quero ressaltar as questões de simetria proposta por Bruno Latour com a teoria do ator rede e depois acompanhamos a noção de Tim Ingold sobre fluxo.

O antropólogo Bruno Latour aborda em seu livro: “Jamais fomos modernos: ensaio de Antropologia Simétrica”, que a Antropologia Simétrica deve ser um ramo atento para as relações humanas e não humanas. Defende a execução de uma Ecologia Política, que seria uma antropologia não limitada apenas com as culturas, mas que denuncia a divisão Cultura e Natureza como empreendimento científico e social imposto pela Modernidade (Latour, 1994).

No que tange aos discursos sobre Ecologia Política, é necessário retomar ao que a modernidade entende das relações Natureza e Sociedade. Em que uma tem que dar garantia de que a outra seja segura e estável. A alternativa é tentar abolir a cisão natureza X sociedade, deixando de existir enquanto coisas vistas como separadas ou câmaras de divisão. Assim, os conceitos adotados pela ciência e pela política moderna passem a enxergar humanos e não humanos/seres e coisas simetricamente. A teoria do ator-rede é um produto desta Antropologia Simétrica e Ecologia Política. Dessa maneira, retrata que as relações sociais estão construídas por meio de redes que marcam as ligações entre ser humano e os materiais, produzindo interferências no ser e em como ele se comporta (Macedo, J. 2011; Neumann, 2008).

Em oposição e crítica ao Latour, o autor Tim Ingold (2012), não delimita as relações entre humanos não humanos por meio de redes, mas propõem o uso do termo malhas. Para ele as redes partem de um ponto de contato fixo e de conexão, diferente das malhas, que surgem por meio de um emaranhado de linhas que geram fluxos e não estão conectadas. Assim, as coisas humanas e não humanas permanecem em movimento.

Nesse sentido, me interesse em seguir as coisas do Antigo Zabelê que estão em movimento. Para isto, a escolha por trabalhar com as discussões do autor Tim Ingold (2012, 2022) e com o autor Daniel Miller (2013) me levaram a refletir sobre outra forma de olhar para as relações entre os seres humanos e a cultura material. Abordando assim, o que defendo nessa pesquisa: os fluxos, as linhas, as coisas e as memórias. Todos esses

se conectam dentro de um emaranhado. Então, reflito sobre a seguinte questão: como podemos abranger esse tema arqueologicamente?

É pertinente falar que, não existem muitos trabalhos arqueológicos e/ou patrimoniais que foquem especificadamente no sentido das linhas e as coisas. Entretanto, como estou encarando esse desafio de falar das linhas que Tim Ingold (2022) aborda, abaixo irei explicar o que são essas linhas na visão de Ingold. Acerca do tema sobre estudo das linhas, Ingold (2022) aponta que:

Linhas não é o nome de uma teoria, respondi, nem as invoco como uma figura para suscitar, por analogias, alguma propriedade ou propriedades do mundo que formariam o tópico da minha investigação. As linhas, insisti, são em si mesmas um fenômeno. Elas estão realmente aqui, dentro de nós e ao nosso redor. Na verdade, não há como escapar delas, pois qualquer tentativa de fugir delas só nos coloca em contato com mais uma (Ingold, 2022, p. 17).

De acordo com as teorias propostas pelo autor supracitado, a palavra linha surge do termo em latim *linea*, que significa um aglomerado de fios. O uso do termo linhas pode ser entendido também como um traço fino, uma delineação ou esboço, uma extensão ou limite ou diversos outros tipos de traçado. O que Tim Ingold trata em sua obra é a maneira de abordar o conteúdo de linhas, no sentido do que essas linhas podem nos dizer dentro da vida cotidiana (Ingold, 2022).

Para Tim Ingold (2022), desde o andar, tecer, observar, até o contar histórias, cantar, desenhar e escrever fomentam o surgimento de linhas. Nesse sentido, as coisas e as pessoas são formadas por uma junção de linhas, onde se unem em movimento e crescimento. Assim, “toda coisa é um parlamento de linhas (Ingold, 2022, p.27)”. Na concepção do autor, ao realizar-se um estudo sobre pessoas e coisas, torna-se no final das contas um estudo das linhas, que atravessam todos os seres. Na conjuntura, Tim Ingold (2022), descreve os diversos tipos de linhas que podemos nos conectar. Um traço, um fio, cortes, rachaduras, linhas fantasmas, linhas que não se encaixam, labirintos, voltas, desenhos. São inúmeras as taxonomias usadas para designar uma linha.

Sobre as coisas, Tim Ingold (2012) aborda que: “o mundo em que vivemos é composto não por objetos, mais por coisas (Ingold, 2022, p.27)”. Nessa proposta, o autor estabelece uma diferença entre usar o termo objeto e coisas. Com base em Heidegger (1971), o objeto é a forma que se encontra consumada, mas a coisa seria o que Tim Ingold explica: “A coisa por sua vez, é uma acontecer, ou melhor, um lugar onde vários acontecimentos se entrelaçam. Observar uma coisa não é ser trancado do lado de fora, mas ser convidado para a reunião”. (Ingold, 2012, p. 29).

Tim Ingold (2012) argumenta ainda que, ao tratar materialidade como coisa, busca visualizá-la não como algo acabado e sim como composta por um conjunto de outros fios, que se unem e não permanecem estáticos. Nas palavras do autor, as coisas não ficam paradas e sim “vazam”, unindo-se assim como outros meios e outras vivências que se envolvem com outros fluxos e conexões. O autor estimula não somente descrever essa materialidade que une fluxos, mas sim segui-la, se surpreendendo com os caminhos que elas englobam e conectam. Ao mesmo tempo é crítico a Latour e a ideia de agência das coisas, já que na sua opinião, as coisas nunca estiveram mortas ou paradas para serem reanimadas por “agência”.

Para Miller (2013), as coisas e os sujeitos não se separam e sim estão conectados. Para o autor, construímos coisas ao mesmo tempo em que a criamos. Nesse sentido, não se tem uma separação entre sujeitos e materialidades. De acordo com o pesquisador, as coisas e a sua materialidade são partes fundamentais do processo que nos torna o que somos. Assim, existe uma construção de diálogos que operam essa relação entre sujeito e matéria. Miller explica que a relação entre criador e criatura é simultânea e isso gera a objetificação.

Um exemplo de abordagem próxima, que busca seguir as coisas no sentido proposto por Tim Ingold (2012), é o trabalho do arqueólogo Lucas Silva (2018), quando ele estuda arqueologicamente uma comunidade pesqueira da região do Rio Grande do Sul, dentro da comunidade Barra de João Pedro. O autor trata sobre os fluxos entre os pescadores com suas tralhas e a relação deles com a água. É dentro das linhas etnográficas que ele vai articular e observar como é o dia a dia dessas pessoas na lida com a atividade pesqueira e como as coisas atuam no mundo e fluem junto com as pessoas.

Outro exemplo que experimenta a proposta das linhas de Tim Ingold é o artigo da antropóloga social Mayane Batista (2020). Esse artigo versa sobre as linhas observadas pela autora na cidade de São Paulo. Nessa forma, Batista (2020) traça um olhar para as linhas e no perceber os seus fluxos alinhados aos movimentos do seu corpo enquanto caminha pela cidade grande. Para ela esse movimento gera: “Uma reunião de linhas materiais. Vidro, concreto e metal dão corpo ao campo. Campo percebido através dos olhos, pés, mãos, corpo. Nossa vida é vivida entre as linhas?” (Batista, 2020, p. 282).

Alguns pesquisadores da área da educação também se aventuraram em perceber o mundo através das linhas. Um bom exemplo é o trabalho de Noele Toja *et al.* (2023), que se utilizam da Antropologia das Linhas de Ingold, como base para entender os

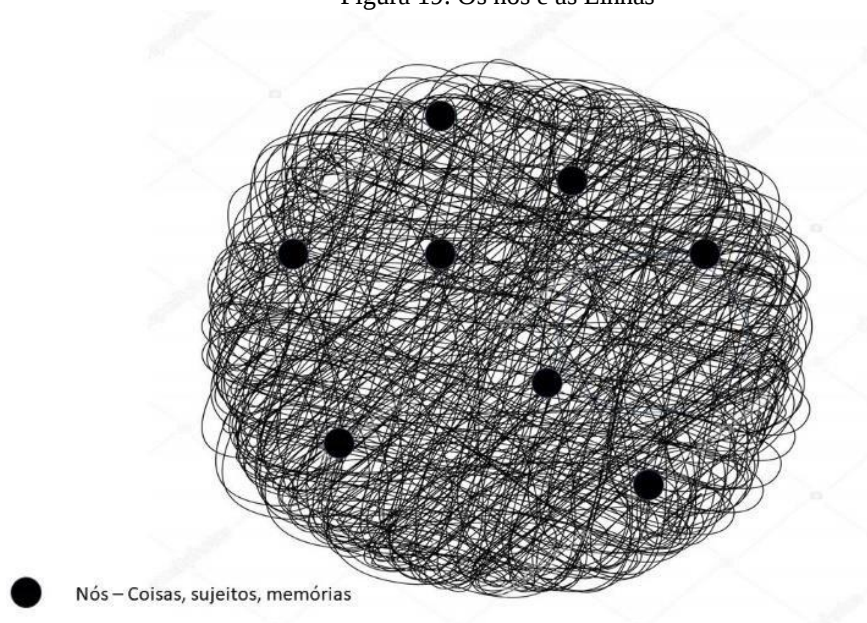
movimentos gerados pelas mulheres que bordam durante o seu cotidiano. Segundo os autores:

Mobilizamo-nos em um mundo que se encontra sempre em devir; são linhas, traços, fios que geram superfícies quando tramados em movimentos. São redes de complexidades, tecidas coletivamente quando tramados em movimentos. São redes de complexidades, tecidas coletivamente por movimentos sociais, educacionais, políticos, culturais e artísticos que vão nos ajudar a tecer nossos processos de singularização e, assim, tecer os currículos escolares nos/dos/com os cotidianos (Toja et.al, 2023, p. 899).

Foi espelhando nesta pluralidade de trabalhos que buscam através das linhas perceber quais são as outras tramas que estão movimentos e as possíveis formações de emaranhados, que busquei seguir as linhas que me levaram até as coisas da comunidade do Antigo Zabelê. Tais coisas são constituintes de emaranhados de memórias. As linhas, nesse sentido, servem como fio condutor para discutirmos sobre as coisas e seus encontros. Imaginemos aqui o Antigo Zabelê e o Novo Zabelê em formato de um mapa, são essas linhas que passam por entre esse mapa, que nos trazem a relevância das narrativas sobre o lugar e as coisas.

Com isso, um outro ponto central que vai reger por meio das coisas é a memória social. A partir das narrativas orais, busco observar os vínculos da comunidade com as coisas que ainda existem sobre o novo Zabelê. A imagem abaixo (Figura 19), demonstra como ficariam as linhas aqui estudadas. Podemos ver que existem as linhas e a partir delas podemos perceber as coisas, as pessoas e as memórias. Cada ponto ou linhas acabam se conectando, se o nó vai ser uma coisa, pessoa ou memória vai depender da posição que cada um ocupa dentro dessa teia.

Figura 19: Os nós e as Linhas



Fonte: A autora (2023).

Para finalizar, abro um parêntese aqui para falar sobre “cumplicidade subversiva”, defendido por Ramón Grosfoguel (2012), no intuito de balizar as relações que estabeleci com o corpo teórico mencionado e, principalmente, com o pensamento de Tim Ingold. Segundo Grosfoguel, este termo significa maneiras de resistências contra as relações de poder hierárquicas e desiguais. O conceito é utilizado pelo autor quando ele critica o que é chamado de “sincretismo religioso” dentro das religiões de matriz africanas, para falar de apropriações e possibilidades de aliança entre epistemologias diversas. Assim:

As imagens católicas foram transculturadas, transmodernizadas e descolonizadas por meio da cumplicidade imposta pelos escravizados, que subverteram e ressignificaram esses santos dentro de uma cosmologia africana, transformando-os em deuses africanizados (Grosfoguel, 2012, p.353).

Nesse sentido, aplico o termo de cumplicidade subversiva para dizer que, ao aplicar a teoria ingoldiana das coisas e das linhas nessa pesquisa, tenho consciência que se constitui enquanto uma apropriação da proposta do antropólogo Tim Ingold (2012/2022), que está sendo manejada, recortada e ressignificada perante os problemas e linhas que me atravessaram no desenvolvimento desta pesquisa. Ao enxergar sua compatibilidade com a Arqueologia do Presente, tomei a liberdade de usar conceitos e teorias, reimaginando e recortando-os para melhor compreensão das questões da pesquisa.

### 3.3 OS AFETOS

Cheguei à teoria porque estava machucada – a dor dentro de mim era tão intensa que eu não conseguiria continuar vivendo. Cheguei à teoria desesperada, querendo compreender – apreender o que estava acontecendo ao redor e dentro de mim. Mais importante, queria fazer a dor ir embora. Vi na teoria, na época um local de cura (Hooks, 2013, p. 83).

Começo aqui aludindo a notória citação de uma das importantes autoras do feminismo negro norte-americano, a autor Hooks (2013), que propõem a busca pela teoria como prática libertadora. Durante a leitura do texto, a autora provoca alguns questionamentos de como podemos ter a teoria como aliada para tecer questionamentos críticos e reflexivos sobre determinados assuntos ou conhecimentos que muitas vezes são silenciados.

Ao estar em um lugar como arqueóloga, que trabalha com uma comunidade que tem suas dores e receios com as próprias violências epistêmicas provocadas pela Arqueologia anteriormente, me pergunto, enquanto leio Hooks (2013), como propor no desenvolvimento deste trabalho, parafraseando a autora: uma teoria que pode ser um lugar de cura? Assim, como Bell Hooks narra: “A teoria não é intrinsecamente curativa, libertadora e revolucionária. Só cumpre essa função quando lhe pedimos que o faça e dirigimos nossa teorização para esse fim” (Hooks, 2013, p. 86).

Para refletir criticamente sobre as teorias e as Arqueologias que foram desenvolvidas na região piauiense durante as décadas de 1970 e 1980, principalmente aquelas onde o desenvolvimento científico da Arqueologia estava pautado somente nos artefatos com temporalidades antigas, compreender historicamente os conflitos gerados a comunidade Zabelê, me leva a aplicar a pergunta já feita por Juliana Machado: “a quem interessa o passado?” (Machado, 2017, p. 89) e como podemos: “repensar o conhecimento produzido sobre o passado além dos muros científicos, incitando a inclusão de vozes, por vezes dissonantes, sobre o que, durante muito tempo, chamamos de ‘nosso’ problema de pesquisa” (Machado, 2017, p. 93).

Atrelando isso ao desenvolvimento do meu trabalho com Arqueologia e com a comunidade Zabelê, busco me envolver com Arqueologias mais próximas da sociedade, e ser afetada, como propõe a autora Jeanne Favret-Saada (2005), aberta para uma Arqueologia do Sensível. Para a autora Lima (2019), uma Arqueologia do Sensível, é a busca para desenvolver uma pesquisa arqueológica mais humilde, desalienada e comprometida com as sociedades e com o patrimônio a qual elas evocam.

Para Mageste e Amaral (2022), dentro das possibilidades abertas pela Arqueologia do Presente, é possível pensarmos nas Arqueologias Afetivas. Nesse sentido, compactuo da definição dos autores citados, sobre o que é afeto:

Entre uma diversidade de definições, podemos concordar que falamos de afetos para mencionar as capacidades corporais e pessoais de afetar e ser afetado, vinculadas com as possibilidades de ação de um corpo se envolver e se conectar com a diversidade de elementos e associações que compõem a sua existência (Mageste e Amaral, 2022, p. 3)

Mas, como que o afeto pode ser utilizado nesta pesquisa? Os autores realçam as linhas de estudos arqueológicos desenvolvidos na Univasf, que nos últimos anos tem gerado inúmeros trabalhos politicamente comprometidos com as comunidades piauienses do entorno do PNSC. Muitos dos discentes são moradores ou descendentes dessas localidades e passaram a olhar para seus contextos e produzirem a chamada Arqueologias Afetivas. São estudos que questionam os discursos autorizados em relação ao patrimônio (Mageste e Amaral, 2022). Dessa forma, o afeto se apresenta ao escutar a comunidade e trazer as suas narrativas como parte de uma história que não está presente no discurso oficial, mas, é cheia de significado e vozes.

Nas palavras dos autores essas Arqueologias Afetivas, no plural, “não se constroem com limitações temporais ou temáticas impostas por programas pautados no racionalismo e objetivismo da modernidade, possibilitando o trânsito de diferentes narrativas” (Mageste e Amaral, 2022, p.28). Se antes a preocupação da ciência arqueológica desenvolvida no semiárido nordestino, era somente a antiguidade pré-colonial, hoje as novas perspectivas vêm sendo desenvolvidas junto das memórias e afetos de comunidade locais. E como a memória pode contribuir para esses estudos?

### **3.4 AS MEMÓRIAS ENQUANTO EXPERIÊNCIAS**

O que eles sempre contaram é que as terras lá eram muito férteis e que eles amavam muito a questão paisagística do lugar. Eles achavam muito lindo o lugar que eles moravam, então tinham um apego muito grande por aquelas terras. E apesar da distância até a cidade de São Raimundo Nonato, que era muito grande, eles nunca pensaram na possibilidade de se mudar (Amanda Alves, 21 anos, 2021).

Para começar a discussão sobre memória, abro esse tópico com uma das falas que escutei de uma moradora do Novo Zabelê, durante o desenvolvimento da minha pesquisa de monografia no de 2021. O ponto que quero abordar com essa citação é que muitas das

memórias de ex-moradores do Antigo Zabelê são repassadas para as pessoas mais jovens, possibilitando a visão de novas memórias e experiências sobre aquele passado.

Essas memórias repassadas, me levam a pensar como a autora Aline Bernar (2022) questiona: “Que tempo mais curioso esse que pertence ao passado, mas não fica por lá? Tempo que insiste em seguir, como se não tivesse limite ou não pertencesse a um determinado evento localizado no passado” (Bernar, 2022, p.59). E adiciono mais uma interrogação: Que memórias são essas que permeiam por outras linhas e se entrelaçam em outras vidas?

Como o autor Jô Gondar (2008) aponta, a memória é um conceito polissêmico, e comporta diferentes sentidos e explicações a depender dos pensadores com qual trabalhe com esse tema. Assim, existem diversos conceitos como, por exemplo, memória individual, memória coletiva, lugares de memória, memória como experiência ou memória como vetor. De início vamos mergulhar no que alguns autores mais tradicionais falam sobre memória, a começar por Maurice Halbwachs (1990).

Para Maurice Halbwachs (1990) memórias são como impressões que ficam na mente humana devido as relações que ocorreram anteriormente, assim, a memória individual só existe quando se conecta com o coletivo proporcionado por aquele grupo. Halbwachs, seguia a teoria de Durkheim, defendendo a ideia de que a memória é socialmente construída. Para o autor, a memória coletiva é formada por um conjunto de lembranças que conecta grupos sociais distintos em uma determinada cultura. Portanto, basicamente a ideia de memória que Halbwachs defende é que, as lembranças que temos do passado, apesar de permanecerem nos pensamentos individuais, só existem por meio dos contextos sociais nos quais estamos inseridos. Para o autor, lembrar-se do passado é resultado de interações entre pessoas, grupos, lugares, bens materiais ou imateriais, que fazem parte dos contextos sociais onde construímos nossas memórias.

Nesse sentido, Halbwachs (1990), coloca que as memórias coletivas permanecem nas nossas lembranças. Quando relacionamos com as memórias de uma determinada comunidade, os fatos e acontecimentos nunca existirão sozinhos, pois é por meio da vida em um grupo social que as pessoas têm lembranças em comum. Assim, é possível recordar tudo o que se viveu através do que a memória do outro gera em você. No caso, nesse estudo essa memória coletiva é uma linha, cada pessoa vai puxar o seu fio de narrativa que em conjunto com as outras recordações ela se torna a história daquele lugar.

Um segundo pensador que discute sobre memória é Pierre Nora (1993), que para ele a memória é:

[...] a memória é a vida, sempre carregada por grupos vivo e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta a dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, venerável a todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e de repentinas revitalizações. A história é a reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais. A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente; a história uma representação do passado. Porque é afetiva e mágica, a memória não se acomoda a detalhes que a confrontam; ela se alimenta de lembranças vagas, telescópicas, globais ou flutuantes, particulares ou simbólicas, sensível a todas as transferências, cenas, censuras ou projeções (Nora, 1993, p. 9).

Outro conceito que Pierre Nora (1993) aborda é o de lugares de memórias, para o autor esse termo significa restos materiais que dão suporte para que determinados grupos possam consolidar e projetar as suas memórias. Por traz da criação de um lugar de memória, é necessário existir a intencionalidade daquela comunidade numa ação coletiva que busque resistir e manter viva aquela dimensão simbólica. O interesse na construção de um local de memória, é de perpetuar essa história e lutar contra o esquecimento<sup>14</sup>.

Partindo para discussão com outros autores, como a autora Myrian Santos (2002), que considera a memória como a capacidade de lembrar-se do passado e que depois de serem vivenciados esses momentos, eles se tornam recorrentes nas nossas mentes. Ainda de acordo com ela, a atitude de lembrar e fazer memória apresenta diversas nuances, que vão além de repetir atitude. Pode ser memória, sentimentos, construção de identidades ou atos que repetimos diariamente (Santos, 2002). Segundo Santos (2002), explica que as memórias coletivas são construídas por meio dos atores sociais e suas experiências de vidas. Assim, considera-se a memória social como um processo de formação e manutenção social, que varia de acordo com contextos e situações históricas. Que ao recordar o passado, estamos o recriando dentro de uma estrutura simbólica coletiva, para defender certos processos de lembranças.

Atrelando esses conceitos com as comunidades locais, em específico aqui a comunidade a qual trabalho, o Antigo e Novo Zabelê, eles são responsáveis por explicar o que se lembra e o que esquece, como podemos ver mais adiante nas discussões pontuadas por Araújo e Santos (2007). Esses autores indicam alguns estudiosos que tratam sobre o esquecimento e a memória, onde muitas vezes ocorre um processo de silenciamento de histórias que não comunguem da memória oficial, do que está em

---

<sup>14</sup> O conceito de Lugares de Memória de Pierre Nora é voltado para as construções oficiais: Museus, escolas, bibliotecas etc. No entanto, ressignifico este conceito nesta pesquisa para relatar algumas estruturas da comunidade Zabelê como, por exemplo, a escola, uma casa de pedra, os reservatórios de água e o cemitério local estão dentro de um Parque Nacional de Proteção Integral, entendendo-os como espaços consagrados pelas narrativas sobre o passado produzidas na comunidade.

evidência naquele contexto e então outras memórias passam a ser lembranças proibidas ou que as pessoas preferem não falar.

Quando enquadramos esses conceitos em relação as coisas e as pessoas do Antigo Zabelê, entende-se que as coisas ali guardadas como recordações pessoais, são peças fundamentais dentro dessas memórias. É através desses aconteceres que as memórias coletivas se apoiam como ato de lembrar, transformando assim as suas experiências enquanto comunidades que sentem ainda os efeitos sofridos e dores a respeito do seu passado (Araújo e Santos, 2007).

Para Tolentino (2017), a memória faz parte de um resultado das ações praticadas pelos sujeitos que estão sempre construindo e reconstruindo para trazer dentro desses acontecimentos o que lembrar e o que deixar no esquecimento. Com isso, a memória é algo construído dentro dessas relações com os materiais entre as pessoas e os objetos que lhes pertencem.

Pensando pelo tema da memória enquanto experiência, o autor Jean Camoleze (2020), defende que a memória é reflexo oriundo de experiências e vivências de uma determinada sociedade. Ele também fala que a memória é seletiva, assim, cada indivíduo, por ser e estar no meio social, tem muitas vezes as suas lembranças e silenciamentos através das suas relações com os outros. Ainda de acordo com Camoleze (2020), as memórias tanto individuais quanto a coletiva traduzem as questões de experiências sociais advindas de outras pessoas:

Assim, as experiências vividas pelos agentes históricos colaboram na formação de ideias, dos valores e da memória, sejam coletivos ou individuais. Tais aspectos apoiam a formação da memória coletiva e suas reflexões sobre o sujeito e seu grupo de referência, seja no tempo atual ou passado. Decorre, então, a importância de salvaguardar esta memória, não apenas pelos valores e tradições, mas também pelo seu auxílio na história e nos dados incontidos e incontáveis (Camoleze, 2020, p.176).

Me apoiando nas ideias do autor supracitado, vejo que essas experiências ocorrerem dentro do Novo Zabelê, como foi possível observar na fala da colaborada citada no início desse tópico. Ainda segundo o autor, as experiências geradas com as memórias, podem acontecer em temporalidades diferentes, como no caso das transmissões dessas memórias para outros indivíduos. Assim, o ciclo da memória está correndo por entre os sujeitos e os espaços aos quais eles pertencem dentro daquele grupo.

É por meio das vivências que ocorre a transmissão dos saberes e valores compostos pela geração da memória coletiva. Assim, a memória do tempo passado acaba por restabelecer conexões com o presente (Camoleze, 2020). Outros autores como

Danielle Achilles e Jô Gonda (2016), apontam a experiência como memória enquanto um fio condutor dentro de um processo de construção singular relacionado com as questões contemporâneas de cada indivíduo e dos seus modos de vida.

Outro autor que discute sobre essa temática é o Koselleck (2006). Para ele, a experiência é fruto dos acontecimentos do passado que se atualizam no presente a partir do momento que esses fatos são lembrados. As circunstâncias vivenciadas por um determinado indivíduo podem vir não necessariamente de um passado a qual ele vivenciou, mas de relações geracionais advindas de outras pessoas com suas bagagens de experiências. Ainda de acordo com Reinhart Koselleck (2006):

Tem sentido se dizer que a experiência proveniente do passado é espacial, porque ela se aglomera para formar um todo em que muitos estratos de tempos anteriores estão simultaneamente presentes, sem que haja referência a um antes e um depois. Não existe uma experiência cronologicamente mensurável – embora possa ser datada conforme aquilo que lhe deu origem –, porque a cada momento ela é composta de tudo o que se pode recordar da própria vida ou da vida de outros. Cronologicamente, toda experiência salta por cima dos tempos, ela não cria continuidade no sentido de uma elaboração aditiva do passado. (Koselleck, 2006, p.311).

Pensar nessas experiências na perspectiva desta pesquisa, reflete como os caminhos das memórias do povo do Antigo Zabelê são traçados por um conjunto de relações entre passado, presente e futuro. Cada uma das coisas que surgem e que contam determinada narrativa é ligada a outras pessoas que não necessariamente vivenciaram aqueles momentos dentro da antiga comunidade, mas que estabelecem novas vivências com esses restos materiais que contam uma história.

Existem alguns estudos como o do autor Ayoub (2016), que traz questionamentos de como a memória pode ser utilizada através dos artefatos. É por meio desses estudos alinhando narrativas e materialidades, que se pode contar determinadas versões de história de coletivos. Ainda de acordo com o autor, esse foco em discutir os estudos da Arqueologia e Teoria da Memória vem sendo discutido por alguns arqueólogos. Durante os estudos de Ayoub (2016), a memória é empregada junto dos artefatos para compreender a múltipla temporalidade do passado, por meio da biografia de cada materialidade. É essa cultura material vista como um repositório carregado de memórias, que contém diferentes interpretações e reinterpretações. Assim, esses artefatos são o principal canal na geração de lembranças do passado. Trata-se de posicionamento parecido com aquele expresso por Ruth Van Dyke (2019), ao afirmar que a Arqueologia é memória, que liga a construção social por meio das relações entre as coisas e os lugares.

Com tais provocações em mente, podemos imaginar como as coisas do Antigo Zabelê se constituem como um sítio arqueológico do presente que está a céu aberto e tem a memória enquanto um vetor que conecta cada ponto. Os artefatos/materialidades sozinhos não tem um sentido em si, mas são portadores das memórias dos sujeitos com os quais se tem experiências vivenciadas ao longo do tempo (Gonçalves, 2015).

Compreender as coisas enquanto vetores de memória, significa: “ativar a memória, colocá-la em atividade, fazê-la trabalhar. A memória, portanto, não está nos artefatos, ou nas canções, ou em nomes de cidades” (Gonçalves, 2015, p. 18). Nesse sentido, a memória funciona como um fluxo que segue por onde e por qual coisa for atividade. Muitas das vezes, os caminhos da memória são conduzidos pelo esquecimento ou silenciamento, como já apontou Micheael Pollak (1989) que nas memórias estão contidos os ditos e não-ditos, por terem esquecido ou pôr o grupo ter silenciado algo que é contraditório da versão oficial.

#### **4 PROCEDIMENTOS METODOLOGICOS: APONTAMENTOS SOBRE ETNOGRAFIA ARQUEOLÓGICA**

Neste capítulo, o intuito é desenvolver alguns apontamentos que nos levam a refletir sobre o uso do método da Etnografia Arqueológica dentro do campo da Arqueologia do Presente. A mesma, como apresentei acima, versa sobre as relações que podem ser estabelecidas entre pessoas, coisas e memórias, atuando como articuladora de abordagens que olham de outras maneiras para o fazer a arqueológico em temporalidades diversas (Harrison, 2018). Nessa concepção, a construção de uma proposta de método etnográfico arqueológico mostra-se alinhada com os estudos do presente. Tal abordagem é uma forma de pensar contextos etnográficos e suas correlações com diversificados tipos de patrimônios, incluindo narrativas e materialidades de comunidades locais (Silva, 2023).

Assim, o capítulo se divide em três partes, a primeira traça a história da Arqueologia com o uso da etnografia. A segunda, versa alguns apontamentos sobre Etnografia Arqueológica e Instalação Etnográfica. Por fim, apresento como ocorreram os campos dentro da comunidade do Novo Zabelê e como foi pensado a idealização das linhas, conforme o curso das coisas que foram aparecendo.

##### **4.1 NOTAS HISTÓRICAS SOBRE APROXIMAÇÕES ENTRE ETNOGRAFIA E ARQUEOLOGIA**

Para me contextualizar neste trabalho, senti necessidade de retomar algumas aproximações entre Arqueologia e Antropologia em torno da prática etnográfica. Sabe-se que o ato de etnografar é um método que vem desde a época da expansão colonial, onde os viajantes, naturalistas ou missionários passaram a descrever a vida dos povos nativos. Mas só durante o século XIX foi considerado uma prática científica, sendo ligado principalmente com a Antropologia, o que se tornou ao longo do tempo como um método específico da forma de pesquisa do antropólogo (Silva, 2022).

Como Fabíola Silva (2022) nos aponta, “é inegável que a etnografia está no cerne do processo de construção do campo antropológico” (Silva, 2022, p.9). No entanto, nos últimos anos, a etnografia vem sendo inserida dentro de outros campos científicos. Existem também algumas discussões mais recentes, como as do autor Tim Ingold (2011, 2014) em que ele discute que o uso do termo “etnografia” foi sobreutilizado e que o

escopo da Antropologia está no entendimento e conhecimento comparativo e crítico do ser humano no mundo em que vivemos.

Particularmente nos quadros da Arqueologia, foi durante a década de 1950 e 1960 que os arqueólogos começaram a utilizar de dados etnográficos para compor o cerne de interpretações dos dados arqueológicos e investigar questões que envolviam os trânsitos das materialidades a partir de aspectos relacionados com a tecnologia, subsistência, estilo e abandono (Silva, 2022, González-Ruibal, 2009).

Assim, surgiu o termo etnoarqueologia, que nasceu dentro das perspectivas da Nova Arqueologia. Para os arqueólogos comprometidos com a abordagem, a elaboração de etnografias orientadas para questões arqueológicas, serviria ao propósito de fortalecer cientificamente a disciplina. Os arqueólogos poderiam gerar, por meio das analogias com as sociedades modernas, leis gerais acerca do comportamento humano, promovendo assim a criação de Teorias de Alcance Médio (González-Ruibal, 2009).

De acordo com Fabiola Silva (2022), os pressupostos de uma etnoarqueologia dentro do pós-processualismo foram expostos na década de 1980, contribuindo para o desenvolvimento de estudos mais plurais sobre o passado. Dessa forma, as pesquisas não estavam mais centradas em generalizações, mas “ênfatizava a diversidade de experiências humanas com a materialidade, tentando compreender em termos contextuais e específicos os fenômenos estudados” (Silva, 2022, p.139).

Podemos citar como exemplo, os trabalhos desenvolvidos por Ian Hodder, que era um defensor de que a Arqueologia interpretasse o passado sem perder de vista as suas repercussões no presente, entendendo a cultura material como fonte para diversos significados. Hodder nos instigou a pensar a cultura material não apenas como reflexo passivo do comportamento humano, mas sim como um texto carregado de significados que participam ativamente na construção de diferentes realidades sociais (Wichers, 2010).

Outra abordagem próxima e atual, que se liga nas temáticas da etnoarqueologia como método, é aquela presente no trabalho de Lucas Antônio Da Silva (2017). Para o autor, essa maneira de estudar as questões arqueológicas, está em o pesquisador valorizar as comunidades locais e reconhecer suas múltiplas temporalidades engrenadas nas materialidades. Ele ainda ressalta que “essa etnoarqueologia deve convocar o arqueólogo a viver outros tempos, deixar o relógio de lado e sentir a hora passar, ouvindo o que as pessoas e materialidades podem falar sobre seu próprio tempo” (Silva, 2017, p. 180).

Ainda de acordo com Fabíola Silva (2022), a etnoarqueologia é considerada como uma subdisciplina da Arqueologia que foi se desenvolvendo enquanto um método de

investigação capaz de gerir dados interpretativos acerca das relações e entre as pessoas e o mundo material. No entanto, nos últimos anos, dentro das teorias arqueológicas e seus métodos, ocorreu o que Castañeda (2008) chama de “virada etnográfica”. Trata-se de mudança catalisada pelo desenvolvimento de arqueologias dedicadas a se aproximar dos múltiplos significados erigidos sobre o presente das sociedades e seus patrimônios materiais. Isso devido a pertinência de novas preocupações teóricas, não ligadas somente ao estudo do passado, porém entendendo que o conhecimento arqueológico também se elabora no presente.

De acordo com Cabral (2014), pensar na etnografia para entender as comunidades do presente nos leva a abrir novos diálogos com outras ontologias e refletir nos tipos de contribuições que a perspectiva etnográfica é capaz de fornecer para pesquisarmos outros sujeitos e narrativas. Frente a esse cenário surge outras denominações do subcampo etnográfico dentro da Arqueologia como, por exemplo, a Etnografia Arqueológica e Arqueologia Etnográfica.

Retomando as discussões do autor Quetzil E. Castañeda (2008), elabora as diferenças entre as propostas de uma Etnografia Arqueológica (1) e Arqueologia Etnográfica (2). Para ele, na primeira denominação, a etnografia é usada para investigar as particularidades do passado e do presente através da cultura material. A segunda, está direcionada em compreender e produzir conhecimento apenas sobre o tempo presente, interessado nos contextos sociológicos da Arqueologia. Apesar de Castañeda (2008) falar dessas diferenças, o autor Yannis Hamilakis não faz diferenciação entre os dois conceitos. Assim, coaduno com a denominação de Etnografia Arqueológica como é apresenta por Hamilakis e será discutida no tópico a seguir.

## **4.2 ETNOGRAFIA ARQUEOLOGICA E INSTALAÇÃO ETNOGRAFICA: CONCEITOS, PRÁTICAS E APLICAÇÕES**

O método que adotei nessa pesquisa foi a proposta de uma Etnografia Arqueológica aliada aos pressupostos de uma Instalação Etnográfica (Hamilakis, 2011 Castañeda, 2009). Essa escolha teve como finalidade compreender a relação das pessoas e coisas por meio dos encontros proporcionados dentro da comunidade do Novo Zabelê. A etnografia arqueológica, segundo Rodney Harrison (2018), consiste em teoria e método constituído em torno da sequência de engajamentos etnográficos, que relacionam pesquisadores com os seres humanos ou não humanos. O autor considera que essa prática de etnografia do presente, dentro de uma abordagem arqueológica, vai conectar no

presente tanto as questões referentes ao passado como o evidenciar possíveis projetos de futuro.

Para falar sobre uma Etnografia Arqueológica, uso outros conceitos e discussões colocadas por Yannis Hamilakis (2011). Para o autor, esta prática pode ser pontuada como um campo de investigação de cunho transdisciplinar e transcultural. É nesse sentido que, de dentro da pesquisa arqueológica, a abordagem permite ao pesquisador ter trocas de diálogos com outras áreas e com diferentes agentes ou comunidades locais. É através dessa construção coletiva que surgem novas formas de tratar e pensar a respeito das questões arqueológicas. Nesse sentido, permite romper com discursos mais tradicionais, estimulando reflexões sobre outras epistemologias e arqueologias alternativas (Hamilakis, 2011).

Quando se pratica essa Etnografia Arqueológica dentro de comunidades, o foco vai estar em interagir com a população local para que possamos responder questionamentos/problemas de cunho arqueológico. Nesse aspecto, é por meio da etnografia que surgem relatos orais que podem nos informar de como ocorrem as práticas sociais contemporâneas, fornecendo assim subsídios para o desenvolvimento de uma pesquisa arqueológica (Hamilakis, 2011). Para Yannis Hamilakis (2011), abordar as materialidades dentro da proposta de uma etnografia arqueológica, não é afastar os objetos/coisas das questões, mas de inseri-los como foco central do desenvolvimento da pesquisa. São essas materialidades que o autor coloca como multitemporais.

Segundo Yannis Hamilakis (2011):

A etnografia arqueológica é definida como um espaço transcultural para múltiplos encontros, conversas e interações, envolvendo pesquisadores de várias disciplinas e públicos diversos, e centrados na materialidade e temporalidade (Hamilakis, 2011, p.1).

Ainda sobre as discussões do método de Etnografia Arqueológica, os autores Paul-Brown, Rodney Harrison e Ângela Piccini (2013), discutem sobre como pode ser empregado nos estudos da Arqueologia do Presente. Os referidos autores colocam em seu texto um questionamento, que acho pertinente citá-lo aqui: Como pesquisamos o mundo contemporâneo? Ora, o objeto de estudo, no caso desta pesquisa, encontra-se em movimento/fluidez já que as coisas circulam entre as pessoas da comunidade do Antigo e Novo Zabelê. Refletindo sobre esse pensamento, me apoio nas questões pontuadas pelos autores supracitados. É por meio da etnografia que é possível chegar em parte dos fluxos das coisas e entender as questões de patrimonialização que ocorrem dentro da comunidade.

Já que necessariamente não iremos escavar, então devemos conversar como participantes. É por meio desse engajamento dentro da localidade de estudo que poderemos entender as relações das pessoas com essas coisas. No caso, para Paul-Graves Brown, Rodney Harrison e Ângela Piccini (2013), o pesquisador deve estar participando de eventos da comunidade ao qual desenvolve a pesquisa, assim, caminhar por todo o local registrando a paisagem de maneira biográfica.

Sobre a Instalação Etnográfica, foi um tipo de abordagem bastante cara para o processo de realização dessa pesquisa. Esse método foi desenvolvido por Quetzil Castañeda durante o artigo proposto pelo autor: “*The Past as Transcultural Space: Using Ethnographic Installation in the study of Archaeology*”, publicado no ano de 2009. Nesse estudo, o autor trabalhou com uma comunidade maia chamada de Pisté, que fica localizada no México. Foi durante o trabalho com essa comunidade que Castañeda (2009) inaugurou o uso do método da instalação etnográfica, que consistiu em fazer exposições de variados materiais que são considerados relevantes para a comunidade e durante esses momentos o foco principal está em tornar aquelas exposições em um campo etnográfico.

Durante os encontros gerados com a comunidade, as estratégias etnográficas fluíram, no sentido de buscar evocar memórias, narrativas sobre o passado e o presente daquela localidade com a Arqueologia. Dessa maneira, é possível esboçar o que Castañeda chama de passado transcultural, que é aquilo que aconteceu no passado, mas permanece ativo no presente, sendo adaptado com interpretações contemporâneas que mantém ativa a evocação daquela memória.

Assim, na instalação etnográfica de Pisté, Castañeda (2009) criou o que ele chamou de zonas, ou seja, estações em determinados lugares onde foram expostas fotografias em posters ou banners e textos explicativos sobre uma pesquisa arqueológica que foi desenvolvida na comunidade nos anos de 1923 e 1941. O objetivo era de que as pessoas, ao olharem esses materiais, pudessem reviver aquelas histórias e dar a elas os seus significados e outras interpretações.

No que diz respeito da instalação etnográfica dentro do campo arqueológico, Castañeda explica que:

A instalação etnográfica foi desenvolvida como metodologia dentro da disciplina da etnografia para abordar questões éticas, políticas, e aplicadas específicas de o que significa fazer etnografia no mundo contemporâneo (descolonizador). Em outras palavras, nem a instalação etnográfica nem o projeto do qual ela fazia parte foram originalmente concebidos como ‘arqueologia’. Além disso, embora o projeto não tenha sido explicitamente concebido como uma ‘etnografia da arqueologia’ (principalmente porque este tópico está realmente apenas agora emergindo como um estudo de campo

discreto), certamente contribui para o estudo antropológico da arqueologia. O objetivo do projeto foi utilizar a instalação etnográfica como metodologia para investigar processos de memória e história na construção do passado de uma comunidade que incluía a arqueologia como assunto e a própria pesquisa etnográfica como agente participante da dinâmica de ‘fazer história’ (Castañeda, 2009, p. 278).

Esse método apresentando por Castañeda (2009), me fez refletir sobre organizar os eventos em que me engajei dentro da localidade Novo Zabelê, onde por meio dos encontros foi possível articular algumas narrativas sobre o passado e o presente da comunidade e traçar as primeiras linhas na direção de um emaranhado (Ingold, 2012/2022). Por este viés, me aproximo de experimentações como a de Diogo Dubiela (2017), que reconhece no uso da instalação etnográfica, a emergência de “uma nova possibilidade de narrar a experiência etnográfica” (Dubiela, 2017, p. 339). É por meio dessa construção de narrativas que no próximo tópico apresento todos os passos das minhas experiências desenvolvidas junto com a comunidade. Pois, foram através do levantamento de alguns dados iniciais e de encontros marcados ou inesperados com as pessoas e as coisas, que suscitaram outras memórias sobre o velho e novo Zabelê.

#### **4.3 DESENVOLVIMENTO DE UMA INSTALAÇÃO ETNOGRÁFICA NA COMUNIDADE DO NOVO ZABELÊ**

A instalação etnográfica foi delineada nessa pesquisa através de alguns pontos dedicados em captar alguns fluxos de linhas a serem seguidas. O primeiro ponto foi realizar um levantamento de dados, de cunho documental e bibliográfico. A pesquisa documental, ou seja, as fontes primárias se referem às buscas por documentos escritos ou não. Para essa pesquisa, esse levantamento foi realizado, permitindo a descoberta de fotografias históricas. Esse tipo de dado traz uma relação dos aspectos da vida humana no cotidiano dentro de um passado menos distante (Markoni e Lakatos, 2003).

Já as pesquisas de fontes secundárias, que são as bibliografias, são tipos de revistas, livros, jornais, monografias, teses, publicações avulsas (no caso de artigos) ou até mesmo comunicações orais, através de vídeos e gravações (Markoni e Lakatos, 2003). Para esse trabalho, fui atrás de dados imagéticos e documentais de tudo o que estava relacionado ao Antigo e Novo Zabelê. Para que fossem apresentadas as pessoas da comunidade o que se tinha registrado sobre esse passado e provocar novas narrativas por meio daqueles dados. Toda essa sondagem foi extraída da pesquisa já desenvolvida por mim, quando busquei imagens no banco de dados pertencentes ao IPHAN - Instituto

do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional e de outras fotografias retiradas de alguns trabalhos já publicados, dissertações, artigos, teses que falam sobre essa temática do Zabelê. Outras fotografias são provenientes do acervo pessoal de uma das colaboradoras.

A partir disso, foi montado quais seriam os outros pontos para que eu pudesse construir essa relação com a comunidade e seguir as coisas através do que me aparecesse durante esses encontros. Nesse tipo de método, é criada uma proximidade com as pessoas que moram no lugar e que vão colaborar com o desenvolvimento da pesquisa. É por meio dessa proximidade que o pesquisador passa a se envolver com as atividades ou festividades que ocorram ali entre os moradores (Marconi e Lakatos, 2003).

No povoado do Novo Zabelê, já estabeleci relações ao longo do tempo com algumas pessoas, o que significa que meu envolvimento vai além do papel de pesquisadora. Foi por meio das amizades que construí com algumas pessoas ali dentro, que percebi o afeto que esse povo tem com seu passado. O que, por sua vez, confere a Instalação Etnográfica um papel crucial para enfatizar minhas experiências.

Nessa perspectiva, de entender o processo etnográfico inclusive dentro da academia, nessa pesquisa ocorreu um outro ponto que foi ao encontro com um dos discentes do mestrado em Arqueologia, Sidimar Sousa, que é do antigo povoado Zabelê e desenvolveu uma pesquisa sobre o referido local. Passei a dialogar com ele sobre as afetividades dele com a comunidade, e ele passou a me ajudar também nesse processo de montar os pontos de encontros dentro do Novo Zabelê (Ingold, 2016).

Então, entendendo a Instalação etnográfica como um conjunto de ações voltadas para concretização dos objetivos pautados para esta pesquisa, fui para a comunidade participar de eventos, promovendo palestras sobre a pesquisa – para que as pessoas ficassem sabendo o que estou fazendo; além de me envolver com a escola e com os alunos locais e; literalmente, empreender caminhadas pela comunidade, onde fiz os registros e conversei com as pessoas. Os pontos dessa etapa puderam ser organizados da seguinte forma:

Tabela 3: Pontos da Instalação Etnográfica

| <b>PONTOS</b> | <b>ATIVIDADES<br/>REALIZADAS</b>               | <b>DURAÇÃO/TEMPO</b> |
|---------------|------------------------------------------------|----------------------|
| PONTO 1       | LEVANTAMENTO<br>BIBLIOGRÁFICO E<br>FOTOGRAFICO | DESDE O ANO DE 2022  |

|         |                                                                                                                                                                    |                                           |
|---------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------|
| PONTO 2 | PARTICIPAÇÃO EM ENTREVISTAS COM O DISCENTE SIDIMAR SOUSA, NA CASA DE ALGUNS MORADORES DO ANTIGO ZABELÊ QUE MORAM ATUALMENTE NA CIDADE DE SÃO RAIMUNDO NONATO - PI. | FEVEREIRO E MARÇO DE 2023                 |
| PONTO 3 | PALESTRA NA ESCOLA DO NOVO ZABELÊ COM ALGUNS MORADORES                                                                                                             | FEVEREIRO DE 2023                         |
| PONTO 4 | PALESTRA NA ESCOLA COM AS CRIANÇAS DO NOVO ZABELÊ                                                                                                                  | MARÇO DE 2023                             |
| PONTO 5 | ATIVIDADE DE EXPOSIÇÃO DE BANNER EM UMA FESTA LOCAL NO NOVO ZABELÊ                                                                                                 | JUNHO DE 2023                             |
| PONTO 6 | IDA AS CASAS DOS MORADORES COM UM QUADRO PARA EXPOSIÇÃO DE UMAS FOTOGRAFIAS DO ANTIGO ZABELÊ                                                                       | JANEIRO DE 2024                           |
| PONTO 7 | REALIZAÇÃO DAS ENTREVISTAS                                                                                                                                         | ENTRE FEVEREIRO DE 2023 E JANEIRO DE 2024 |

|         |                                 |                                         |
|---------|---------------------------------|-----------------------------------------|
| PONTO 8 | ELABORAÇÃO DO QUADRO EMARANHADO | ENTRE DEZEMBRO DE 2023 E AGOSTO DE 2024 |
|---------|---------------------------------|-----------------------------------------|

Fonte: Elaborada pela Autora (2024).

O que irei relatar a seguir é referente à descrição de cada etapa apresentada no quadro acima, ou seja, os primeiros passos de encontro com a comunidade. O ponto número 2, se configura no ano de 2023, quando acompanhei o colega de pesquisa supracitado, na casa de algumas pessoas, na cidade de São Raimundo Nonato, que foram entrevistadas por ele. Nessas idas, foi bem proveitoso perceber o quanto essas pessoas falam muito bem do Antigo Zabelê, contando as histórias com uma grande riqueza de detalhes sobre o lugar, conversas essas que serão analisadas durante do capítulo 4.

O ponto número 3, foi outra atividade de campo que desenvolvi dentro da comunidade Novo Zabelê. A primeira realização foi com objetivo de apresentar para os moradores da localidade o trabalho que foi desenvolvido anteriormente por mim com tema: “O Museu do Antigo Zabelê na perspectiva da Arqueologia Pública e Museologia Social” e apresentar o projeto de pesquisa idealizado para o mestrado. Para divulgação dessa apresentação, foi elaborado um cartaz (Figura 20) que foi encaminhado nos grupos de WhatsApp dentro da comunidade, convidando-os a participar.

Figura 20: Convite enviado para os moradores do Novo Zabelê



## CONVITE

Convidamos toda a comunidade do Novo Zabelê, para assistir os trabalhos propostos pelos discentes do PPARQUE-UNIVASF: Maria Alda da Silva Braga - "O museu do Antigo Zabelê na perspectiva da Arqueologia Pública e Museologia Social; e Sidimar Pereira de Sousa- " Arqueologia Pública e Gestão de Patrimônio na comunidade Zabelê no município de São Raimundo Nonato-PI:um diálogo interdisciplinar.

📅 11/02/23

🕒 9:00 h

**Local: Escola Josélia de Castro Jacobina**

Fonte: A autora (2023).

No dia da apresentação, foram três pessoas assistir (Figuras 21, 22 e 23), uma era o senhor Paulo Sousa, ex-morador do Zabelê e pai do meu colega Sidimar Sousa. O outro era o senhor Pedro Alcântara (conhecido como Noca, que foi citado no capítulo 1), que é um dos líderes comunitários dentro do Novo Zabelê. Participou também o vigia da escola, o senhor Eurestes Silva, que estava trabalhando lá no dia da apresentação. Então, os trabalhos foram expostos para os que estavam presentes. Após minha apresentação, foi interessante ver que tanto o seu Noca quanto seu Paulo, interagiram com o que o que foi apresentado.

Após as apresentações, um dos moradores chegou a comentar conosco que é bem difícil a comunidade participar ou se interessar por esses tipos de palestras ou qualquer outra atividade dentro dessa perspectiva de falar sobre a história do lugar. O convite produzido, também me levou a refletir que somente a divulgação por *WhatsApp* talvez não tenha sido eficaz. A divulgação foi feita em grupos do aplicativo e pode ser que não atingiu um número maior de pessoas. Para além disso, fiquei pensando sobre outras possibilidades: será que isso não era fruto dessa quebra que houve, quando pessoas que não pertenciam ao povoado do Antigo Zabelê entraram nas terras do Novo Zabelê? Quem de fato tem interesse por saber mais dessa história?

Figura 21: Autora Maria Alda Braga apresentando o projeto aos moradores



Fonte: Sidimar Sousa (2023).

Figura 22: Participantes da Palestra



Fonte: A autora (2023)

Figura 23: O senhor Pedro Alcântara falando sobre a sua história com o Zabelê



Fonte: A autora (2023)

O ponto de instalação etnográfica 3, foi a realização de uma outra palestra na mesma escola, dessa vez o público escolhido foram os alunos do oitavo ano e nono ano do ensino fundamental. O intuito da apresentação era de buscar construir um espaço de diálogo com esses estudantes sobre o Antigo Zabelê. O que nos levou também a escutar o que eles têm a dizer sobre a suas histórias dentro da comunidade. A apresentação ocorreu no horário da aula de História, para isso elaborei um slide que fosse mais interativo, com bastantes fotos para que ficassem num formato mais acessível para as crianças compreenderem e se sentirem motivadas a participar. A interação com os alunos fluiu dentro das expectativas iniciais, com alguns estudantes assumindo uma posição participativa a partir dos diálogos travados (Figura 24).

Reforçando as idas ao Novo Zabelê, participei de um evento junino, que foi organizado pelos moradores da comunidade Novo Zabelê (Figura 25). O evento aconteceu na quadra de esporte local e contou com a participação de outras quadrilhas dos bairros de São Raimundo Nonato. Esse evento cultural reuniu muitas pessoas da comunidade. Para esta ocasião, produzi, juntamente com Sidimar Sousa, um *banner* contando sobre a história do Antigo Zabelê e mostrando alguns dados que já tinham sido coletados no decorrer da pesquisa.

Figura 24: Apresentação para os alunos do colégio do Novo Zabelê



Fonte: A autora (2023)

Figura 25: Banner em exposição no evento junino



Fonte: A autora (2023).

A ideia de ir para esse evento foi justamente por pensar que seria uma oportunidade para que outras pessoas pudessem ver/saber o que está sendo pesquisado dentro da localidade e ampliar as relações entre pesquisador e membros da comunidade. O que pude observar durante o evento, é que somente as pessoas que fizeram parte do Antigo Zabelê, se interessaram para chegar e olhar o banner e comentar/relembrar quem eram aquelas pessoas que estavam nas fotos (Figura 26). Essas foram às primeiras observações que percebi através dessa imersão comunitária. O seguir os fluxos nesses campos, me levaram até as pessoas e as coisas abrindo espaço para diálogos, entendendo

que esse é o papel de trabalhar com as teorias de uma Arqueologia do Presente, consolidando as relações com a comunidade. O próximo capítulo é um esboço desses resultados em que apresento as primeiras entrevistas realizadas por meio desses vínculos que foram surgindo nos campos.

Figura 26: Moradora olhando as fotos expostas no banner



Fonte: A autora (2023)

Outra idealização executada foi o ponto 8, à construção de um Quadro-Emaranhado, que me possibilitou ter uma aproximação com os moradores e organizar a sistematização de todos os dados coletados traçando linhas de barbantes para que cada coisa fosse sendo conectada, assim pode formar o emaranhado, materializando as proposições teóricas de Ingold (Figuras 27 e 28). Assim, passei a ir às casas das pessoas com esse quadro e apresentá-las cada uma das fotografias e materialidades que foram surgindo ao longo do caminho. Foi por meio desses momentos, que as pessoas começaram ao olhar as fotos e os registros históricos sobre o Zabelê e começaram a trazer suas memórias a partir do que elas viam.

Quando Tim Ingold (2022) fala que as manifestações das linhas estão no ato da gente andar, tecer e observar, isso gera um fluxo de coisas que podem ir aparecendo no caminho. No caso, ao pesquisar a história da comunidade Zabelê, várias coisas foram

aparecendo. Assim, para organizá-las e materializar a existência das linhas, optei pela montagem de um Quadro-Emaranhado. No mesmo, foram expostas as pessoas e suas materialidades para que fosse possível ver o movimento das coisas que geram o emaranhado. Dentro disso, diversas outras linhas e ponto podem ser percebidas.

Figura 27: Exposição do Quadro-Emaranhado na casa de um morador no Novo Zabelê



Fonte: A autora (2024).

Figura 28: Senhor Paulo Sousa e Senhor Expedito Ferreira observando o quadro



Fonte: A autora (2024).

Assim, as entrevistas começaram a ser idealizadas por meio dessa proximidade de ter ido na casa de alguns moradores. A grande maioria das pessoas entrevistadas foram moradoras do Antigo Zabelê, possuindo coisas que fizeram parte de suas vidas e das trajetórias de seus familiares com o antigo local de moradia. Um outro ponto que ponderei para colocar neste trabalho, foi de entrevistar algumas pessoas que não pertencem a comunidade, mas tem narrativas acerca do Novo e Antigo Zabelê. Considerando também o Novo Zabelê, já que esse local era uma antiga fazenda que ficava próxima dos bairros da cidade. O intuito dessas entrevistas foi compreender a formação histórica que hoje compõem o território do Novo Zabelê, como será visto mais adiante, a partir das ramificações das linhas que segui. Devo frisar que tais direcionamentos me forneceram enquadramentos para selecionar determinadas linhas que busquei seguir nesta pesquisa, prestando atenção em alguns fluxos e pontos, em detrimento de muitos outros que mostraram os seus contornos nas ações realizadas.

Para todos os efeitos, o ato de realizar uma entrevista nos leva a partilhar experiências e tornar próxima a relação entre o entrevistador e o entrevistado. É nesse momento, que as pessoas abrem as portas das suas casas para que o pesquisador entre e

possa ouvir tudo o que eles relatam. É relevante sempre perceber que as duas partes, o pesquisador e o entrevistado, tem diferentes interesses quando o assunto é contar determinado história. É comum que o pesquisador queira que sempre as perguntas sejam de acordo com o que ele traçou como meta, mas é preciso estar aberto a ouvir tudo o que a pessoa entrevistada queira e ache importante relatar. Para o desenvolvimento dessas entrevistas, eu elaborei um questionário com algumas questões que desejava saber (Alves, 2016).

Para este desenvolvimento, o tipo de entrevista escolhido foi a semiestruturada. Nesse tipo de abordagem, tem-se alguns questionamentos que vão nortear a conversa com o colaborador, mas a pessoa tem a liberdade de explorar mais alguma questão ou falar sobre outros assuntos que são mais abertos (Marconi e Lakatos, 2003). As escolhas das pessoas foram feitas pensando em quem nasceu dentro do Antigo Zabelê e vivenciou tudo o que ocorreu e nas pessoas que não tem um vínculo de muito tempo com a localidade, mas tem lembranças ou já escutaram muito falar sobre aquele lugar. Com a escolha do dia e horário que cada participante determinou para a entrevista, me desloquei até a casa de cada um para aplicar o seguinte questionário (Tabela 4):

Tabela 4: Perguntas que nortearam as conversas

|                                                                                                                                       |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Qual a sua história com a comunidade Zabelê?                                                                                          |
| Como você descreveria a comunidade Zabelê?                                                                                            |
| Qual o seu vínculo com o Novo Zabelê atualmente?                                                                                      |
| Que coisas te lembram o Antigo Zabelê?                                                                                                |
| Qual coisa você ainda possui que fez parte da sua vida lá no Antigo Zabelê?                                                           |
| Você tem alguma memória com essa materialidade?                                                                                       |
| Você sabe a história das terras daquela Antiga Fazenda dos Padres, onde hoje é o Novo Zabelê? Como que o povo do Zabelê foi parar lá? |

Fonte: Elaborado pela Autora

Por fim, foram entrevistadas nessa pesquisa o total de 8 pessoas. Todas as narrativas foram gravadas em áudio pelo aplicativo de gravador de voz usado em celular. Após as entrevistas, tudo foi armazenado em uma pasta separada no computador e posteriormente foram transcritos. O meu contato com algumas pessoas, por exemplo, a Dona Neusa Belisário, ocorreu por diversas vezes. Isso fortaleceu minha proximidade com a colaboradora e todas as vezes que me deslocava para a casa dela, sempre aparecia

mais uma coisa que ela queria mostrar ou então ela me mandava por *WhatsApp* algo que encontrou e era sobre a vida da família dela quando moravam no Antigo Zabelê. Ressalto aqui, que o pai de Neusa Belisário, Seu Joaquim Belisário, também de certa forma participou dessa pesquisa. Seu Joaquim, por ser um senhor com idade bem avançada, com 103 anos, não pode conceder uma entrevista, mas ele participou desse trabalho a partir do momento em que muitas das coisas mostradas por sua filha são pertencentes a ele e de sua história com o Zabelê. Então, com a etnografia arqueológica, foi possível me aproximar das pessoas traçar pontos e linhas que me levaram a conhecer outras narrativas que contribuíram na construção dessa pesquisa.

Tabela 5: Biografia dos entrevistados

| NOME                               | IDADE   | ONDE NASCEU                                                                           | PROFISSÃO                                              | ONDE RESIDE                                         | COLABORAÇÃO                                                                          |
|------------------------------------|---------|---------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------|
| ABIDAS DE MACEDO DIAS              | 65 ANOS | ANTIGO ZABELÊ                                                                         | MOTORISTA                                              | SÃO RAIMUNDO NONATO                                 | COMPARTILHOU COISAS SOBRE O ANTIGO ZABELÊ                                            |
| NEUSA BELISÁRIO DE SOUSA DIAS      | 64 ANOS | CRESCEU NO ANTIGO ZABELÊ                                                              | FEIRANTE/VENDEDORA                                     | SÃO RAIMUNDO NONATO/ TEM CASA TAMBÉM NO NOVO ZABELÊ | COMPARTILHOU COISAS SOBRE O ANTIGO ZABELÊ                                            |
| ISAÍAS GONÇALVES DE MIRANDA        | 55 ANOS | ANTIGO ZABELÊ                                                                         | FEIRANTE/VENDEDOR                                      | SÃO RAIMUNDO NONATO                                 | COMPARTILHOU COISAS SOBRE O ANTIGO ZABELÊ                                            |
| PAULO DIAS DE SOUSA                | 68 ANOS | ANTIGO ZABELÊ                                                                         | APOSENTADO/AGRICULTOR                                  | NOVO ZABELÊ                                         | COMPARTILHOU COISAS SOBRE O ANTIGO ZABELÊ                                            |
| NANCI PEREIRA DE SOUSA             | 69 ANOS | NASCEU NA LOCALIDADE TAMBORIL (PI), CASOU-SE COM PAULO SOUDA E SE MUDOU PARA O ZABELÊ | APOSENTADA/AGRICULTORA                                 | NOVO ZABELÊ                                         | COMPARTILHOU HISTÓRIAS SOBRE O ANTIGO ZABELÊ                                         |
| SIDIMAR PEREIRA DE SOUSA           | 40 ANOS | ANTIGO ZABELÊ                                                                         | HISTORIADOR, MESTRE EM ARQUEOLOGIA E FEIRANTE/VENDEDOR | SÃO RAIMUNDO NONATO                                 | COMPARTILHOU SUA HISTÓRIA COM O ANTIGO ZABELÊ                                        |
| PADRE HERCULANO DE NEGREIROS       | 80 ANOS | -                                                                                     | PADRE/ESCRITOR                                         | SÃO RAIMUNDO NONATO                                 | COMPARTILHOU HISTÓRIA SOBRE A FAZENDA LAGOA DOS PADRES NO NOVO ZABELÊ                |
| MARIA DO RÓSARIO FERREIRA DA SILVA | 26 ANOS | SÃO RAIMUNDO NONATO E CRESCEU NO NOVO ZABELÊ                                          | EMPREGADA DOMÉSTICA                                    | NOVO ZABELÊ                                         | COMPARTILHOU O QUE SEMPRE ESCUTOU SOBRE A HISTÓRIA DO ANTIGO ZABELÊ E DO NOVO ZABELÊ |

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

Partindo desses pressupostos, depois de todas as conversas concluídas, comecei a esquematizar como ficaria a montagem final do Quadro-Emaranhado, evidenciando principalmente as linhas geradoras dos fluxos. O primeiro modelo foi pensando ainda no ano de 2023, quando coloquei as primeiras fotografias e puxei o primeiro ponto (Figura 29). Nessa versão, o barbante foi ligado a cada pessoa e suas coisas. A quantidade de dados coletados ainda estava no início, então, tinha poucas fotos, o que não deixou o quadro ainda com formato de uma teia.

Figura 29: Fase I do quadro com as primeiras coisas



Fonte: A autora (2023).

Depois, o quadro foi sofrendo modificações e novas coisas foram compondo a dinâmica traçada. Assim, surgiu o segundo modelo do Quadro-Emaranhado (Figura 30). Aqui, as linhas começaram a ganhar características sendo cada uma enumerada e contendo as especificações como, por exemplo, tal coisa representa o cotidiano, outra simboliza como era a agricultura. A partir do terceiro exemplar, já defini qual seria o ponto e a quantidade de linhas que seriam denominadas, organizando minhas experiências e percepções em campo. As linhas e pontos que compõem este emaranhado será apresentado no capítulo 5.

Figura 30: Fase II do quadro gerando o emaranhado inicial



Fonte: A autora (2024)

## 5 AS LINHAS: TRAÇANDO E CONECTANDO OS PONTOS ENTRE PESSOAS E COISAS

Mais que o instante, quero o seu fluxo. Clarice Lispector, *Água Viva*, 1973.

Nesta seção, busco apresentar uma discussão sobre os fluxos entre as pessoas e as coisas, partindo da formação do Quadro-Emaranhado com a exposição de parte das linhas e nós que se relacionam com a história local. Para esses primeiros dados, retomo o primeiro objetivo específico proposto, fazer um registro das narrativas de alguns membros da comunidade considerando a história pessoal de cada um com a localidade do Antigo Zabelê.

As ideias do quadro estão organizadas da seguinte maneira: inicialmente foi delimitado o ponto central, que é o Antigo Zabelê, seguindo dessa marca principal a linha se interliga com os nós, representados pelas pessoas que são as colaboradoras dessa pesquisa. Ao seguir o curso, conforme as coisas foram aparecendo na composição do Quadro-Emaranhado, as linhas entrelaçam-se com paisagens, seres humanos e não humanos. Cada uma das linhas traz as memórias contadas pelas pessoas. Ao seguir tais caminhos, foi possível me deparar com os diferentes passados que são reelaborados no presente.

Para os fins desta pesquisa, realcei ao todo 7 linhas e cada uma delas diz respeito as características do Antigo e Novo Zabelê. Seguindo essa lógica, as linhas formam a materialização dos resultados gerados nas entrevistas, nas caminhadas pelo Novo Zabelê e pela cidade de São Raimundo. Tratam-se de aglutinados de pontos, cujos fluxos se espalham por linhas. Para organizá-las nesse capítulo, cada linha irá compor um tópico.

Os critérios para montagem dessas linhas foram gerados através do meu envolvimento com as pessoas e de como determinados assuntos surgiram durante as conversas. Então, essas linhas foram conexões criadas a partir dos vínculos das coisas com as pessoas. Através de cada assunto que era pontuado nas falas, determinei o encaixe das linhas de forma separada, mas, que no final todas se juntam formando o emaranhado, onde as coisas sempre puxam mais coisas.

Nesse sentido, a linha 1, traz a explicação de quem são os nós que utilizei como pontos de partidas (as pessoas) e qual é o ponto central. A linha 2 é sobre os fragmentos da vida no Zabelê, apresenta a configuração, composta pelas casas e paisagens locais. Na linha 3, temos uma visão geral de como era o cotidiano vivenciado pelas pessoas que

moravam no Antigo Zabelê. A linha 4 traz consigo a apresentação de quais eram as celebrações religiosas que ocorriam dentro da localidade. Já a linha número 5 representa as formas de sobrevivência do povo por meio do trabalho que eram por eles desenvolvidos. Na linha 6, apresento os tipos de tralhas domésticas que foram encontradas. Por fim, a linha 7 se configura como a ruptura que houve entre as pessoas e o seu lugar de morada. Acompanhe essa formação do emaranhado nos tópicos a seguir.

### **5. 1 LINHA I: OS NÓS (AS PESSOAS) E O PONTO CENTRAL (ZABELÊ)**

Na busca por pessoas que pudessem participar da pesquisa, o meu primeiro contato foi com pessoas com as quais eu já tinha uma relação de amizade estabelecida. A partir dos laços com Maria do Rosário Ferreira e Sidimar Pereira Sousa, comecei a buscar por outros colaboradores que viveram dentro do Antigo Zabelê. Assim, cheguei aos seguintes sujeitos: Abdias Macêdo, Isaías Gonçalves, Paulo Sousa, Nanci Sousa, Neusa Belisário e Joaquim Belisário<sup>15</sup>.

De acordo com Tim Ingold (2012), cada pessoa segue um modo de vida particular, assim, elas vão formulando os seus próprios fios. Chamo primeiramente para compor esse parlamento de fios a senhora Maria do Rosário Ferreira. Nascida no ano de 1997, tem 27 anos e atualmente mora no Novo Zabelê. Ela trabalha como cuidadora do lar em uma casa. O único vínculo que Rosário menciona possuir com o Antigo Zabelê acontece por meio dos seus familiares. A nossa relação de amizade se iniciou no ensino médio e com uma proposta de atividade escolar, comecei a ir até a comunidade do Novo Zabelê, gerando o meu primeiro contato com o as narrativas locais.

O segundo nó que me levou a ter um contato com outras gentes, coisas e narrativas sobre o Zabelê, como pontuado na metodologia, foi a parceria de trabalho com o colega de mestrado Sidimar Pereira Sousa (Figura 31). Ele tem 40 anos, é historiador, mestre em Arqueologia, trabalha como feirante e mora na cidade de São Raimundo Nonato. Suas raízes familiares estão ligadas ao povoado do Antigo Zabelê, através dos seus pais, senhor Paulo Dias de Sousa e senhora Nanci Pereira de Sousa.

Por meio de Sidimar Sousa, tive contato com o senhor Paulo Sousa e Dona Nanci. O senhor Paulo nasceu no Zabelê, no ano de 1956, tem atualmente 68 anos (Figura 32). Dona Nanci Sousa (Figura 33), é pertencente a localidade do Tamboril-PI. Ela nasceu no

---

<sup>15</sup> As pessoas que não estão representadas em fotografias é porque não autorizaram o uso da imagem ou por a autora não ter conseguido coletar uma foto do participante. Então, em alguns desenhos estão apenas o nome da pessoa e das que autorizaram ter a foto exposta, está desenhada na arte.

ano de 1955, tem 69 anos. Os dois se conheceram e se casaram formando sua família dentro do povoado Antigo Zabelê. Eles moram atualmente no Novo Zabelê, são aposentados, mas continuam a trabalhar com a agricultura.

Figura 31: Sidimar Sousa



Fonte: Imagem cedida pelo colaborador (2024).

Figura 32: Paulo Sousa



Fonte: Acervo pessoal da autora (2024).

Figura 33: Nanci Sousa



Fonte: Imagem cedida por Sidimar Sousa (2024).

O próximo colaborador é o senhor Isaías Gonçalves de Miranda, de 55 anos. (Figura 34). Ele nasceu em 1964, dentro do Antigo Zabelê. Isaías é filho de dona Maria Olindina de Miranda (*in memoriam*) e do senhor Pedro Gonçalves de Miranda (*in memoriam*). Seus pais também nasceram no Antigo Zabelê. Isaías mora na cidade de São Raimundo e trabalha como feirante, viajando pelas cidades vizinhas.

Figura 34: Isáias Gonçalves



Fonte: Imagem cedida pelo colaborador (2023).

Um outro colaborador, foi o senhor Abdias de Macêdo Dias. Nascido no ano de 1958, dentro da localidade Serra Branca, ele se mudou ainda criança para o Antigo Zabelê. Seu Abdias tem 65 anos, é concursado da Prefeitura de São Raimundo Nonato - cidade em que mora atualmente - e trabalha como motorista da rede municipal.

A seguir, apresento mais duas pessoas que fizeram parte dessas linhas da pesquisa, que são: Neusa Belisário de Sousa Dias (Figura 35), nascida no ano de 1959, em Goiás. Ela veio para o Piauí ainda criança, com 5 anos de idade. Assim, cresceu dentro do povoado Antigo Zabelê, lugar onde constituiu sua família junto com o seu esposo, Salvador Dias de Sousa (*in memoriam*). A senhora Neusa é filha de Maria Madalena de

Miranda (*in memoriam*) e do seu Joaquim Belisário Sobrinho, que tem 103 anos (Figura 36). Os pais de Neusa também nasceram dentro do Zabelê.

Figura 35: Neusa Belisário



Fonte: Imagem cedida pela colaboradora (2023).

Figura 36: Joaquim Belisário



Fonte: Imagem cedida por Neusa Belisário (2023).

São essas as pessoas que me ajudaram a contar a história do povoado Antigo Zabelê. Dessa maneira, para começar a explicar como era o Zabelê, me incluo também como um nó dentro do Quadro-Emaranhado e retomo ao que já abordei na introdução deste trabalho, sobre o que sempre escutei a respeito deste lugar. Recordo em minhas memórias, as minhas vivências com os descendentes da comunidade e até com materiais de trabalho que foram produzidos no passado. Nesse sentido, traço as observações enquanto acompanho as interfaces entre coisas e temporalidades (Sousa, 2021) no contexto do Novo e Antigo Zabelê.

Nesse sentido, ao revisitar alguns arquivos de trabalhos escolares produzidos no passado, encontrei um vídeo documentário que Maria do Rosário, eu e outras pessoas desenvolvemos no ano de 2014. O conteúdo do trabalho era a respeito das terras do Novo Zabelê e como os seus moradores chegaram lá para habitar. No vídeo, o nosso colaborador foi o senhor Pedro Alcântara, o Seu Noca, nome que já citei nos capítulos anteriores. Lembro-me de termos feito uma pergunta para ele: Qual foi o malefício que o parque trouxe para vocês? E ele nos respondeu: “foi à perda das nossas terras”. Com esta resposta, já é possível termos uma dimensão da perda de seu antigo lar, que ainda dói para parte dos moradores. Esse é um ponto que vai além das questões econômicas envolvidas na retirada dos terrenos, mas também dos vínculos que ali eram estabelecidos entre familiares. Afinal, como Emília Godoy (1993) destaca, todos eram uma grande família oriunda da linha genealógica do velho Vitorino Paes Landim.

Para esta pesquisa de mestrado, retomei tais reflexões e invoquei parte das relações de afeto que foram construídas no envolvimento com a comunidade. Durante uma roda de conversa, na casa de Maria do Rosário, aproveitei o momento de descanso após almoço para que pudesse tocar em alguns assuntos como, qual era relação deles com aquelas terras do Antigo Zabelê. A colaboradora comentou que os seus avós maternos, Eronildes Ferreira da Silva (*in memoriam*) e Basília Gomes da Silva (*in memoriam*), costumavam ir para o Zabelê passear, ficavam por lá cerca de dois dias ou até um mês.

Ainda de acordo com a colaboradora, somente os seus tios, Maria Aparecida Gomes da Silva e Acassio Rosa Lima<sup>16</sup>, chegaram a morar por dois anos na antiga localidade. Conforme o andar das nossas conversas, levei o Quadro-Emaranhado para Maria do Rosário e sua família ver as fotografias. Assim, ela começou a relatar algumas coisas que ela sabia a respeito do Novo Zabelê. Mas, sobre o Antigo Zabelê as memórias vêm através do que sua tia lhe contava da época em que morou nesse povoado:

É assim na época que eles moravam lá eu não era nem nascida, então, não tem como falar algo que eu vivi, mas vou falar algo que eles viveram, entendeu? Não dizendo que eu vivi, mas dizendo que eles viveram. Eles falavam que era um local muito bom, só trabalhava na agricultura e que era mais ali só as famílias, então era um local que eles gostavam bastante (Entrevista de Maria do Rosário Ferreira, em 17 de janeiro de 2024).

Dentro dessas recordações, Maria do Rosário diz que andou no Antigo Zabelê quando era no Dia dos Finados, pois no cemitério de lá está enterrada a irmã de um tio

---

<sup>16</sup> Não foi possível contactá-los para realizar uma entrevista durante o curso dessa pesquisa, assim fica uma proposta para procurar entrevistá-los em um estudo futuro.

dela. Assim, no feriado santo ela aproveitou para ir passear e ver onde eram as coisas do local que seus familiares tinham tanta saudade. Segundo ela, essa viagem foi proporcionada pela organização do Parque, a FUMDHAM. A colaboradora conta que chegando lá eles puderam ver onde era as casas, onde era as tocas e até que viram o lugar que tinha água, “era uma água bem limpinha, dava até para beber. Foi muito legal esse dia que passei lá”.

Já para Sousa (2024), a sua única lembrança a respeito do Zabelê é de “um caminhão azul, carregando os pertences de uma família: madeira, pedra de lavar, pedra de amolar, dois pés de laranja e uma banca de pote” (Sousa, 2024, p. 14). Assim, ele saiu da comunidade ainda criança e 35 anos depois retornou para desenvolver sua pesquisa de mestrado. Sobre esse processo, ele narra que:

A minha história com a localidade zabelê ela é muito limitada. Isso porque eu nasci lá em 1983, mas em 1988 eu tive que sair de lá, então assim eu não tenho muita recordação da minha infância no zabelê, não tenho muita informação sobre isso, porque eu não recordo de nada. A única coisa que eu me recordo é quando eu vinha para cá já saindo de lá eu recordo, saindo de lá eu recordo de vir em cima de um caminhão com meus irmãos e uma carrada de madeira em cima do caminhão. É só o que eu lembro. Agora sobre as casas e como eram as coisas lá, eu não sei dizer. Uma outra lembrança é de quando cheguei em São Raimundo, meus pais traziam na mudança uma pedra de lavar e uma banca de pote. Assim, somente anos depois, agora que estou fazendo minha pesquisa acerca da minha comunidade foi que voltei lá para ver o lugar (Entrevista de Sidimar Sousa, em 18 de janeiro de 2024).

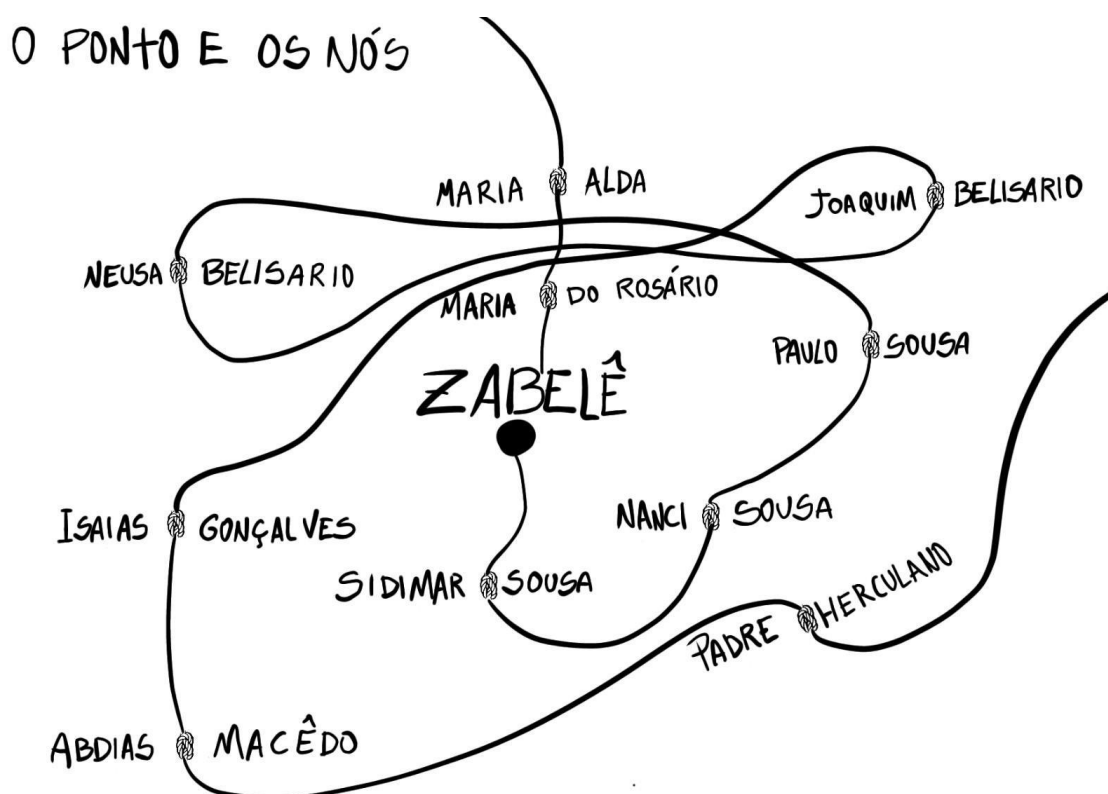
Para Sousa (2024), ao ingressar no mestrado ele teve a oportunidade de mostrar como era o Zabelê. No contexto, os pais sempre buscaram ensinar aos seus filhos o caminho da educação. Assim, quando acabava o que se tinha a cumprir na escola local, eles mandavam as crianças/adolescentes para a cidade, a fim de continuarem seus estudos.

Meu pai colocou minha irmã para estudar na cidade quando tinha 12 anos. E a ideia de miséria que existia do Zabelê, não era de miséria. Assim, como meu pai trouxe meus irmãos para estudar na cidade outras pessoas também trouxeram. E o Zabelê tinha esse potencial educacional, o pessoal via a educação como elemento transformador. Então, na década de 60 e 70 as pessoas já tinham a visão de que a educação era importante. Então, ter entrado na academia como um mestre em Arqueologia para mim foi um ponto positivo, a instituição me permitiu crescer dentro da educação. Inclusive, indicando para o pessoal do Zabelê, que a educação vai nos tornar pessoas melhores. Agradeço aos meus colaboradores pois sem eles a pesquisa não seria possível (Entrevista de Sidimar Sousa, em 18 de janeiro de 2024).

O colaborador ainda conta, que foram os descendentes do seu pai (Senhor Paulo Sousa) que se instalaram primeiro no Zabelê. Ao conversarmos sobre essa genealogia, ele narra algumas memórias que lhe foram transmitidas pela sua mãe, Dona Nanci. Então, os

seus avós chegaram primeiro na comunidade e quando o seu pai estava com doze anos de idade, o seu avô paterno faleceu. Segundo Sidimar, isso fez com que o senhor Paulo Sousa tomasse conta da roça e das coisas da família desde novo, cuidando de cinco irmão e ajudando na roça com as plantações de café, fumo etc. Partindo desses nós e do ponto central, que fica configurado no quadro dessa forma (Figura 37), sigo para apresentar a próxima linha que traz as características do lugar.

Figura 37: Linha I -O ponto e os nós



Fonte: Acervo pessoal da autora (2024).

## 5.2 LINHA II: FRAGMENTOS DE VIDA DO ZABELÊ

Começo a usar dos relatos dos colaboradores para traçar as linhas que explicitarei através dos diagramas abaixo. Para acompanharmos esse fluxo, primeiro abordarei algumas entrevistas realizadas por Sousa (2024) com as colaboradoras Iva Parente e Irinete Parente, principalmente aquelas que pude participar no ano de 2023. Também apresento algumas memórias que os outros participantes como a Maria do Rosário, Abdias, Isaías, Neusa e Paulo, em que eles tecem o que sabem acerca de como era a vida no Zabelê. Além de trazer o que Godoi (1999) apresenta sobre o lugar e aquelas gentes.

O povoado Zabelê sempre foi caracterizado como um lugar de belas paisagens, lá o espaço era composto pelas casas de morada, casas de roças e os tanques (Figura 38). Durante minhas observações, nas entrevistas realizadas por Sousa (2024), fiquei atenta ao que as irmãs Iva Parente e Irinete Parente falavam. De acordo com elas, os moradores do Zabelê eram um povo autossustentável, eles produziam seus próprios alimentos e criavam animais. Não eram pessoas que careciam de ajudas governamentais ou de procurar emprego na cidade de São Raimundo, pois tudo o que precisam eles tinham nas suas terras. Alguns moradores tinham caminhonetes e caminhões (C10 OU D20) e vendiam nas feiras de São Raimundo Nonato o que produziam na agricultura, como por exemplo, o tomate, batata, arroz, abóbora, mamona, mandioca, frutas, feijão e entre tantos outros alimentos. A senhora Iva Parente complementou que:

teve um período de seca grande, mas era interessante que o que eles faziam, aquilo que traziam da roça, eles guardavam para atravessar o ano dessa fase. Quando vinha a chuva novamente eles tinham o de comer e o de plantar, pois estava lá guardado as sementes (Entrevista de Iva Parente, em 2023, concedida para Sidimar Sousa e Maria Alda Braga).

O exercício de escutar o que essas pessoas tinham para falar dentro dos seus próprios termos e conhecimentos, ativa um manifesto que permite o pesquisador conhecer a lógica do outro (Cabral, 2014). Assim, foi explicado pelas colaboradoras citadas acima, sobre como era o acesso a água no Zabelê, que era coletada principalmente através dos tanques ou açudes, como podemos ver nas figuras 38 acima e figura 39 abaixo:

Lá os tanques todos tinham acesso, era cercado, e quando era no verão que ia abaixando a água geralmente eles juntavam na comunidade e limpava para o próximo inverno [...] os tanques só eram cercados para os animais não entrarem e fazer sujeira. O tanque dos animais era outro, que era o açude que era muito grande e dava para nadar e conseguir atravessar de uma ponta a outra (Entrevista de Iva Parente, em 2023, concedida para Sidimar Sousa e Maria Alda Braga).

Figura 38: Casa de roça



Fonte: Adalto Araujo (Acervo pessoal) apud (Rodrigues, 2011).

Figura 39: Tanque Grande



Fonte: Acervo de I. Sousa (2014).

O relato da colaboradora parece se referir a esse açude da figura 33. Já a casa de cor branca que aparece na foto, se refere a moradia dos familiares de Sidimar Sousa. Conforme o que foi levantado por Godoi (1993), no Zabelê as fontes de águas provinham dos caldeirões, das cacimbas e dos tanques:

Os caldeirões eram “reservatórios naturais de água de chuva que se encontram nas rochas. As cacimbas, encontradas em depressões ou leitos de curso d’água temporários, cabendo os camponeses encontrá-las, liberá-las dos paus que geralmente as escondem. E os tanques, esses últimos são abertos pelos camponeses, sendo a abertura uma iniciativa individual e o usufruto coletivo” (Godoi, 1993, p. 115).

A autora Emília Godoi (1993), complementa ainda que cada tanque ao ser manuseado e aberto por membros locais, recebiam o nome daquela pessoa que o fez. A exceção é um dos primeiros tanques abertos, denominado de Grajaú, sendo elaborado por um dos fundadores do lugar, o senhor João Bernardo. Os outros tanques eram:

Tinha o tanque do tio Inácio, tanque do tio Pedro, tanque do Manoel Felipe que nós dizíamos que era da tia Lúcia, Tanques do tio Nilson que era os tanquinhos de beber e o do meu pai, tanque do Keller, que era chamado de caieira, onde a água caía quase clarinha, que geralmente a água é barrenta. Tinha o tanque do Tio Lino, o Tanque da Sinhara. Esses eram os principais (Entrevista de Iva Parente, em 2023, concedida para Sidimar Sousa e Maria Alda Braga).

Ainda na questão sobre esses armazenamentos de água, Godoi (1993), cita alguns outros nomes dos tanques como, o Tanque do Salustiano, Tanque do Raimundinho e o Tanque Grande.

Figura 40: Paisagem e Casas e Tanque



Fonte: Acervo de I. Sousa (2014).

Nos relatos obtidos por Godoi (1993), ela cita também sobre o “polígono das secas”, para se referir a região marcada por período com poucas chuvas. Essa estação da seca durava sete meses, indo do mês de abril a outubro. Como pudemos observar no relato de Iva Parente, as pessoas já se preparavam para quando esse período chegasse. Um exemplo, dessa preparação para a chegada da estiagem é relato em uma fala apresentada por Godoi (1993):

minha vó se abrigou aqui perto da grunga. Eles tinham uma casa no Zabelê, mas eles estavam longe da água. Então, eles vinham aqui até que chovesse, eles ficavam na toca [abrigo sob rocha] (Z. 30 anos, Zabelê apud Godoi, 1993).

Durante a seca de 1947/1948, só eu, Tereza e Maria Milô ficamos no Zabelê. Todos os outros foram pra Serra Branca, perto do olho d’água e pra barragem (V.73 anos, Zabelê apud Godoi, 1993).

Esses relatos acima demonstram uma das características que escutei durante a conversa entre Iva Parente e Sidimar Sousa (2024), de que “o povo do Zabelê era um povo forte” e que moravam em um “lugar de paz”. Em outro momento da entrevista,

tocou-se no assunto das relações dos moradores do Zabelê com os sítios arqueológicos ao redor. Ao explicar sobre isso, uma das pessoas virou para mim e disse que eles nunca mexeram com os enterramentos que viam dentro dos sítios e quem violou esses enterramentos foram, nas palavras dela: “vocês arqueólogos”. É interessante refletir que a expressão dela remete a um senso de que os moradores nunca tocaram ou violaram vestígios arqueológicos e que até mesmo preservavam, pois sabiam que ali eram as urnas “dos bebês dos índios”.

O sítio a qual ela fala desses enterramentos é o da Toca do Gongo III, que servia como lugar de passagem que a comunidade transitava para o deslocamento até outras áreas. Sobre as pinturas rupestres, a Sra. Iva chegou a tocar no assunto, falando que: “As pinturas no pé da serra, era os desenhos dos índios e ninguém se importava de ir lá mexer, todo mundo conhecia onde era, tanto que houve uma facilidade enorme para os pesquisadores, que quando chegaram não houve dificuldade”. Aqui, mais uma vez é colocado um ponto relevante, ela fala no sentido de que se os pesquisadores encontraram esses sítios é porque antes as pessoas já os conheciam, reivindicando assim para o povo Zabelê o conhecimento sobre os locais que interessavam aos arqueólogos.

Ainda de acordo com informações colocadas por Sousa (2024), uma das coisas que compõem a paisagem da localidade e é bastante representativa para a memória social, é a casinha de pedra (Figura 41). Essa casa foi construída pelo senhor Joaquim Belisário, que veremos no tópico abaixo. O autor Sousa (2024), explica que essa é uma das únicas casas que não foram derrubadas após a desapropriação, sendo então um símbolo de resistência.

Figura 41: Casa de Pedra



Fonte: Sidimar Sousa (2024)

Entrelaçando essas perguntas sobre como era o povoado Zabelê para os outros colaboradores, o senhor Abdias Macêdo lembrou sobre como era a vida dentro da sua antiga comunidade, relatando que era um lugar bom, que todos eram amigos e não tinha divergências entre os vizinhos.

Já durante o diálogo com o senhor Isaías, a sua primeira lembrança ao falar sobre o Zabelê, era de quando ele ainda criança trabalhava na roça com os seus pais. Segundo ele, lá vivam praticamente do que plantavam e da criação de gado ou criação de bodes. O pai de Isaías era também comerciante e viajava pelas regiões vizinhas para poder vender nas feiras das cidades. Assim o colaborador diz:

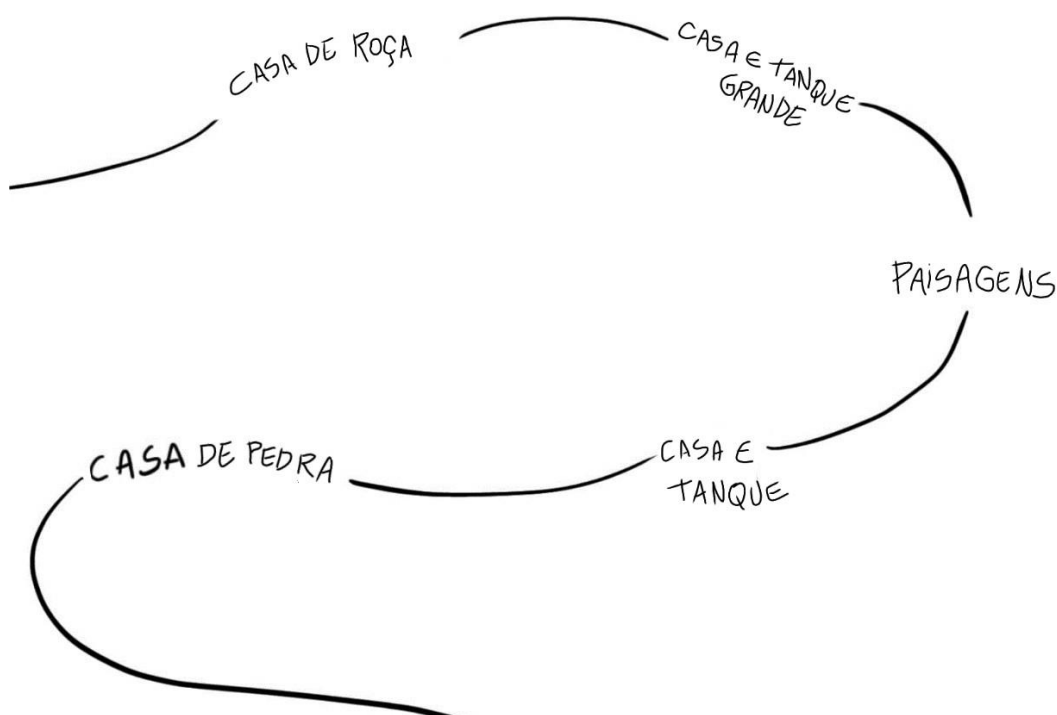
Ele trabalhava de feirante, que hoje a gente chama de ambulante, né? Então, nessa época, eu era molequinho de cinco/seis anos e meu pai já me carregava para as feiras. Aí a gente ia para Coronel José Dias, ia de pé do Zabelê até chegar em Coronel pegar o transporte para o centro de São Raimundo. E depois voltava para Coronel novamente, que lá meu pai tinha um comércinho. Aí depois nós íamos para São João, pegar as feiras e de lá íamos para Simplicio Mendes, assim ele trabalhava nas feiras. Aí quando nós terminávamos voltada para o Zabelê para trabalhar o resto da semana lá. Meu pai trabalhava de sábado em São Raimundo e Coronel, segunda era em São João, Simplicio Mendes era na terça feira, depois era no Zabelê. E assim era a vida (Entrevista de Isaías Gonçalves, em 24 de agosto de 2023).

Durante a entrevista Paulo Sousa foi relatando as suas histórias com o antigo povoado que ele morava. Para ele, o Zabelê era um lugar bom em que todos viviam

unidos. A saudade é um dos sentimentos que se fez presente nas expressões do senhor Paulo, pois segundo ele: “No nosso Zabelê era muito bom, eu gostava muito de morar lá e ainda hoje sinto muita falta”. A reunião na casa uns dos outros era algo recorrente, por isso muitas narrativas sempre traduzem que todas as pessoas de lá eram unidas.

No decorrer dos encontros com a dona Neusa, a união entre a vizinhança foi um ponto que ela também destacou, dizendo que todos gostavam de se reunir e de brincar a noite. Para ela, todas as pessoas se consideravam uma grande família. É dentro dessas características, que juntei as fotografias acima, sendo umas retiradas do meu trabalho de conclusão de curso e outros que surgiram nesta pesquisa, montando a linha conforme mostra do diagrama (Figura 42).

Figura 42: Linha II – Fragmentos da vida no Zabelê



Fonte: Acervo da autora (2024).

### 5.3 LINHA III: COTIDIANO

Aqui, vamos nos deparar sobre como era o cotidiano daquelas famílias. As primeiras linhas que foram puxadas, nos apresentam o dia a dia das pessoas, que constitui basicamente nos momentos de afazeres domésticos e diversões nos tanques, local onde adultos e crianças brincavam.

No que se refere as duas imagens abaixo, elas surgem no Quadro-Emaranhado através da entrevista com a sra. Neusa Belisário. A primeira (Figura 43) possivelmente é da década de 1980 e mostra alguns moradores tomando banho no tanque. Já a segunda (Figura 44), é da década 1986, a criança do lado esquerdo é o pesquisador Sidimar Sousa, junto com o Wesley Belisário, filho de uma das minhas colaboradoras. Nas palavras de Sousa (2024), as pessoas mencionam o Tanque Grande como um lugar aconchegante, onde faziam brincadeiras e confraternizações.

Figura 43: Pessoas banhando no Tanque Grande



Fonte: Arquivo pessoal de Neusa Belisário

Figura 44: Crianças na frente do Tanque Grande



Fonte: Arquivo pessoal de Neusa Belisário

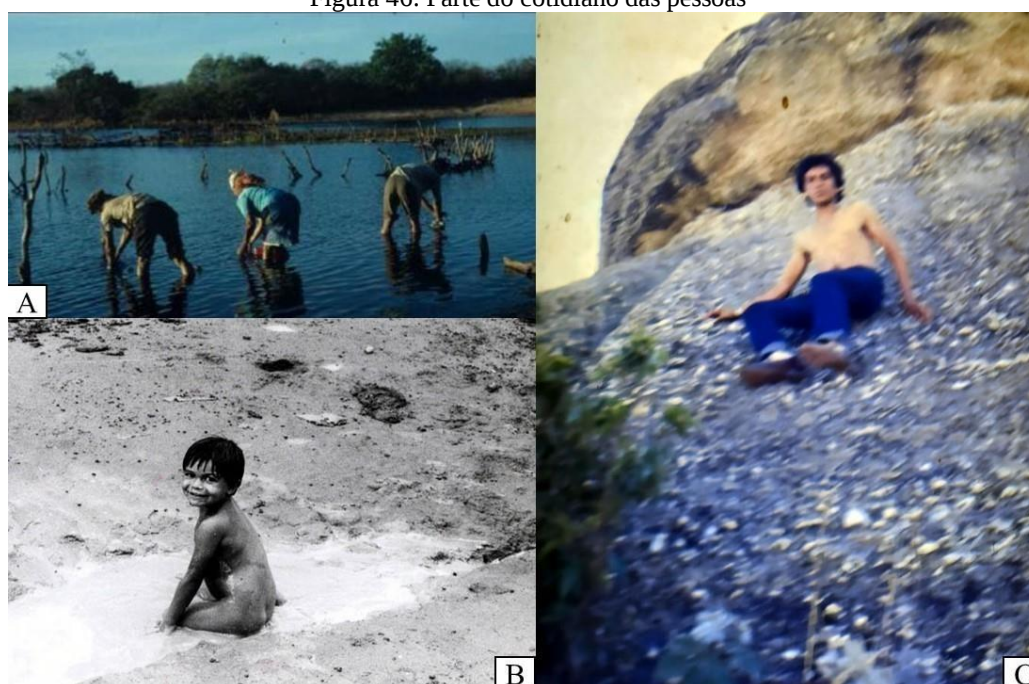
Figura 45: Neusa Belisário e seu filho



Fonte: Arquivo pessoal de Neusa Belisário.

Na fotografia acima (Figura 45), é possível ver o cultivo do algodão dentro do Antigo Zabelê. Esse arquivo é da década de 1986, a senhora que a aparece é Neusa Belisário, uma das colaboradoras da pesquisa e o seu filho. Nesse contexto, os moradores afirmaram que a terra sempre foi propícia aos diversos tipos de plantações. Para além disso, tinha-se o uso dos espaços (Figura 46), como o uso do Tanque Grande para lavar roupas (A), as crianças brincando pela terra (B) e as pessoas nas grungas (C), que para além da coleta de água, permitia as pessoas subirem e escalar nos momentos de diversão.

Figura 46: Parte do cotidiano das pessoas



Fonte: A- Acervo da FUMDHAM apud Rocha, 2019. B - Acervo de I. Sousa (2014). C- Acervo pessoal de Neusa Belisário.

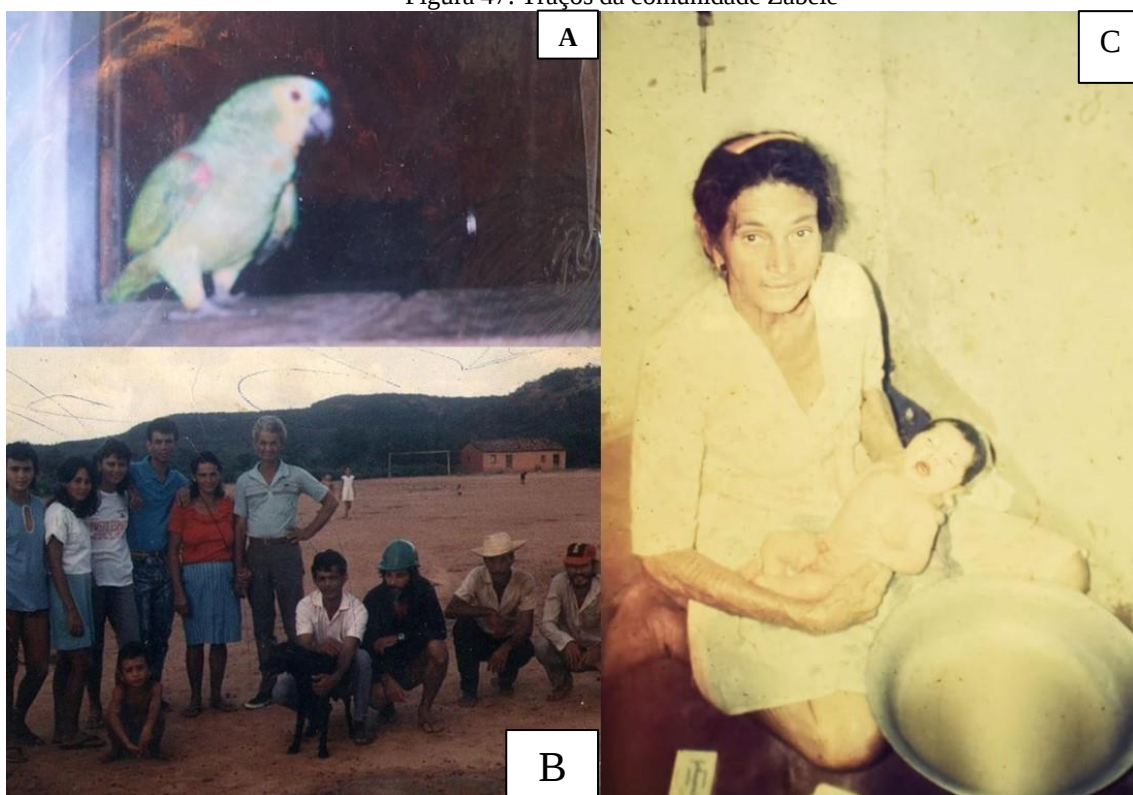
Considerando a imagem acima, que nos mostra uma criança brincando, posso me aproximar dos dados apresentados no trabalho de Parente (2009), onde fala que as crianças no Antigo Zabelê costumavam ajudar os pais na lida com a roça desde pequenos. A autora complementa que:

As crianças de cinco anos acima eram responsáveis por colocar as cabras no chiqueiro e separar os cabritos no final da tarde e de manhã cedo ir tirar o leite para fazer desjejum, enquanto isso os maiores pilavam o milho no pilão para tirar o fubá e mãe fazer o cuscuz, geralmente as cinco horas da manhã já se ouvia o som da mão pilão pisando o milho” (Parente, 2009, p. 29).

Quando os entrevistados falavam sobre o Zabelê, um outro ponto apresentado por eles era os contextos de relações com os seus animais. Assim, ressaltam que foi comum a criação de animais para consumo ou para vender, além das vivências com os bichos

domésticos. Uma pessoa, que não quis se identificar e nem conceder entrevista, mas cedeu uma fotografia, nos mostrou a imagem de um papagaio (Figura 47 – A). De modo geral, ao serem expostas ao Quadro-Emaranhado, as pessoas teciam comentários relembrando sobre o que/de quem se tratava aquele registro. Desse modo, elas iam relembrando o cotidiano, dos momentos no campo de futebol (Figura 47-B). Em uma dessas rememorações, um senhor ao olhar o quadro, falou sobre a presença da fotografia de Maria Milô (Figura 47-C). Ele narrou que ela era uma parteira que viveu no Antigo Zabelê.

Figura 47: Traços da comunidade Zabelê



Fonte: A- Acervo pessoal B- C- Acervo pessoal de Neusa Belisário.

Muitas pessoas da comunidade a chamam de “Mãe Milô”, pôr a considerarem como mãe devido ela ter realizado o parto. Esse senhor olhou para a foto do banner e disse: - ‘Aqui é a mãe Milô?’ e uma outra pessoa que estava com ele falou que era, então ele disse: - ‘minha mãezinha’ e beijou a foto. O que foi contado também sobre a pessoa de Maria Milô, é que ela fez mais de 400 partos e que nunca uma criança morreu nas mãos dela. Ela não fazia partos somente no Zabelê, mas também em outras regiões circunvizinhas.

No decorrer da linha, ao discutir sobre o que eles faziam local, para além do lazer foi narrado também sobre a questão do aspecto educacional no Antigo Zabelê. Os colaboradores falam que os valores e saberes educacionais sempre foram muito presentes. Segundo os dados apresentados pela autora Parente<sup>17</sup> (2009), antes de ter algum ambiente escolar, a educação era feita pelos pais. Assim, existiam entre as crianças algumas normas que todos deveriam seguir. A autora cita um exemplo: Todas as crianças tinham que tomar a benção a mãe, o pai, os padrinhos e ao irmão mais velho, proferindo as seguintes palavras: “Louvado seja Nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo, a benção” (Parente, 2009 p.31).

Segundo a supracitada autora, antes os pais em melhores condições financeiras contratavam professores particulares para darem aulas aos seus filhos. Depois foi que o poder público municipal enviou um professor para dar aula na comunidade. O primeiro professor formal foi Pedro Rodrigues. A primeira escola (Figura 48) surgiu em 1950 e chamava-se de Casa Grande ou casa do seu Gonçalo (Parente, 2009).

Figura 48: Primeira escola do Zabelê



Fonte: Iva Parente (1960?).

Nesse contexto, foi somente na década de 1960 que o prefeito da época, o senhor Newton de Castro Macêdo, construiu o primeiro prédio escolar, que foi denominada de

---

<sup>17</sup> Iva de Miranda Parente é formada em História, ela é uma das pessoas que fui entrevistar junto com o Sousa (2024). Para além da entrevista, também fiz uma leitura e me apropriei de reflexões do trabalho de conclusão de curso dela. Então, aqui ela é considerada autora e entrevistada.

Escola Joaquim Domingues<sup>18</sup>. A primeira mulher professora foi Maria Gonçalves Miranda Parente, que é a mãe da autora aqui citada, a senhora Iva Parente (Parente, 2009). Abaixo, tem-se alguns registros dos alunos e do corpo docente desse ambiente institucional, com imagens que possivelmente são da década de 1960 (Figura 49) e de 1980 (Figura 50).

Figura 49: Segunda escola do Povoado Zabelê



Fonte: Acervo pessoal de Iva Parente (1960?).

---

<sup>18</sup> Joaquim Domingues (*in memoriam*), foi um professor da cidade de São Raimundo Nonato. O nome dele foi escolhido pela gestão municipal na época, para ser homenageado com a construção da escola no Antigo Zabelê.

Figura 50: Corpo docente e alunos da escola do Zabelê



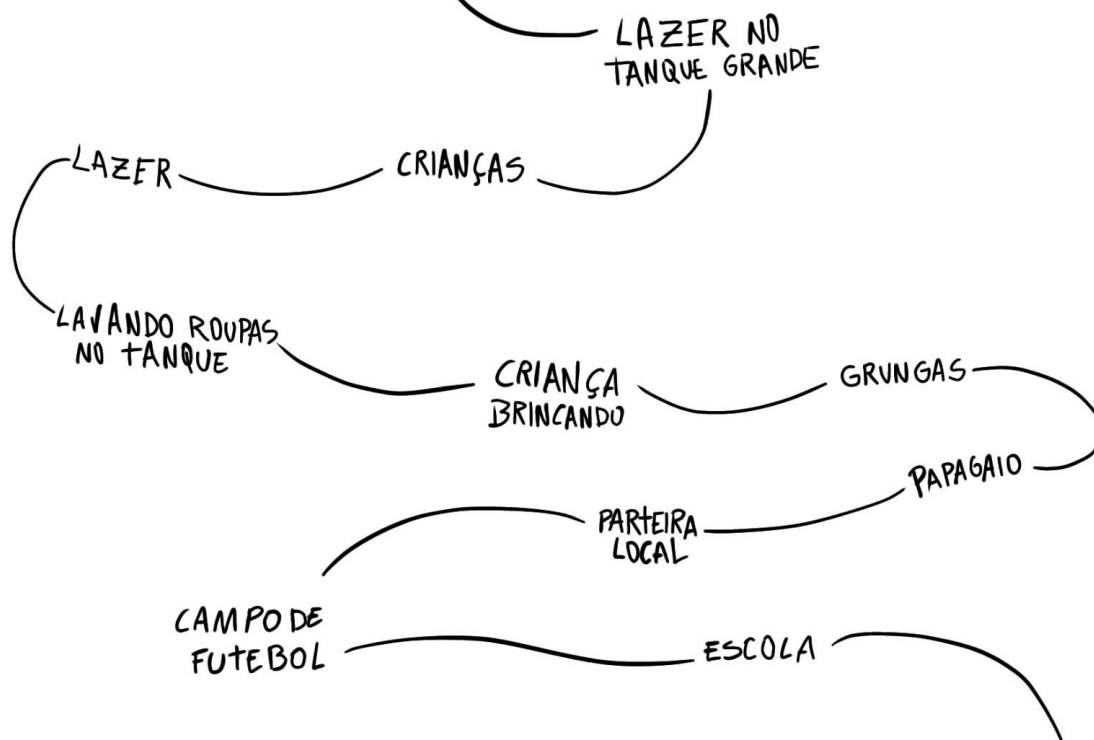
Fonte: Acervo pessoal de Neusa Belisário (1980?).

Quando apresentei a (Figura 50) para Sidimar Sousa, ele logo identificou alguns dos seus irmãos que estudaram nesse colégio. Entre eles, ele cita o nome de Edimilson Sousa, Socorro Sousa e Vilmar Sousa. Relembrando a sua ida ao Antigo Zabelê, ele explica que a escola hoje permanece do mesmo jeito:

agora reformaram porque tem uns quartos mais recente tipo uma divisão, umas divisórias os quartos, acho que para eles é se instalarem quando precisarem fazer uma atividade na comunidade que praticamente não tem nada hoje, não tem mais casa, casa você encontra só os vestígios de casa, bloco, telha essas coisas que você pode encontrar, pedaço de vidro é o que tem lá, talvez seja isso.

Ao olhar essa foto, o colaborador Paulo Sousa comentou que sempre buscou colocar seus filhos para estudar. Então, desde pequenos, com a idade de 7 anos, eles estudaram na escola do Zabelê até concluírem a quarta série. Após isso, para eles poderem concluir o ensino médio, ele trouxe os filhos mais velhos para a cidade. Segundo ele, alguns continuaram a estudar e outros não quiseram mais, ele brinca que: “Só o Sidimar que até hoje ainda estuda (risos)”. A linha número 3 nos permitiu adentrar nesses aspectos do dia a dia das pessoas dentro do Antigo Zabelê. Ao colocar cada uma desses dados expostos no quadro e traçá-los com o barbante, o diagrama com as linhas ficou assim:

Figura 51: Linha III - Aspectos do Cotidiano



Fonte: Acervo pessoal da autora (2024).

## 5.4 CELEBRAÇÕES E RELIGIOGIDADES

Conforme nos conta Parente (2009), dentro das tradições místicas no Antigo Zabelê, as pessoas tinham suas crenças, que seriam os sonhos, as visões ou ‘advinhas’. Como eram camponeses que trabalhavam com a terra, muitos sabiam prever quais seriam as mudanças que iria ocorrer no tempo. A autora comenta que “previa-se haver um grande período de seca, pelos círculos ao redor da lua, ou que o inverno seria bom pelo canto da cigarra e espessura da neblina que se levantava nas serras” (Parente, 2009, p. 32).

No trabalho da autora Emília Godoi (1999), também é possível encontrar alguns dados sobre algumas celebrações deste mundo rural. Um dos exemplos é em relação ao rito “passar a compadre”, “rodear a fogueira” ou “rodear São João”. Segundo o que foi etnografado por Godoi, no dia 23 de junho, mês em que se celebra o festejo em honra ao santo, as pessoas costumavam sair bem cedinho para ir tirar a sua fogueira - recolher os paus de árvores para queimar a noite – e depois levavam esses paus para serem acessos na frente da casa de morada.

Às 16 horas, o fogo é acesso diante de cada casa de morada e escutava-se o barulho de petardos que estouram em todos os cantos do povoado. As mulheres apressam-se para banhar as crianças e dar-lhes de comer antes de ir rezar o São

João. São as mulheres que organizam e realizam a reza na casa de uma delas que sabe puxar o terço ou tirar o terço. A reza tem lugar no espaço público da casa, ao qual se tem acesso pela porta da entrada situada diante o terreiro (espaço contínuo a casa que a separa dos estreitos caminhos que a ligam às outras casas do povoado) (Godoi, 1999, p.120).

Após as rezas, todos se reuniam caminhando em cortejo, com um sanfoneiro na frente e o povo seguindo-o atrás. Assim, começava o rito de passar-a-compadre. Era feito o convite para uma determinada pessoa e ali começavam a ter uma relação de parentesco, sendo padrinhos de fogueira (Godoi, 1999). Nesse sentido, de compreensão de quais eventos culturais aconteciam dentro do Antigo Zabelê, o relato coletado por Braga (2021), mostra como era essas atividades:

A cultura nossa era a dança, Reisado. Era o que mais o povo gostava era o reisado e a festa junina, eras duas culturas maiores (Entrevista concedida por Pedro Alcântara, para Braga, em 19 de abril de 2021).

Os dados fotográficos abaixo se referem a uma festa de despedida, do Antigo Zabelê, organizada pelos membros da comunidade. Eles surgem na linha ao se mostrarem como fragmentos da cultura local. Nesse dia, houve algumas apresentações como, por exemplo, das crianças vestidas de características indígenas – recordando o passado do lugar onde moravam (Figura 52 – A). Já a segunda imagem, tem-se uma cigana lendo a mão de outra pessoa (Figura 52 – B).

Figura 52: Festa de Despedida



Fonte: Acervo de I. Sousa (2014).

Ao conversar com o senhor Pedro Alcântara, ele fala que uma das danças que eles mais gostavam era a do Reisado (Figura 53). Sobre isso, a autora Iva Parente (2009), aborda que o grupo de mulheres que dançavam o Reisado saiam todos os anos pelas casas da localidade, até que elas paravam em uma determinada casa e pegava na mão da dona da casa, dizendo o seguinte bordão: “Ganjão tu deixas que eu leia em tua mão um segredo que tu às de morrer bem velhinho que não sentirás a morte deixando a prol a cantar com seu dinheiro a gozar” (Parente, 2009, p. 32).

Figura 53: Apresentação do grupo cultural do Reisado



Fonte: Acervo de I. Sousa (2014).

Após isso, o dono da casa ficava responsável para dar ao grupo de reisado algum dinheiro ou doar algum dos seus animais de criação. O valor que era arrecado, as mulheres do grupo usavam para cobrir as despesas feitas com os aparatos que necessitam para dançar, as roupas, os enfeites ou pagar o sanfoneiro que para elas tocava (Parente, 2009).

Em um determinado momento de conversa com seu Abdias, chegamos a falar sobre a festa do Reisado. O colaborador argumentou que:

Eu tenho uma lembrança, de mim garotão lá, e chegava à noite tinha aquelas mulheres que cantava os reis. Elas chamavam nas portas, batendo nas portas do pessoal. A gente acordava, aí elas começavam a cantar aquelas músicas interessantes que faziam parte do reisado (Entrevista de Abdias Macêdo, em 13 de abril de 2023).

Traçando um pouco mais de aprofundamento sobre esse evento, o seu Abdias Macêdo comentou que após as apresentações as mulheres queriam “um dinheirinho” ou “alguma outra coisa”. O colaborador ainda se lembra das roupas que elas usavam, que eram as fantasias. Segundo ele, essas fantasias eram as próprias mulheres que fabricavam, complementando que:

As roupas eram interessantes, né? Elas usavam uma coisa na cabeça, era coisa básica mesmo. Não era muita coisa não. E tudo era fabricado por elas, eram as mulheres que faziam esses arranjos (Entrevista de Abdias Macêdo, em 13 de abril de 2023).

Aqui, percebemos que essa ótica sobre a cultura do Reisado era um tipo de tradição muito praticada e recorrente dentro do Antigo Zabelê. Tanto pelas falas dos moradores e através de alguns trabalhos sobre o tema, o Reisado sempre aparece muito mais do que a cultura das festas juninas.

Sobre outros tipos de festas, o senhor Paulo Sousa afirma que dentro da comunidade costumavam-se fazer comemorações na casa de morada. Existia lá apenas um tipo de salão que era chamado de Casa Grande. Essa casa parece ser a mesma em que pelo dia funcionava a escola, apresentada no tópico 5.3, em que o dono era chamado de velho Gonçalo.

Um outro tema interessante que surgiu no decorrer da pesquisa, foi sobre as livusias. Quando estava conversando com a colaboradora Maria do Rosário, no Novo Zabelê, em um momento de descontração após o almoço na casa da sua família, Rosário começou a me contar sobre uma assombração que o seu pai, senhor Expedito Ferreira, tinha encontrado na lida da roça recentemente.

O comentário da Sra. Rosário, é que esse bicho avistado pelo seu pai, era ‘muito feio’ e passou derrubando várias árvores na mata. Foi no meio dessa conversa, que conduzi alguns questionamentos sobre esses tipos de aparições dentro do Antigo Zabelê. Assim, ela começou a relembrar algumas histórias de antigamente que a tia dela sempre lhe contou, as livusias que habitavam e encontravam com os moradores da antiga localidade.

A livusia mais famosa é a do Gritador. Rosário se lembra que as características dadas por quem vivenciou aquela experiência sobrenatural, era de ver um “bicho muito feio”. Aproveitando o assunto, a Sra. Maria do Rosário narrou uma experiência com livusia que aconteceu com seus familiares. Segundo ela, a sua tia saiu do Zabelê para ir o município de Alegre, passando por uma estrada que atravessava a Toca do Gongo, um lugar de chapada muito grande. Nesse caminho, ia a senhora Maria Aparecida e seu Acácio, montados em um jumentinho.

De acordo com a senhora, o jumento foi o primeiro a sentir a presença estranha, porque “animal tem faro doce para essas coisas”. Eles não chegaram a ver o bicho, mas sentiram o medo e viram o rastro no chão. De acordo com Rosário: “ela dizia que era um rastro estranho, de pé bem longo e que parecia ter só dois pés. E o jumento ia o tempo todo assustado, fazendo com que eles segurassem bem o animal para não correr”. Outra narrativa, contada pela colaboradora é que as vezes lá no Antigo Zabelê eles escutavam

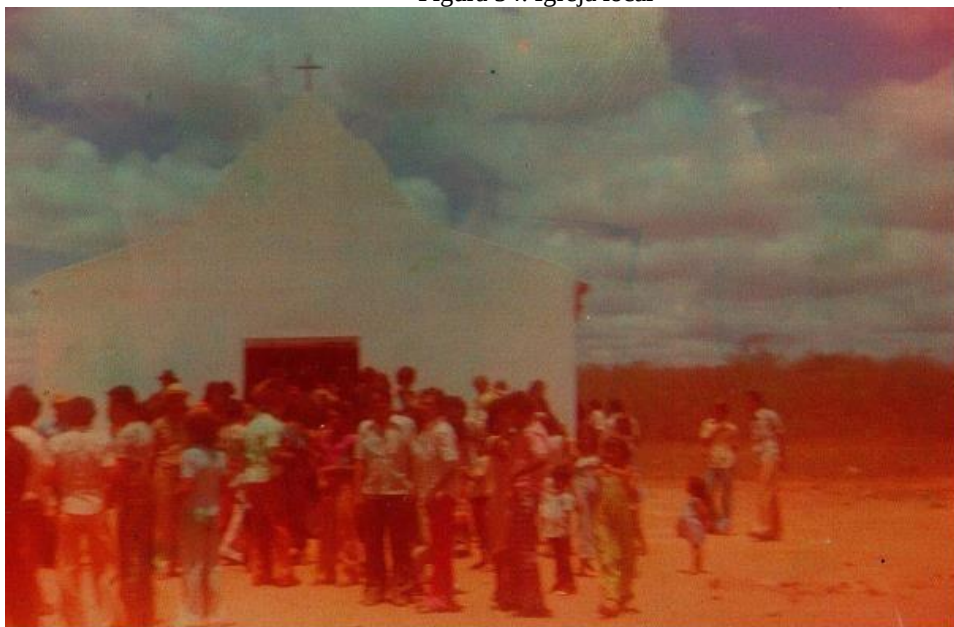
aquele rebuliço dentro do mato, ou viam bichos cabeludos iguais lobisomem atravessando pelas estradas, “isso tudo era o que minha tia Cida contava”.

Essa temática de livusias só apareceram no Quadro-Emaranhado quando questioneei a Maria do Rosário sobre o assunto. Os outros colaboradores não seguiram por este fluxo. Ao falar sobre aspectos culturais da comunidade, foram mencionadas outras coisas como, por exemplo, a questão da religiosidade e festas.

Nesse aspecto de compreender outras tradições, vamos adentrar nas questões de fé professada dentro do Zabelê. Essa linha, se cruza com as coisas que a sra. Neusa ainda guarda sobre o Zabelê (Figura 55). Ela mostrou alguns elementos que faziam parte da fé daquelas pessoas. Os senhores Paulo Sousa e Isaías Gonçalves também trouxeram algumas falas sobre essa questão, como veremos a seguir.

Dentro do Antigo Zabelê existia uma igreja católica (Figura 54) e costumava-se realizar procissões com os santos em cima de algum carro, como pode-se ver na imagem abaixo. De acordo com a autora Godoi (1999), o ex-santo protetor do povoado era São José. A explicação de o porquê o santo deixou de ser o padroeiro local é que, quando o dono da imagem se mudava levava o santo junto, então, o restante do pessoal que ficava não praticava mais o festejo, justificando que “São José partiu” (Godoi, 1999, p.120).

Figura 54: Igreja local



Fonte: Araújo, Adalto J.G. apud (Oliveira, 2015).

Dessa maneira, cheguei a ter conhecimento da existência de uma santa que era do Zabelê, através dos relatos de dois colaboradores: Paulo Sousa e Isaías Gonçalves.

Segundo o colaborador senhor Paulo, aquela igreja (Figura 54) foi construída no ano de 1978. Lá era onde ocorriam os festejos, no mês de outubro, em honra a santa protetora da comunidade, Nossa Senhora de Fátima. A igreja só teve duração de dez anos de funcionamento, pois em 1988 foi desativada e depois demolida pela gestão do PARNA Serra da Capivara. Paulo Sousa aborda que:

Mas, era a santa lá do festejo. E aquela igreja do Paraíso tem a santa, a santa veio de lá do Zabelê. Todo tempo lá de festejo era pela padroeira de lá, podiam até comemorar algum outro festejo ou datas, que não me lembro bem qual era os santos. Só lembro que do festejo em uma outra data de lá que era o festejo de São João. Esse era na área da Serra Branca, mas fazia parte do Zabelê porque o povo ia para lá festejar. Era São João e festa junina, era um festejo importante (Entrevista de Paulo Sousa, em 29 de junho de 2023).

Figura 55: Imagem de Nossa Senhora pela comunidade do Zabelê



Fonte: Acervo pessoal de Neusa Belisário

Quando fui até a casa do senhor Isaías, no bairro Paraíso das Aves, em São Raimundo Nonato, busquei confirmar com ele se a santa ainda estava presente na igreja católica daquele bairro. Ele me confirmou que sim, ainda estava lá e depois me convidou a ir à missa para que pudesse ver a santa de perto. Todo mês de maio ocorre os festejos em honra a Nossa Senhora de Fátima (Figura 56), assim, todos os anos a santa é ornada

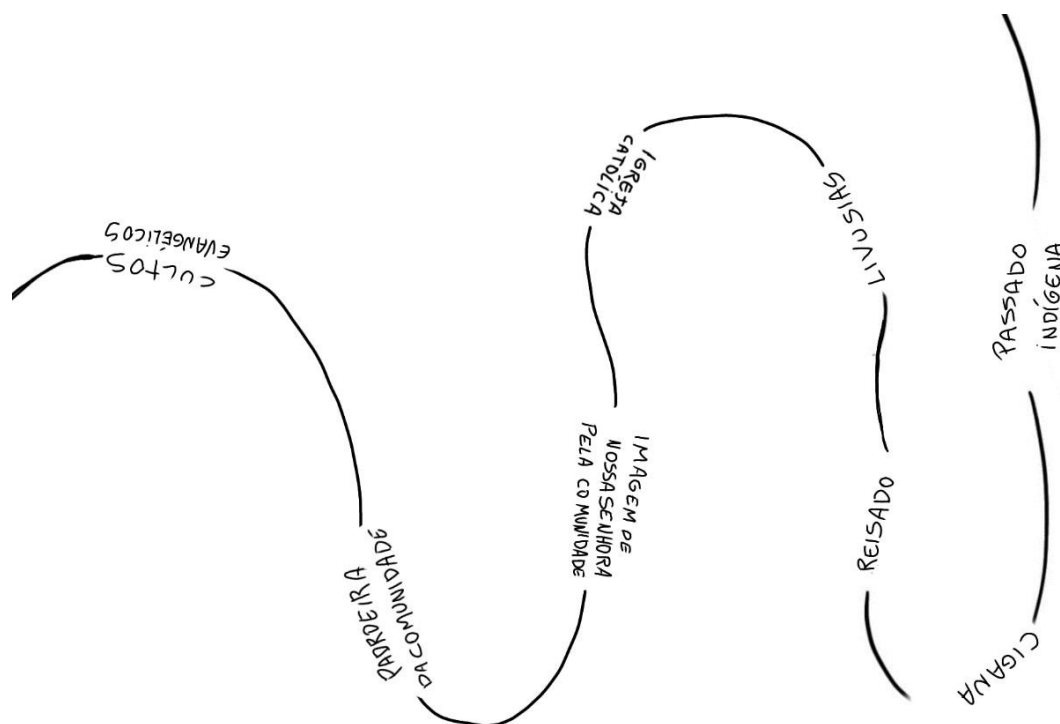
com um véu e flores, fazendo parte agora como símbolo de fé para diversas outras pessoas que são devotas.

Figura 56: Nossa Senhora de Fátima



Fonte: Acervo pessoal da autora (2024).

Para além da religião católica, Iva Parente (2009) cita que era comum no Zabelê ter cultos evangélicos nas casas. De acordo com a autora, vinham missionários passar uma temporada na comunidade e lá faziam trabalhos de evangelização. Uma das casas que é citada como ponto de encontro era a do senhor Joaquim Belisário. O mesmo, é citado diversas vezes nas entrevistas, como veremos no tópico a seguir sobre os tipos de trabalho que o povo desenvolvia. Concluindo a apresentação dessa linha, o diagrama fica dessa forma (Figura 57). Acerca de outras religiões como, por exemplo, da Umbanda e Candomblé, em nenhum momento elas apareceram nas falas dos entrevistados, quando se falava sobre o Antigo Zabelê. Esse foi um tema levantando nas conversas com os moradores mais jovens e já dentro do Novo Zabelê, local onde tem a manifestação das religiões de matriz africana, como ressaltei na introdução desta pesquisa.

Figura 57: Linha IV- Celebrações e Religiosidades<sup>19</sup>

Fonte: Acervo pessoal da autora (2024).

<sup>19</sup> Ressalto que nesses diagramas/linhas desenhadas estão expostos apenas os nomes das coisas que tem no Quadro-emaranhado. Para além dessas coisas existem outras como, por exemplo, na linha das religiosidades existem a apresentação de outros Santos, mas, isso abre outras infinitudes de linhas que não couberam no quadro e que inclusive não foram citadas pelos meus colaboradores. Assim, cada coisa do Quadro-emaranhado é tudo o que foi pontuado e mostrado pelos meus colaboradores.

## 5.5 LINHA V: MEIOS DE SOBREVIVÊNCIA

Nesta linha, quero explicar quais eram os meios de trabalho desenvolvidos pelas pessoas no Zabelê. Uma das características mais fortes dentro do povoado era a prática da agricultura. Durante meu diálogo com os colaboradores: Isaías Gonçalves, Paulo Sousa e Neusa Belisário, foi possível delinear essa questão do trabalho com a roça e de outros tipos de subsistência.

Sobre a agricultura, o sr. Isaías recorda que costumava-se plantar na comunidade: milho, feijão, mamona, fumo. Segundo ele, o fumo era um dos mais cultivados. Faziam toda a preparação e traziam para vender na feira de São Raimundo. O senhor Pedro Gonçalves, pai do Isaías era de uns que cultivava e vendia o fumo. Outros nomes, que são bastantes recorrentes nas narrativas, como vendedores de fumo e da agricultura são os de: Getúlio e Manoel Felipe. Na visão de Isaías, o fumo era um dos meios de sobrevivência pois na época o pessoal fumava muito. Tinha-se também as plantações de algodão e da mamona, quando era época de colheita as pessoas da cidade de São Raimundo compravam a safra.

Quanto a produção de feijão, mandioca, milho e outros produtos alimentícios, o colaborador ressalta que isso era importante de ser produzido para eles terem o que comer durante o ano, até a espera para chegada da época de inverno. Assim, as pessoas investiam nos plantios e buscavam reservar água para quando chegasse a época que era o “tempo ruim de chuva”. Nesse ponto, seu Isaías destaca que eram feitas algumas benfeitorias nos reservatórios de água das grutas, isso tanto para os criatórios de animais como para eles poderem beber.

Em um trecho relatado por Isaías Gonçalves, entende-se que essas grutas seriam as mesmas grungas – citadas no tópico 4.2 – e em alguns trabalhos e outros relatos sobre os reservatórios de coleta de água. Por ficarem em um local de acesso mais difícil, os políticos da época, Newton Macêdo e Valdemar Macêdo, teriam apoiado construção de paredes, que facilitasse para juntar a água e a subida das pessoas até as grutas. Como foi posto anteriormente neste capítulo, cada pessoa costumava ter um caldeirão. Na visão de Isaías, esses açudes ou barragens era como se fosse um bem daquela pessoa que era dona. Mas, na época da seca se algum reservatório secasse aquele que ainda tivesse água ajudava o próximo que não tinha mais água disponível. Então, havia uma cumplicidade entre os moradores.

O senhor Isaías ainda complementa que:

Tinha muita gente lá que no período da seca passava necessidade, hoje nosso país é um país que se desenvolveu muito nessa parte, mas antigamente o povo do interior sofria demais. Lá tinha muita gente que **vivia da caça, de caçar tatu (grifo meu)**. Caçavam durante três, quatro dias na semana para vender e assim fazer a sua feira para o sustento da família (Entrevista de Isaías Gonçalves, em 24 de agosto de 2023).

O assunto da caça foi levantado pelo colaborador Isaías. Na visão dele, as pessoas costumavam caçar para poder trazer algum sustento para a família. Ele lembra que seu pai, por ser comerciante, normalmente fornecia os mantimentos alimentícios da semana para aquela determinada pessoa e, em troca, ia caçar para poder pagar o valor da feira que tinha sido entregue. Dessa forma, a caça era trazida para vender em São Raimundo. Os compradores eram de diversas regiões, como Isaías ressalta, tinha gente que vinha de Salvador, Juazeiro da Bahia e Petrolina, só para comprar tatus. Ele ainda complementa que:

Então, um animal que o pessoal pegava muito era o tatu, hoje está até extinto o tatu bandeira, essas caças grandes estão tudo extinto. Naquele tempo era farto, eles viviam disso e tinha mês que meu pai pegava até duzentos tatus de lá – **Zabelê**- para cá – **São Raimundo**- duzentos tatus para um local daquele era bastante coisa, por semana é muito. Acho que era uma devastação muito grande. Acho que umas coisas vieram até para o bem na criação desse parque aí, teve umas partes que o pessoal sofreu, mas em termo dos animais foi muito bom, porque do jeito que ia, com determinado tempo não ia existir mais nada disso (Entrevista de Isaías Gonçalves, em 24 de agosto de 2023).

O relato do seu Isaías disserta sobre qual foi o lado positivo da implantação do Parque Nacional Serra da Capivara, que para ele foi a preservação dos animais. Ele complementa, que hoje no Antigo Zabelê deve haver muitos animais e que talvez até tenha aumentado a quantidade de tipos de tatus, das onças, do veado e do caititu. Pois, segundo o colaborador, esses eram os animais mais perseguidos pelo povo. O fato dessas caças acontecerem, ele ressalta que era devido ao período de estiagem, porque quando estava no inverno todos trabalhavam na roça, mas, na seca, alguns costumavam ir atrás da caça para sobreviver.

Já o senhor Paulo Sousa, ao definir as características do lugar, traz em memória as questões das produções alimentícias, citando outros tipos de produtos que eram produzidos como, manga, laranja, banana. Ele cita ainda alguns nomes de pessoas que carregavam essas mercadorias para vender: “era o Senhorão, o compadre Salu e seu Joaquim Belisário. Ele complementa ainda que: “O Belisário mesmo, ele produzia muito tomate e trazia muito. Era o que ele mais cultivava lá era isso. Era bom, lá era muito produtivo a terra”.

Nas falas de dona Neusa, ela recorda com emoção a época em o seu pai trabalhava com o fumo e com a mamona:

Eu cheguei lá bem pequeninha e eu sempre gostei de lá. Eu trabalhava mais o meu pai. Meu pai sempre trabalhou. O negócio do fumo mesmo, quando ele falava eu achava bacana o pessoal destalar fumo, aí juntava todo mundo para destalar fumo e eu ficava doida para ir junto com pessoal trabalhar [risos] (Entrevista de Neusa Belisário, em 13 de abril de 2023).

Essa questão de trabalho, Neusa recorda que na infância costumava catar mamona junto com outras crianças. Elas se juntavam e cada uma ia colher os caroços que era referente ao da sua família, assim, ao completar os litros elas vendiam e o valor arrecado usavam para comprar as suas coisas.

A respeito de outros tipos de trabalhos, seu Paulo Sousa comenta que chegou a trabalhar ainda quando era pequeno, com a prática da maniçoba e da coleta da resina de trapucá. No processo de coleta da maniçoba, seu Paulo detalhe os seguintes passos:

1. Escavava o tronco da árvore da maniçoba;
2. Faziam um “furo” pequeno e colocava um “barro bem amarelinho”;
3. Depois fazia o risco no tronco da maniçoba para o leite derramar
4. Deixava passar um dia para poder ir coletar, depois que aquele líquido coalhasse.

Sobre a resina de trapucá ele explica que:

Outro meio de trabalho que a gente trabalhava também, era andando pelos matos procurando a resina de trapucá. Aí a gente pegava também pois era um dos meios de sobreviver, a renda do nosso trabalho era pesquisando isso pelos matos. E o trapucá é um tipo de resina, sabe? Uma resina que parece com aquela que vocês conhecem como resina de angico, que o povo pega até para comer, muitas das vezes, faziam tipo um melado (risos). Então, o trapucá é uma resina que dava quando o pé de pau chorava aquele leite e fazia assim um bolo – **no sentindo de juntar tipo uma massa** – (explicação minha). E ficava ao redor daquelas pedras. Agora a finalidade de para que servia, isso eu já não sei (Entrevista de Paulo Sousa, em 29 de junho de 2023).

Por ter realizado esses trabalhos de coleta quando ainda era menor, seu Paulo se lembra muito para que servia essa resina de trapucá<sup>20</sup>. Na visão dele, eles apenas pegavam e traziam para São Raimundo Nonato, quando chegava as pessoas compravam a resina, mas não sabe qual era o tipo de produto feito com ela. Nesse aspecto, a única lembrança forte que seu Paulo tem é com o trabalho na roça. Ele narra que no Zabelê, costumavam-se explorar as terras para poder derrubar matos, limpar e plantar, assim, iam zelando daquelas terras e da produção que elas geravam. Ele ainda diz que:

Aí naquele tempo produzia o algodão, a mamona, o fumo. Hoje a gente não produz mais, só que naquele tempo tinha tudo isso para a gente produzir e

---

<sup>20</sup> Trapucá é uma árvore que a resina coletada serve para fazer pentes de cabelos e botões de roupas (Santana, 2023).

poder sobreviver, nossa vida lá era essa. Dizer que nós tínhamos empregos para viver trabalhando como hoje, não tínhamos isso não. Nossa vida era essa (Entrevista de Paulo Sousa, em 29 de abril de 2023).

Outros tipos de atividades bem recorrentes eram a coleta da maniçoba (Figura 58-A), que era coletado o látex, como vimos no capítulo 2. Já sobre o fumo de rolo (Figura 58 - B), a Sra. Maria do Rosário contou que sua tia praticava essa atividade e relatou o que sabia a respeito. De acordo com ela, o processo funcionava da seguinte forma:

**Passo 1-** Retirava o talo do meio da folha;

**Passo 2-** Depois faziam uma corda e enrola em um cabo;

**Passo 3-** Fazia-se um mel para poder passar em toda a corda

**Passo 4-** Esperava uns dias e continuava passando o mel

**Passo 5-** Por fim, empacotava e vendia no quilo as gramas do palmo.

Nesse sentido, através dos registros abaixo podemos ver como as pessoas se orgulhavam das suas atividades de subsistência, que chegaram a apresentá-las durante a festa de despedida do local que eles moravam (Figura 58). Essas imagens coloquei-as no quadro, pois já tinha trabalhado com elas na minha pesquisa de conclusão de curso, no ano de 2021. São fotos que foram parte da exposição do Museu Zabelê.

Figura 58: Apresentação da Maniçoba e do Fumo



Fonte: Acervo de I. Sousa (2014).

Nesses aspectos, voltando ao tema da agricultura, durante as minhas andanças pela comunidade do Novo Zabelê um dos tipos de coisas que apareceram conforme as conversas com as pessoas ocorriam, foram três pés de laranja (Figuras 59 e 60) que são mudas de árvores frutíferas remanescentes lá do Antigo Zabelê. Nas fotos abaixo podemos ver essas plantas e, mais adiante, me deterei na narrativa por traz dessas plantas. É válido ressaltar, que toda a produção de frutas, verduras entre outros itens eram trazidos para vender na feira local de São Raimundo Nonato (Figura 61).

Figura 59: Pés de laranja I e II



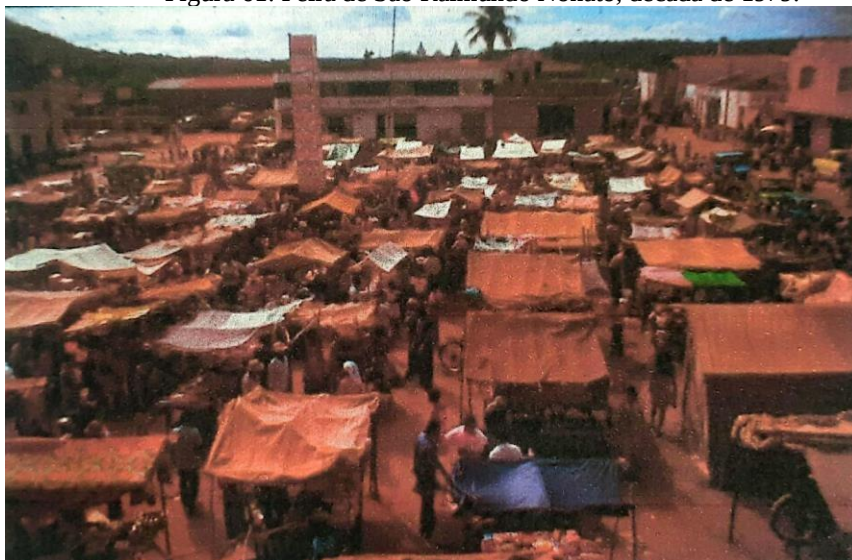
Fonte: Acervo pessoal da autora (2023)

Figura 60: Pé de laranja III



Fonte: Acervo pessoal da autora (2023).

Figura 61: Feira de São Raimundo Nonato, década de 1979.



Fonte: Alex acervo do Gilvan Pereira Santos apud Santos (2014).

Por fim, o diagrama dessa linha fica representado dessa maneira (Figura 62). No próximo tópico irei abordar, de modo geral, todas as coisas de cultura material que foram

encontradas e que compõem a linha de tralhas domésticas. São tipos de material que ainda existem e estão relacionados com a história local do povo do Antigo Zabelê.

Figura 62: Linha V- Atividades de Subsistência



Fonte: Acervo pessoal da autora (2024).

## 5.6 O MOVIMENTO QUE ACONTECE ENTRE AS COISAS E AS PESSOAS

Não há quem diga...  
sobre a vida de um povo,  
melhor que suas cantigas!  
Nem há pujança...  
Que expresse esse povo  
melhor que sua dança!

Nêgo Bispo 1959-2023

No presente tópico, procurei centrar as outras linhas e nós, de coisas, narrativas e pessoas que nos leva a compreender as relações de vida desses colaboradores com o povoado do Antigo e Novo Zabelê. Assim, retomo os objetivos específicos 3 e 4, que tem como escopo registrar as narrativas dos moradores da comunidade e pontuar a relação deles com as coisas encontradas, passando por todos os elementos do quadro. Dentro desse contexto, observo como a malha se forma, pensando como autor Tim Ingold aponta: “pensar a cultura material e as relações de comunicação, interação e fluxos entre coisas” (Ingold, 2012, p. 25).

Nesse aspecto, quero explicar um pouco mais sobre quais foram as coisas encontradas nas casas dos moradores. Ressalto que todos esses itens são provenientes do Antigo Zabelê, muitos são heranças que foram deixadas pelos pais de alguns colaboradores. Outros são resquícios da mudança, de quando eles foram desapropriados.

Esse enfoque teve relevância na medida em que me permitiu destacar e analisar quais foram as experiências de cada colaborador com os restos materiais que são advindos da antiga localidade em que eles moravam. Nesse sentido, levei em consideração a busca pela coleta de quem era os donos dessas coisas, para quem elas foram repassadas e quais são os significados que são atribuídos no presente. Assim, seguindo o próprio curso de como ocorreu a pesquisa, apresento aqui mais narrativas envolvendo as relações com as coisas e a história de vida que foi trilhada na comunidade.

Quando fui conversar com o senhor Abdias, a esposa dele chegou e apresentou um certificado que ele trouxe consigo lá do Antigo Zabelê. O papel em questão, tratava-se da comprovação de que o Abdias tinha feito um curso de montador de rádios. A partir daquele documento, que estava rasurado em quatro partes, mas que montando dava para entender o conteúdo, o senhor Abdias trouxe as memórias da época que montou esse rádio lá no Antigo Zabelê.

Segundo o colaborador, esse rádio foi montado no ano de 1982 e tudo começou por uma grande curiosidade dele para fazer as coisas. Assim, ele ouviu uma propaganda na rádio nacional de São Paulo acerca do Instituto Universal Brasileiro, que estava oferecendo vagas para um curso de montagem a longa distância e Abdias se interessou para estudar:

E eu, como era muito curioso nessa área, eu optei por esse curso, né? E aí fiz. Escrevi para lá, naquele tempo era por meio de cartinhas mesmo, era o meio de comunicação que tinha. Escrevi uma carta falei do que se tratava e eles prontamente mandaram formulários explicando os detalhes (Entrevista concedida por Abdias Macêdo, em 11 de abril de 2023).

Nesse aspecto, o senhor Abdias enviou sua documentação e fez a matrícula. Após isso, os membros do instituto começaram a mandar os livros, e o colaborador começou a estudar. Segundo ele, o curso durou cerca de dez meses. Após os primeiros cinco meses as peças para montar o rádio começaram a ser enviadas e junto vinha as explicações sobre o que cada coisa servia e como funcionava. Abdias lembra que na época no Antigo Zabelê não tinha energia, então, ele teve que montar todo o rádio esquentando o ferro quente no fogo para poder soldar as peças. Para ele, essa foi a grande diversão que surgiu na casa e comenta ainda que, mesmo com as dificuldades, o importante foi ele ter conseguido montar o rádio.

A diversão que tinha na casa era esse rádio. Ainda lembro como hoje, mais ou menos nessa hora eu procurando emissoras de rádio e foi bem em cima dessa rádio Serra da Capivara, logo quando ela surgiu. E naquele tempo era só uma fase experimental da rádio, acho que era de 90 dias, uma coisa assim. Nela só tinha músicas tocando. Era uma diversão em casa (risos) (Entrevista concedida por Abdias Macêdo, em 11 de abril de 2023).

Na fala do senhor Abdias: “tem muitas coisas que a gente lembra e recorda aquele tempo”, pois ao tocarmos no assunto do rádio, ele logo lembrou-se da primeira música que ouviu. Quando colocou na rádio sociedade da Bahia, estava tocando a música Reluz do cantor Marcos Sabino. Para ele: “Isso eu me recordo demais. Era bem como essa hora aqui, estava tocando essa música. Só eu ouvi era em 82, recordo bastante”. Essa é um tipo de memória que é pontuada pelo autor Koselleck (2006), onde a experiência vivida se

renova no presente a partir de um determinado momento que permitiu esses fatos serem lembrados. No caso, essas falas do senhor Abdias Macêdo foram expressas só após ele ver o papel do certificado e depois trouxe em memória a sua experiência enquanto montador de rádio. Para além desses detalhes de qual foi a primeiro som que tocou e o processo de estudo, Abdias lembrou-se de cada peça que ele instalou:

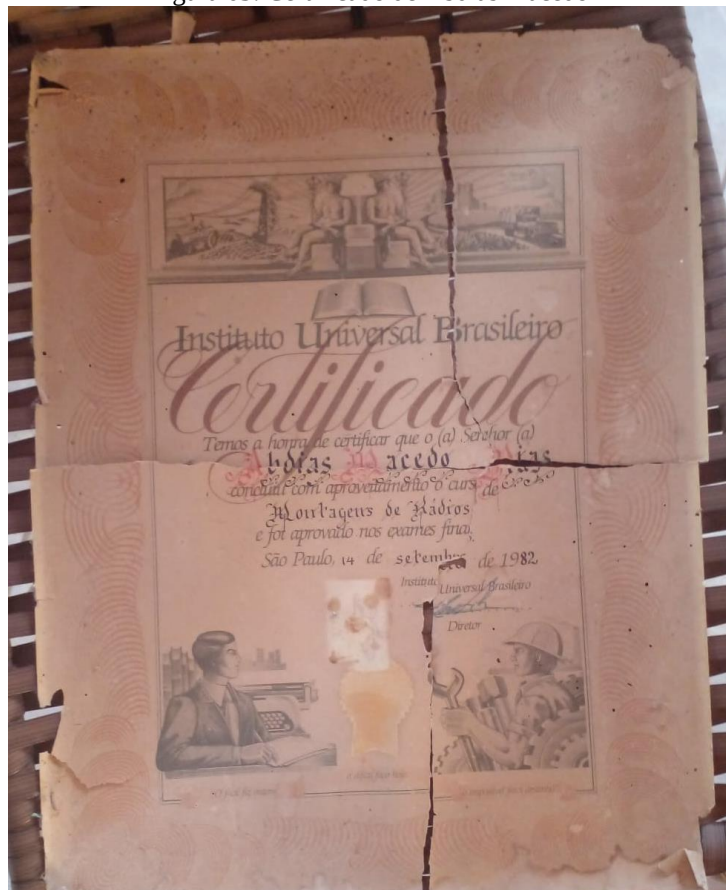
Tem coisas que a gente não esquece, entendeu? Como as peças que utilizei na montagem. Primeiro, nós temos a chave de contato, que é aquela chave que liga e desliga. Depois temos a chave de ondas, que é aquela que muda de faixa, naquele tempo tinha, hoje não tem mais, mas antes tinha, né? A chave de ondas mudava de faixas. Tinha também a faixa da noite, a faixa do dia, entendeu? Aí vem os alto falantes. Depois vinha os componentes pequenos, que eram as bobinas de ondas médias, ondas curtas, ondas tropicais. Tinha as bobinas de frequência intermediária, os capacitores eletrolíticos, capacitores staylorflex, capacitores cerâmicos, resistores e daí por diante (Entrevista concedida por Abdias Macêdo, em 11 de abril de 2023).

O colaborador traz uma grande riqueza de detalhes sobre esse instrumento, pois foi uma marca dentro da sua família por ter sido o primeiro rádio que Abdias montou. Ainda de acordo com ele, todos da casa usavam. Depois da montagem ele se lembra de ter feito apenas uma manutenção naquele equipamento. Com o passar dos anos e das mudanças, o rádio se desfez.

Anos depois o seu Abdias Macêdo se mudou para as cidades de São Paulo e Rio de Janeiro, onde por alguns anos trabalhou com eletrônica. Da parte de montagem ele diz que fez apenas esse rádio, e que era um modelo tão bem produzido, que durou por muitos anos. O colaborador ainda ressalta, que a sua maior alegria foi ter colocado a última peça e quando ligou logo funcionou. Para ele: foi uma alegria muito grande, porque na verdade para quem não sabia para onde ia as coisas, né? E de repente conseguir assim, eu fiquei muito alegre e satisfeito.

O documento abaixo (Figura 63), trata-se do certificado comprovando a conclusão do curso do senhor Abdias. Isso intensifica um dos pontos debatidos acima, sobre o quanto as pessoas buscavam a educação dentro do Antigo Zabelê. O certificado é guardado com muito afinho pelo dono. É possível ver que o papel está bem rasurado, devido ao tempo e as mudanças que percorreu, mas esse é uma das coisas afetivas que permanece vivas, trazendo diversas memórias como vimos no tópico 5.7.

Figura 63: Certificado de Abdias Macêdo



Fonte: Acervo pessoal da autora (2023).

Para continuar cruzando as linhas, agora apresento mais algumas memórias do senhor Isaías Gonçalves. Quando estava entrevistando-o, o colaborador começou a tecer em suas memórias outras lembranças de como foi o seu crescimento dentro do Antigo Zabelê. Na fase da infância ele acompanhava seu pai no trabalho e depois, já adolescente, veio concluir seus estudos na cidade de São Raimundo.

E depois que passei a estudar aqui, até certos tempos que eu fiz o ginásio aqui – São Raimundo Nonato-, quando foi para fazer o pedagógico eu fiz o segundo grau em São Paulo, que fui para lá com 16-17 anos. Passei cinco anos por lá, retornei e estou aqui trabalhando de ambulante e já tem mais de trinta anos por aqui trabalhando de ambulante. Já formei uma família e formei meus filhos também. E estamos por aqui continuando no mesmo engajamento como ambulante (Entrevista de Isaías Gonçalves, em 24 de agosto de 2023).

Seu Isaías comenta que, quando veio estudar em São Raimundo, foi porque o pai dele tinha uma casa na área urbana. Então, na época da escola ele ficava a maior parte do tempo na cidade e os pais no Zabelê para cuidar dos criatórios, das roças e das crianças menores. Na época das férias ele voltava para o Zabelê, para desenvolver as seguintes atividades: limpar a roça, plantar e colher. Após a desapropriação, a vida da família

Miranda Gonçalves passou a acontecer somente no referido município. A respeito dessa mudança, Isaías comenta que:

Quando meus pais vieram de lá, quando deslocaram o pessoal de lá, o meu pai tinha casa aqui e eles trouxeram muitas coisinhas para cá. Todas as coisas que eles tinham lá, eles trouxeram. Como não tinha terras para ficar, meu pai não se desfez dos animais, ele pegou e deu para outras pessoas criarem para ele. Aí nós ficamos nessa situação, meus pais pegaram os animais e botaram para o pessoal criar. Mas, aí também não deu retorno bom, porque os criatórios só desenvolvem na mão do dono mesmo (Entrevista de Isaías Gonçalves, em 24 de agosto de 2023).

Foi nesse ponto de falar sobre a mudança, que o Isaías Gonçalves, me apresentou algumas coisas que seus pais trouxeram na bagagem como, por exemplo, um caixote (baú), uma pedra de amolar, uma mesa e uma máquina de costura. Fora isso tinha outros materiais. Ele explica que por seu pai ter sido comerciante, ele usava muitos caixotes para colocar os cereais, como a farinha. Essas coisas, após a morte dos seus pais, foram repassadas para Isaías que atualmente ainda mantém intactos esses restos de cultura material (Figura 64).

Nessa etapa da entrevista, o colaborador me levou até o muro da sua casa para ver a mesa e a pedra de amolar. Nesse momento, ele fala que essas coisas transmitem para ele lembranças boas de uma época a qual ele define que apreciou o bem bom. A diversão estava na roça, nos criatórios e nas brincadeiras com os colegas que lá morava. Para ele, era uma vida saudável e mesmo passando um tempo em São Raimundo para estudar, a vida lá no Zabelê continuava com os laços afetivos sendo feitos. Assim, as coisas trazem memórias de um tempo agradável, que mesmo com as dificuldades não deixou de trazer saudades. Assim, ele complementa que:

Para mim essas coisas são uma relíquia, porque a gente tem aquelas lembranças como se fosse hoje, né? Como eu não tenho mais eles presentes, eu tenho essas coisas que ficam me lembrando aquele passado que tive com eles e a gente relembra aquelas coisas que passamos juntos. A vida lá não era fácil e a gente convivia no dia a dia junto com eles, então a gente tem aquela lembrança boa e sempre se recorda daquilo que já passou. Hoje a gente vive em outro rumo praticamente, a vida é bem diferente do passado, em termos financeiros porque naquele tempo vivia na boa, mas bastante sofrimento. Já hoje a gente tem uma vida mais resguardada menos sofrida, e essas coisas para mim é uma relíquia, uma lembrança daquele passado (Entrevista de Isaías Gonçalves, em 24 de agosto de 2023).

Figura 64: Pedra de amolar



Fonte: Acervo pessoal da autora (2023)

Sobre a pedra de amolar, como o próprio nome já diz, é um tipo de instrumento utilizado para afiar facas, fações, enxadas etc. Essa materialidade está presente em uma casa na cidade de São Raimundo e em outra casa dentro do Novo Zabelê. Segundo os relatos dos colaboradores, elas foram retiradas de um lugar chamado Pedreiras, que ficava no Antigo Zabelê, onde havia trabalhos para retirarem pedras que faziam os calçamentos da cidade.

Dentre as relíquias de seu Isaías Gonçalves, também foi encontrado uma máquina de costura. Essa coisa não tem mais utilidade e é apenas guardada como recordação. Um aspecto interessante é que no Antigo Zabelê tinham-se algumas mulheres que costuravam tanto para si próprio e para os familiares como para outros, fazendo roupas que eram encomendadas pelas pessoas da comunidade. No material que foi encontrado, pode-se ver que a parte externa está bastante desgastada devido ao uso. Para além disso, é possível ver que na parte da agulha, ainda tem um pedaço de pano que foi deixado pela dona da máquina (Figuras 65, 66, 67), última pessoa que a usou que era a mãe de seu Isaías.

Figura 65: Caixa da Máquina de costura I



Fonte: Acervo pessoal da autora (2024)

Figura 66: Máquina de costura I - aberta



Fonte: Acervo pessoal da autora (2024).

Figura 67: Máquina de Costura I



Fonte: Acervo pessoal da autora (2024).

Já sobre o baú ou caixote de madeira, seu Isaías Gonçalves conta que esse era um tipo de material usado para carregar alimentos, mas, na época da mudança eles usaram para pôr as vestimentas que estavam sujas. Esse baú foi trazido na mudança vindo do Antigo Zabelê para a cidade de São Raimundo Nonato, local em que se encontra atualmente (Figura 68). A próxima coisa trata-se de uma mesa de madeira (Figura 69), segundo o seu Isaías Gonçalves, essa mesa já está bem desgastada pelo tempo e serve apenas para como porta bagunças, ficando no fundo do muro da casa do colaborador.

Figura 68: Baú de madeira



Fonte: Acervo pessoal da autora (2024).

Figura 69: Mesa



Fonte: Acervo pessoal da autora (2024).

Seguindo o curso da linha, agora vamos ver quais são as coisas dos colaboradores Paulo Sousa e Nanci Sousa. Cada um desses itens foram surgindo quando seu Paulo contou sobre a desapropriação. Segundo ele, a proposta para a saírem do território ocorreu no ano de 1986, mas todos só vieram a sair mesmo em 1989. Acerca da indenização, ele falou que foi receberam um dinheiro que era muito pouco, mas que alguns foram indenizados e outros não. Nesse sentindo, os moradores foram liberados para pegar todos os tijolos e madeiras das casas que foram demolidas.

Acerca desse tema, o senhor Paulo Sousa informou que se lembra do dia que saiu da sua casa, ele com sua mulher e seus filhos. Nessa mudança, as coisas que eles trouxeram foram: madeiras, duas pedras de amolar, uma pedra de lavar roupa, mudas de um pé de laranja e um pé de pimenta. Dentro da casa de seu Paulo e dona Nanci no Novo Zabelê, hoje só existe uma pedra de amolar e três pés de laranja que foram gerados da muda que eles trouxeram.

No decorrer das nossas conversas, dona Nanci se manifestou para me contar qual era a história daqueles pés de laranjas, ela fala que:

Quando eu vim de lá, eu vim em um carro, a mudança e os meninos vinham em cima do carro, era o carro do Senhorão. E eu vinha na frente com um caco bem grande no colo. Aí quando eu vinha com esse caco no colo, o Senhorão virou para mim e falou: Ei, tu vai levando esse caco com tanto carinho por quê? Aí eu disse: É porque eu estou levando esse pé de laranja para plantar na minha casa, para mim estar sempre lembrando das laranjas que eu chupava no Zabelê. E ele ficou rindo de mim, dizendo: Com tanta laranja em São Raimundo, tu vai levar esse pé? E eu disse: Vou sim. Aí cheguei e plantei o pé de laranja e o pé foi crescendo, e eu sempre estava cuidando dele. Mas, logo o pé de laranja foi florando (Entrevista de Paulo Sousa, em 29 de junho de 2023).

Ela ainda narra que, quando começou a frutificar, saiu distribuindo laranja para as pessoas, assim eles sempre se recordariam do gosto da laranja do Zabelê. Assim, dona Nanci disse que nunca perderia ou jogaria fora as sementes daquela árvore. Quando se mudaram para o Novo Zabelê, novos pés de laranja foram plantados, no ano de 2012. São esses que ainda permanecem na casa e na vizinhança ao redor, pois ela conta que saiu distribuindo muda para várias pessoas:

Eu vim para aqui- Novo Zabelê- primeiro eu vim para casa que era do meu filho, depois foi que vim para a minha. Aí eu disse: Paulo, o pé de laranja que está em São Raimundo, não está mais botando laranja não? Aí o Paulo disse: Nanci, lá só tem uma laranja, se o passarinho não furar tu vai tirar a semente dela. Aí quando ficou de vez, ele retirou a laranja e eu coloquei para terminar de amadurecer. Quando eu parti a laranja, tu acredita que só tinha mais semente do que água? Aí eu peguei e enchi um caco e não falhou um pé de laranja. Aí eu disse, agora eu não perco mais esse pé de laranja, sai distribuindo para todo mundo aqui no Novo Zabelê dizendo para eles: Olha aqui é a lembrança lá do Zabelê, está vendo? Eu dei uma muda até para minha irmã lá no Tamboril, e

até hoje está lá um pé bem grandão. Assim, minha lembrança do Zabelê nunca acabou (Entrevista de Nanci Sousa, em 29 de junho de 2023).

Dessa maneira, com essas histórias o quadro de emaranhado da família Sousa, fica representado com essas coisas: Uma pedra de amolar (Figura 70) e três pés de laranja, que estão no tópico 5.5, representando os meios de trabalho do povoado Antigo Zabelê. É interessante ressaltar que, a pedra de amolar é advinda do mesmo local da que seu Isaías Gonçalves pegou, como podemos ver acima.

Figura 70: Pedra de Amolar do seu Paulo Sousa



Fonte: Acervo pessoal da autora (2023)

Um outro ponto que forma o emaranhado envolve a ligação da família Belisário. A minha primeira visita com dona Neusa aconteceu no dia 13 de abril de 2023. Nessa conversa, a colaboradora começou a citar algumas peças de cultura material do Antigo Zabelê, que são preservadas por ela. Os primeiros itens que ela apresentou foram alguns monóculos. O marido de Neusa era fotógrafo, então ele costumava retirar muitas fotos das pessoas da comunidade. Para ela, esses monóculos são muito importantes, pois transmitem todo o crescimento dos seus filhos, quando ainda moravam no Zabelê. Ela diz que:

Dos monóculos a gente lembra demais, porque esses monóculos mesmo, minha menina do meio ela não tem fotos dela pequena, pois quando foi tirando

lá no Zabelê ele vinha revelar aqui em São Raimundo, aí nós tiramos as fotos dela... fomos tirando aí quando foi para revelar foi no tempo que tinha acabado e entrou a foto de papel, aí ele pegou e guardou os filmes lá para revelar para quando fosse em Petrolina pode revelar, aí ele demorou ir e quando chegou lá não achou. Aí acabou que ela não tem fotos de quando era pequenininha. Já do meu menino tem. Aí ele veio retirar foto dela já depois, mas já era outras coisas não era mais monóculos (Entrevista de Neusa Belisário, em 13 de abril de 2023).

As imagens em questão, que mostram o crescimento do filho de Dona Neusa e a vida cotidiana de outras pessoas no Zabelê são as figuras 43, 44, 45, 46 (C) 47 (C), 50 e 55. Neusa comenta ainda que, quando casou com o senhor Salvador Dias, ele já trabalhava como fotógrafo e costumava percorrer entre o Zabelê e São Raimundo fazendo a cobertura de festejos ou festas (Figura 71). Ela complementa que: “O pessoal vinha jogar lá no Zabelê, vinha gente do Alegre e da Várzea Grande, aí ele que tirava as fotos”.

Figura 71: Monóculos



Fonte: Acervo pessoal da autora (2023)

Após esse encontro, Neusa começou a puxar mais coisas para me mostrar, algumas foram móveis que fizeram parte da sua casa no Zabelê. Os itens apresentados foram: Um fogão, uma cama, louças e uma bicicleta. O fogão da imagem abaixo (Figura 72), é da marca alvorada ouro, estima-se que esse modelo é da década de 1960 (?). No caso deste, ele ainda funciona, apenas tampa do forno é que está quebrada e para poder ficar segura no local foi colocado uma cordinha. No entanto, esse fogão não mais utilizado

pela sua dona, é apenas guardado como uma relíquia da época do seu casamento e vida familiar construída no Antigo Zabelê.

Já sobre a cama, é um item que ainda é utilizado por Dona Neusa, uma cama de casal (Figura 73), que foi construída por um marceneiro que morava no Antigo Zabelê. Podemos ver pela cabeceira da cama, que é um item de madeira e que está bem preservado, e por parte do portador dessa materialidade, nunca houve intenção de trocá-la por uma mais moderna, já que essa é de “madeira muito boa”. Acerca das louças de porcelana, a colaboradora contou que fizeram parte do seu enxoval de casamento. Ela guarda essa leiteira, uma chaleira e o açucareiro (Figura 74) com muito afeto.

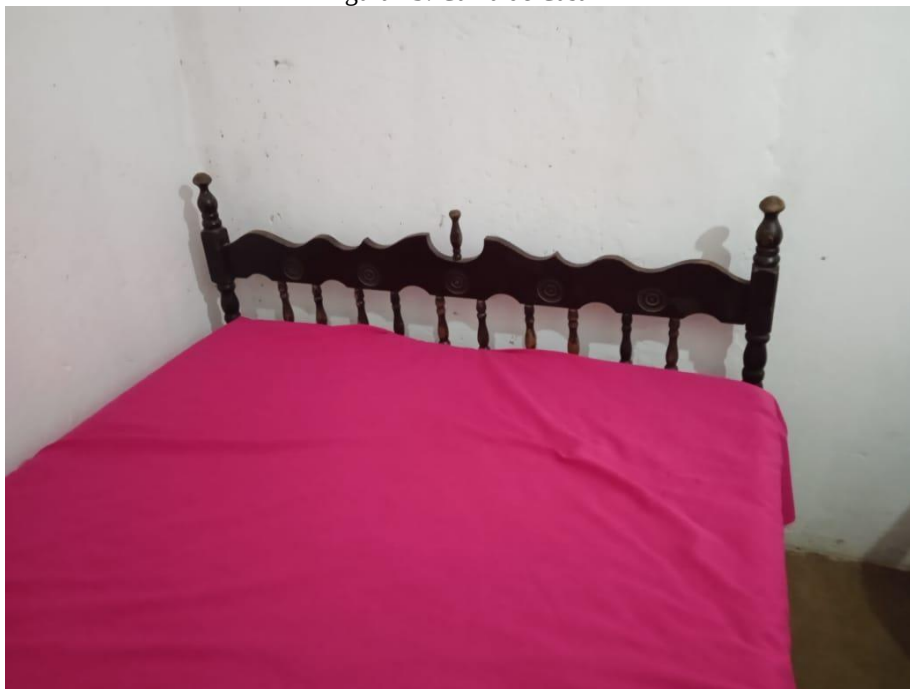
Nesse sentido, dentre as coisas que Neusa trouxe do Antigo Zabelê tem-se também uma bicicleta infantil (Figura 75), que era utilizada pelos filhos de dona Neusa Belisário quando eles ainda eram pequenos. Após a mudança para a cidade a bicicleta continuou em uso, inclusive, o colaborador Sidimar Sousa, lembra de ter andado nessa bicicleta pelos bairros da cidade, quando era criança. Para a senhora Neusa Belisário, existe um desejo de reformar a bicicleta e passar esse item para seus netos usarem também.

Figura 72: Fogão



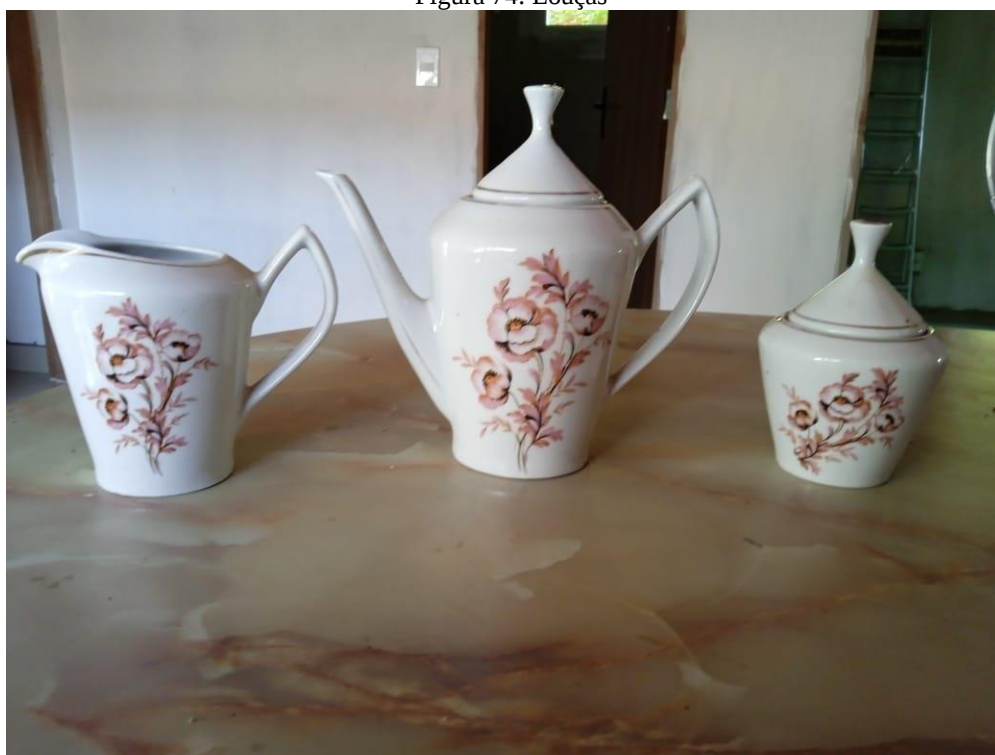
Fonte: Acervo pessoal da autora (2023).

Figura 73: Cama de Casal



Fonte: Acervo pessoal da autora (2024).

Figura 74: Louças



Fonte: Acervo pessoal da autora (2024).

Figura 75: Bicicleta



Fonte: Acervo pessoal da autora (2024).

Durante as conversas com a dona Neusa, pude conhecer um pouco das histórias do seu Joaquim Belisário, já que não foi possível ele conceder entrevista devido as limitações impostas pela idade e saúde. Quando a senhora Neusa começa a falar da vida no Zabelê, as suas primeiras memórias elaboradas referem-se ao tempo vivenciado em família. Ela conta que seu Joaquim era marceneiro e agricultor. Ele é citado por outros entrevistados, como vimos acima, como um dos maiores produtores de tomate.

Uma das lembranças mais afetivas de Neusa, é a relação com seus pais e o dia a dia em família. Assim, ela mostra duas panelas (Figuras 76 e 77) que guarda com muito carinho. Para a colaboradora as panelas têm o seguinte significado:

Essas panelas, na época que a gente era fraco de condições, minha mãe fazia aquele panelão de comida. Uma panela de arroz, aí eu olhava para o tanto de gente que ia comer aquele arroz e era muita gente, porque nós éramos muito, sabe? Era nove pessoas. Minha mãe sempre fazia aquele caldeirão de feijão, eu sempre lembro quando vejo as panelas. É uma coisa que nunca esqueço (Entrevista de Neusa Belisário, em 13 de abril de 2023).

Outras memórias que Neusa tem com essas panelas, é do tempo que vinha um pessoal para o Antigo Zabelê e trabalhavam carregando pedras. Seu Joaquim é uma pessoa acolhedora e todas as vezes mandava Neusa cozinhar comida para essas pessoas.

O meu pai dizia, esses coitados vêm com fome e me botava para ir fazer galinha para eles (risos) E eu tinha uma raiva (risos), porque eles chegavam e comiam depois deixavam uma bagunça todinha para eu limpar (Entrevista de Neusa Belisário, em 13 de abril de 2023).

De acordo com as narrativas de Neusa, esse pessoal trabalhava em uma área chamada de Pedreiras, inclusive é o local em que o seu Isaías Gonçalves e Paulo Sousa pegaram as pedras de amolar. Esse material era coletado para fazer os calçamentos das ruas da cidade. Em outro momento, Neusa apresenta alguns itens que era da casa dos seus pais como, por exemplo, uma cadeira de ferro (Figura 78), uma máquina de costura (Figura 79), um ferrete (Figura 80) e uma furadeira manual (Figura 81) e um moedor (Figura 82). Mas, seu afeto maior está com as panelas, pois a mesma conta que quando houve um assalto na sua casa, no Novo Zabelê, a primeira coisa que ela foi atrás foi de saber se tinha pegado as suas panelas.

Figura 76: Panela I



Fonte: Acervo pessoal da autora (2023).

Figura 77: Panela II



Fonte: Acervo pessoal da autora (2023).

Essas panelas são de ferro e estão bem conservadas. No caso, essas panelas remetem a sua dona um símbolo de herança, momentos em família e lembranças das comidas que nelas eram feitas. Assim, também ocorre com o próximo item que é uma cadeira, a mesma foi reformada, e até hoje, assim como as panelas, são itens que as pessoas costumam utilizar no seu dia a dia.

Figura 78: Cadeira de ferro



Fonte: Acervo pessoal da autora (2023).

Figura 79: Máquina de Costura II



Fonte: Acervo pessoal da autora (2023).

Figura 81: Ferrete



Fonte: Acervo pessoal da autora (2024).

Figura 80: Furadeira Manual



Fonte: Acervo pessoal da autora (2024).

A imagem acima (Figura 80) demonstra um pouco da subsistência do povo do Antigo Zabelê que provinha mais da agricultura e criação de animais. O ferrete apresentado pela colaboradora Neusa Belisário, é um exemplo clássico de um instrumento que era utilizado para ferrar os bichos. A letra B representa a inicial do sobrenome do dono da peça, que o pai de Dona Neusa, seu Joaquim Belisário.

Outro exemplo de materialidade usada no cotidiano pelas pessoas, é a furadeira manual (Figura 81). Segundo informações da colaboradora, dentro do Antigo Zabelê só existiam dois marceneiros, que era o senhor Joaquim e um outro senhor a qual chamam carinhosamente de “tio Né”. Na representação de trabalho de marceneiro e da vida no dia a dia a colaboradora ainda mostrou um serrote (Figura 82) e um moedor (Figura 83), que era utilizado para moer o café produzido localmente.

Figura 82: Serrote



Fonte: Acervo pessoal da autora (2023).

Figura 83: Moedor



Fonte: Acervo pessoal da autora (2023).

Para além desses acervos, Neusa tem a lembrança do seu pai e da sua mãe plantando no Antigo Zabelê. Segundo ela, o senhor Joaquim costumava vir do Zabelê para São Raimundo em cima de um jumento, carregando fumo, tomate, banana, repolho, ata (pinha). Outro lugar que ele costumava ir vender era na cidade de Canto do Buriti. Neusa relata que:

Ele saía para vender no Canto do Buriti no jumento. Lá passava uns 15 dias e tinha vez que ele não conseguia vender os fumos, aí ele trocava por rapadura ou por farinha e chegava lá em casa todo alegre (Entrevista de Neusa Belisário, em 13 de abril de 2023).

Já acerca de sua mãe, dona Maria Madalena, (*in memóriam*) falou que produzia potes de barro e era também costureira. Neusa me contou que até certos tempos ela tinha um pote feito pela sua mãe, mas com o tempo e com interação de outras pessoas dentro da casa, acabou quebrando essa lembrança. Sobre a produção de roupas, ela fazia tanto para as pessoas de casa como para os outros membros da comunidade que a procurassem.

Dentre as inúmeras histórias experimentadas por seu Joaquim, dona Neusa narra sobre os trânsitos de seu pai entre uma localidade e outra. Segundo ela, seu Joaquim saiu do Zabelê para o Serra Branca, que dá entorno de 9 quilômetros, só que na volta o jumento que ele ia montado acabou morrendo. Com esse acontecido, o senhor Joaquim teve que

ir a pé até chegar na sua casa. Ela diz que: ele diz que estava com um medo tamanho, mas que não ligava. Aí quando estava chegando ele encontrou as irmãs dele. Ele fala que chegou lá gritando com as pernas doendo.

No quesito de construções, dona Neusa relata que seu pai sempre construía alguns móveis como banca de pote (Figura 84), tamborete (Figura 85), mesas, portas e produzia também os caixões para a comunidade: “Lá se morresse uma pessoa era ele quem ia fazer o caixão, e eu tinha um medo danado daquilo (risos)”. Para além do seu Joaquim, um outro nome citado como marceneiro da comunidade, foi o senhor Nelton Parente (*in memoriam*), que é chamado por Neusa de “tio Né”. Na casa de seu Joaquim, em São Raimundo, ainda existe a banca de pote. De acordo com Neusa essa banca é muito antiga, mas não sabe informar uma data precisa de quando ela foi construída. Até hoje esse móvel continua sendo utilizado, assim como a mesa (Figura 86), em que todos da família se reúnem nas refeições.

Figura 84: Banca de pote



Fonte: Acervo pessoal da autora (2023)

Figura 85: Tamborete



Fonte: Acervo pessoal da autora (2023).

Figura 86: Mesa



Fonte: Acervo pessoal da autora (2024).

A casa de pedra, exposta no tópico 5.1, também é uma construção feita por seu Joaquim. A colaboradora Neusa Belisário, conta que seu pai fez essa casa para uma pessoa, o senhor Pedro Parente, que estava com medo dos acontecimentos da Segunda Guerra Mundial. No trabalho de Santana (2023), essa casa de pedra é citada como uma das referências históricas dentro do Parque Nacional Serra da Capivara. No entanto, a versão de um dos entrevistados do referido autor, que é o senhor Pedro Alcantara (seu Noca), nos é apresentada uma versão diferente.

Segundo Noca, Pedro Parente se instalou lá depois que começou a sair as notícias sobre o povo deixar as terras, ele narra que:

Num conhecia nem homem e nem muié pra tirar ele dali. E, aí ele fez aquela casa pra trincheira. Aí, inclusive, ele comprou algumas armas para se entrincheirar lá par quem encostasse lá ele mandar bala[...] lá tinha um buraco virado pra estrada, lá na casa, que ele ficava ali pra observar [...]. Em 58 foi a média que ele fez aquela casa. (Entrevista de Pedro Alcantara para Castro, 2023 p. 190).

O autor Santana (2023), acha estranha a relação com essa data de 1958, pois Niede Guidon só vem para a região na década de 70. No entanto, é relevante apresentar essa outra versão sobre essa casa de pedra, que se mostra como alternativa a versão da colaboradora que entrevistei, a dona Neusa Belisário.

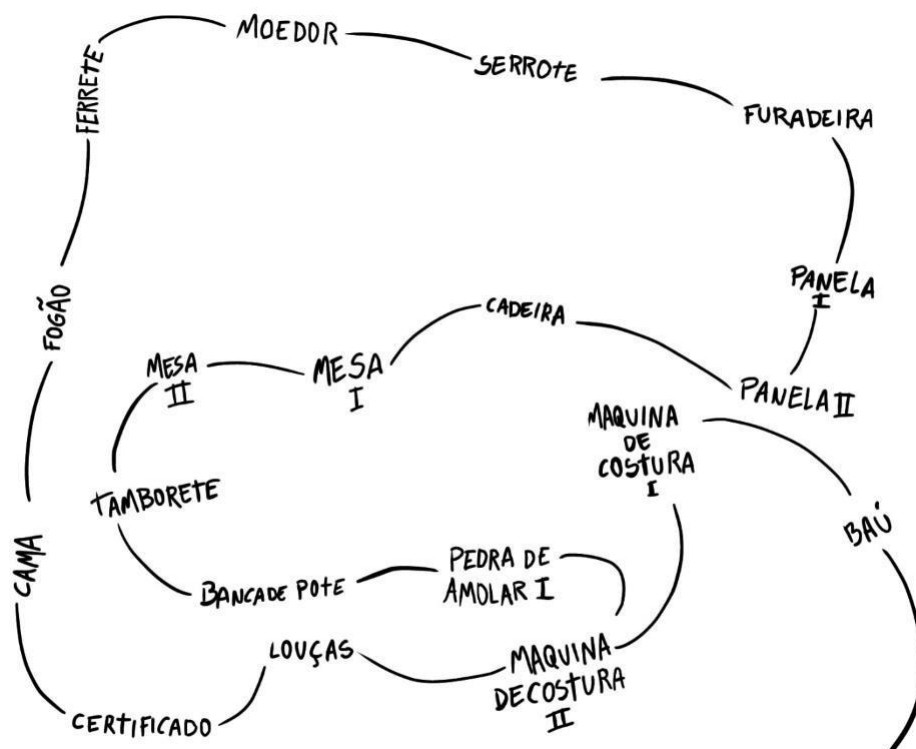
Nas narrativas das pessoas que ouvi e nas experiências com as coisas que pude travar tive a oportunidade de me confrontar com as expectativas teóricas trazidas por autores como Miller e Ingold para citar alguns exemplos. O primeiro ao defender a premissa de que os ‘trecos’ que nos rodeiam e as pessoas se constroem mutualmente, em um processo dialético e permeado de vida. Como sujeitos, os trecos participam de nossas trajetórias e co-habitam o mundo conosco. Nesse caso, não são representações de memória, mas a própria memória viva e engendrada com outras dimensões de nossa realidade. Justamente por isto, falar das coisas significa um convite para adentrar por outros assuntos relevantes dentro das trajetórias dos colaboradores, caminhando por terrenos onde os limites entre presente e passado não são pré-estabelecidos, mas negociados na experiência da memória.

Nesse sentido, retomo a ideia de Ingold, ao dizer que seguir as coisas é se aventurar pela imprevisibilidade, quando reconhecemos que o poder das coisas é exatamente a sua capacidade de associação, nunca existindo de maneira acabada, mas viva, que pode ser redimensionada a cada encontro. É por esse caminho que percebemos que, em determinados encontros do emaranhado, uma pedra de amolar, é pedra de amolar, mas também faz referência a tipos de atividades que eram desenvolvidas no Antigo

Zabelê, como quando os entrevistados falam sobre as pessoas que caminhavam até as pedreiras para pegar essas pedras.

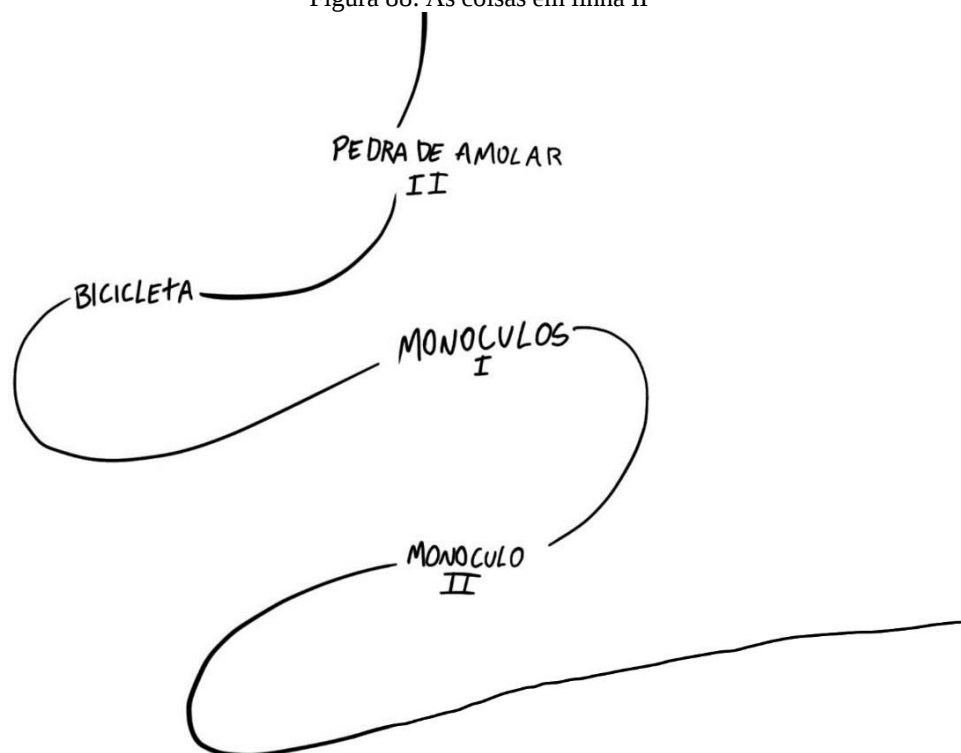
Depois, a partir disso, relembram a comunhão entre eles, onde se ajudavam e compartilhavam comida com esses trabalhadores. Outro exemplo, acontece com as panelas de ferro, em determinadas falas essas coisas tinham a função de fazer a produção dessas comidas que servia para a família e para ajudar o próximo, como relata a dona Neusa Belisário. Mas, hoje em dia para além da função de cozinhar essas panelas carregam o afeto daquele tempo no Zabelê, fazendo com que a colaboradora lembre dos momentos com sua mãe já falecida. Ao mesmo tempo, sob esta premissa, é possível enxergar linhas conectando coisas e incrementando o emaranhado com a visualização de outros nós, como busco demonstrar nos diagramas a seguir.

Figura 87: As coisas em linha



Fonte: Acervo pessoal da autora (2024).

Figura 88: As coisas em linha II



Fonte: Acervo pessoal da autora (2024).

Figura 89: Quadro-Emaranhado com as primeiras linhas formadas



Fonte: Acervo pessoal da autora (2024).

## 5.8 PERCORRENDO OUTRAS LINHAS: A HISTÓRIA DO NOVO ZABELÊ

Para esse tópico, o intuito é demonstrar tudo o que foi relatado pelos meus colaboradores sobre o processo para aquisição de uma nova terra em que eles pudessem morar. Como já foi explicitado no Capítulo 1, ao saírem do Antigo Zabelê todos os moradores ficaram à mercê da própria sorte e sem ter uma terra para eles trabalharem e refazerem suas vidas. Somente dez anos depois que parte destas pessoas se assentaram onde hoje é conhecido como Novo Zabelê.

O primeiro ponto dentro desse diagrama, é com a chegada dos pesquisadores na localidade do Antigo Zabelê (Figura 90), quando vinheram para a região. Todos tinham uma boa relação com os moradores e como foi descrito acima, essa relação só mudou após a desapropriação. Na foto abaixo podemos ter uma noção de como era esse laço estabelecido, a mesma é da década de 1986.

Figura 90: Pesquisadores no Antigo Zabelê



Fonte: Acervo da FUMDHAM.

A história da desapropriação foi analisada no capítulo 2, agora apresento uma parte da história da localidade Novo Zabelê, considerando o seu envolvimento em outros fluxos e emaranhados relacionados com coletivos e contextos históricos que se espalham para além da moldura desta dissertação. Essas narrativas foram contadas pelo Padre José Herculano de Negreiros. Segundo ele, as terras que hoje formam o Novo Zabelê, antes tratava-se de uma fazenda, chamada de Fazenda Lagoa dos Padres. De acordo com o

relato do Padre Herculano, essa área da fazenda possui cerca de 49 mil hectares e o motivo de ser chamada de Lagoa dos Padres, é porque na época, a cidade de São Raimundo Nonato era povoada de várias lagoas, então para distinguir das outras, colocaram este nome. Segundo o colaborador, a data de surgimento dessa fazenda é por volta do ano de 1930. Ele complementa ainda que:

Essa área foi doada por um autárquico aqui de São Raimundo Nonato; que eu não sei quem foi, porque eles eram donos de toda essa região inteira. Eles doaram para a prelazia de Bom Jesus do Gurguéia, que tinha a sede aqui em São Raimundo Nonato. Mas, não tinha como viajar para lá, então eles deram essa aqui para os padres, e ela ficou sendo chamada de área de Lagoa dos Padres. Bem, quando Dom Inocêncio morreu em 1958, ela ainda pertencia aos padres e assim ficou pertencente aos padres durante muitos anos, uns 14 anos, que eu tenho assim vagamente na memória. E ela era cuidada por um frade frei Mariano, que foi um frade mercedário lá do Canto do Buriti, porém residente aqui na casa do Bispo. E ele é quem era o administrador da fazenda enquanto Dom Inocêncio era vivo (Entrevista de Padre Herculano Negreiros, em 2 de agosto de 2023).

Outros relatos orais corroboram com o que é citado acima, falam que essa fazenda foi deixada de doação para os padres, e por isso levou o nome de Lagoa dos Padres. Dentro desse contexto, a figura religiosa que aparece é Dom Inocêncio. Após a morte de Dom Inocêncio, em 1958, a fazenda passou ainda a ser pertence-te aos padres, mas era administrada pelo senhor Dédcio (*in memorian*), que é natural do povoado Lagoa de Fora, que fica também aqui na cidade de São Raimundo Nonato. Segundo o Padre Herculano Negreiros, foi Dédcio que cuidou da fazenda, até quando o bispo da cidade morreu em 1988 e o senhor Raimundo Paixão comprou essa fazenda. Ele ainda nos conta que:

[...] Da época que Raimundo Paixão comprou era já na década de 80 e tanto, porque eu já era prefeito. Eu cheguei aqui em 1991-1992, logo que eu fui prefeito, e já me deparei com o problema do povo do Antigo Zabelê [...]então, eu me meti na história. Aí, quando foi em 1996, o Raimundo Paixão veio de Salvador e viu a briga aí nas rádios. porque naquele tempo utilizava muito a rádio Serra da Capivara, com um programa semanal que eu fazia com o nome de “Alerta Geral”. Bem, então o Raimundo Paixão me procurou e disse: “Padre, eu escutei o senhor falando na rádio sobre o problema desses moradores do Antigo Zabelê que andam aí zarandando na rua sem saber o que fazer da vida, morando com parentes ou nos fundos de quintais. Então, eu tenho uma terra boa que foi dos padres, e como já faz tantos anos que eu fui morar em Salvador com minha família, isso já não me interessa mais. Portanto, se o senhor quiser comprar... aí eu disse: “Não, eu mesmo comprar não, porque isso não resolveria o problema só eu comprando, porque tem que fazer as moradias do pessoal. Aí eu disse: “Em todo caso vamos fazer uma tentativa, me traga o mapa da área, porque geralmente os topógrafos marcaram um ponto aqui, outro ali, outro acolá, e essas áreas elas tinham uma certa medida especificada com tantos hectares. Aí eu disse: vamos a Teresina... aí ele foi comigo a Teresina e

procuramos o INCRA. Também levei o assunto para o governador, e tivemos uma reunião com o pessoal do INCRA e repassamos toda a história (Entrevista de Padre Herculano Negreiros, em 2 de agosto de 2023).

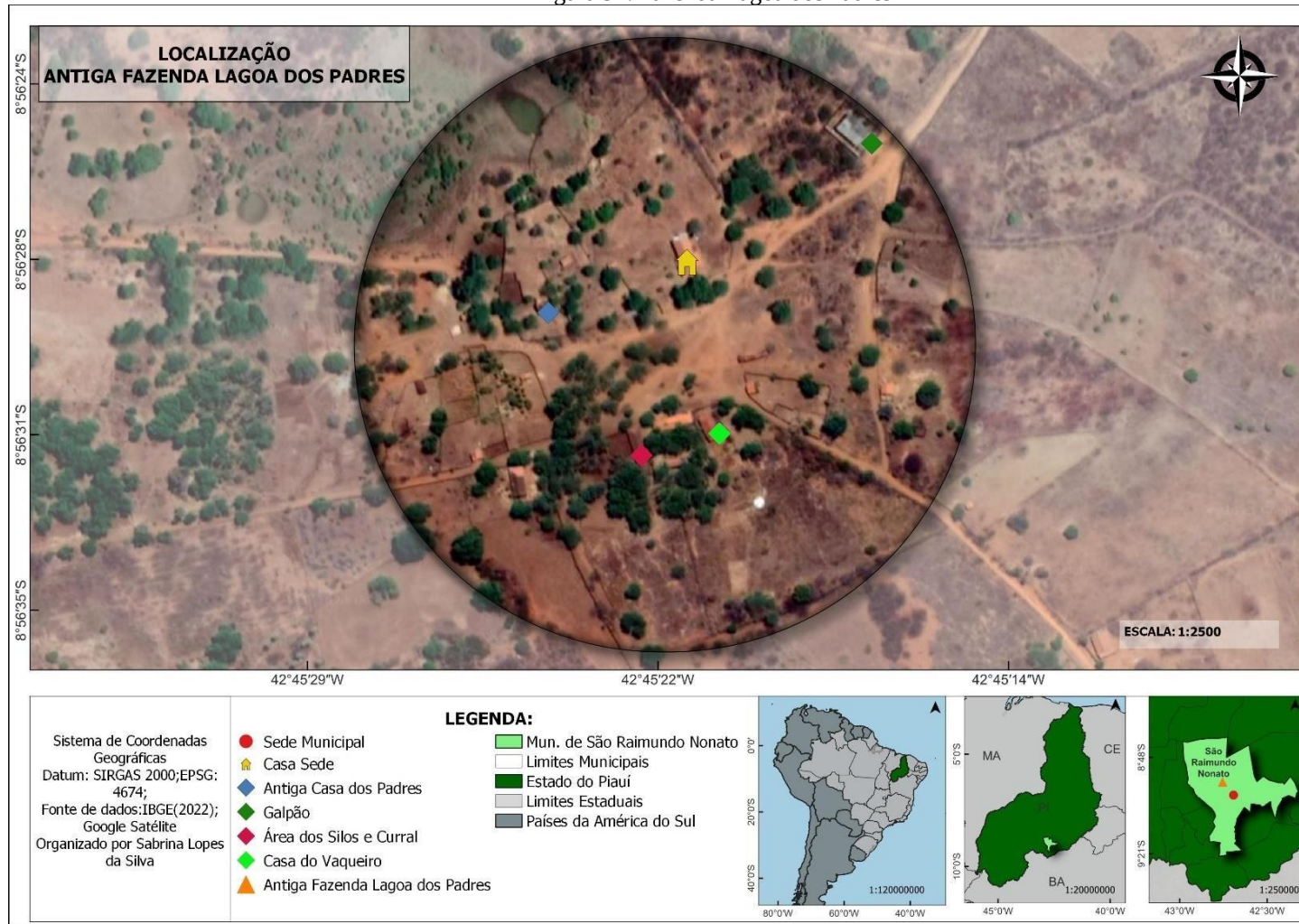
Após isso, Padre Herculano conta que, foi feito um levantamento do total de famílias que iriam ganhar essas terras. O número de contemplados passava de 100 famílias, pois incluía moradores do Antigo Zabelê, os filhos desses moradores que já eram casados e constituíam família e algumas pessoas que era de fora da comunidade. Foi produzido também um mapa, para que a planejar como ficaria a construção dessa localidade. Podemos ver mais sobre isso na fala de Padre Herculano:

[...] Então, traçamos 7 avenidas que passavam desde o asfalto até o interior da fazenda, até que chegava quase lá no fundo no pé da serra vermelha, que ficava a antiga sede que os padres administravam. Ainda hoje tem **lá a casa velha**. É uma área realmente pródiga, uma área realmente bonita, e toda aquela área era verde, arbustiva com uma linda vegetação, com lagoas, poços que se juntavam aqui e acolá, e veredas todas elas bem arborizadas, muito boa para o criatório de gado e para o plantio do que se queira plantar, que ali dá tudo. Aí, o certo é que nós fizemos esse mapa, eu já estava como prefeito. Foi logo no início do meu primeiro mandato, em 1997, por aí. Em 97 mesmo, eu fiz o trato com a Gespisa e coloquei uns chafarizes muito fortes na primeira e na segunda entrada, e tubulei tudo. Depois, fiz um trato com a Cepisa para postear tudo aquilo. (Entrevista de Padre Herculano Negreiros, em 2 de agosto de 2023).

Na narrativa de Isaías Gonçalves, foi citado o nome de uma outra pessoa que foi atrás de Raimundo Paixão para falar sobre o problema do povo do Zabelê. Ele relata que foi um tio dele - que ele chama de tio Zeca (*in memoriam*) - que contou tudo o que estava acontecendo com povo e pediu ajuda ao dono da fazenda, pois ele era seu amigo de infância, podemos ver com mais detalhes na fala a seguir:

O Tio Zeca, se envolveu um pouco a se prontificar a buscar um conhecimento melhor da fazenda. Aí ele abordou essa questão do Zabelê, que saíram de lá e não tiveram a oportunidade de ter outras terras. Porque pela lei o governo tinha que ter desapropriado e apropriado novamente o povo do Zabelê, e eles não fizeram isso. Então, o povo do Zabelê ficou aqui nas periferias e outros já eram umas pessoas que já tinham casa e tudo mais, outros foram embora para outras cidades. Então, o povo do Zabelê ficou assim, um pouco sem chão, porque uns que já eram acostumados na vida de luta para lá e para cá esses já não sofreram muito, mas esses que não tinham conhecimento do mundo eles sofreram aqui nas periferias. Então, o tio Zeca ele sentiu aquilo, aquele sofrimento do povo de lá aí falou com o pessoal dos Paixão que era os donos da fazenda e eles propuseram ao tio Zeca para eles ficarem lá dentro da fazenda e ocupar a fazenda, para ver se o INCRA fizesse alguma coisa pelo povo do Zabelê, para comprar as terras de lá e localizar o povo do Zabelê (Entrevista de Isaías Gonçalves, em 24 de agosto de 2023).

Figura 91: Fazenda Lagoa dos Padres



Fonte: Acervo pessoal da autora (2024).

Nas minhas andanças pela comunidade, pude observar como era essa propriedade. Ao conversar com alguns moradores, eles foram me explicando que hoje as casas e outros espaços da fazenda servem de apoio comunitário para aqueles que tem seus bichos e roças (Figura 92). No entanto, a casa que possui uma estrutura mais antiga e mais degradada pelo tempo, está toda cercada e fechada. Assim, não foi possível entrar para fotografá-la por dentro. Os moradores da localidade me mostraram esse espaço (Figura 93).

Na fazenda, tem a área do curral, que é feita de madeira e com arames e é utilizada pelos moradores de forma coletiva. A grande maioria dos animais que ficam nesse curral é do tipo gado *vacum*. Em outras partes da extensão territorial da fazenda tem mais currais, esses ficam os tipos de criação de porcos e bodes. Além disso, as pessoas criam cavalos pelos pastos, que tem no entorno dessa sede da fazenda.

As imagens abaixo mostram uma visão geral da área. As construções que é possível ver são das áreas que têm uma casa, que, segundo os moradores, era a casa do vaqueiro, e ao lado estão os silos (Figura 94). Os silos são espaços criados nas fazendas para armazenar grãos ou capins, para que, no período de seca, os gados possam ter sustento alimentar por meio do que foi coletado e armazenado nesses espaços. Na fazenda dos padres, há quatro áreas de silos cilíndricos, feitos de alvenaria e cobertos por telhado, para garantir uma boa armazenagem desses alimentos para as criações.

Nas fotos abaixo é possível ver a dimensão de altura e largura desses silos, o que é um indicativo que era estocado bastante alimentos. Durante uma das minhas visitas a fazenda, conversei com os moradores sobre esses silos e questionei se eles ainda eram utilizados. Segundo os relatos orais, esses silos não são mais utilizados pois é necessário ter muita condição financeira para mantê-los. Na fala de um dos moradores ele diz: “só quem tinha dinheiro para manter isso aí era o Raimundo Paixão”.

Figura 92: Espaços da Fazenda Lagoa dos Padres



Fonte: Gisele Daltrini (2022).

Figura 93: Antiga casa dos Padres



Fonte: A autora (2023).

Com esses dados, é possível perceber como as pessoas que moram no Novo Zabelê estão constituindo novas memórias e linhas com o passado daquela fazenda. Cada um desses espaços são ruínas que se constituem um registro histórico importante. A casa sede já foi utilizada como uma escola, depois o local se transformou no espaço da associação dos moradores. Atualmente, essa casa usada como ponto de apoio, isso é para que as pessoas que criam gados possam guardar as suas coisas do dia a dia na lida.

Percebe-se pela imagem que a casa está em ruínas, essa casa fica bem próxima a outra casa sede da fazenda. Em conversa com um morador, ele me relata que essas áreas da fazenda deveriam ser feitas algum tipo de benefício para preservação. É esse contexto histórico que está ali no dia a dia das pessoas, então, durante a conversa compreendi que os moradores têm uma certa valorização dessas ruínas e entendem a sua importância. Apenas o que é usado por eles é: a casa sede e os currais, o restante das coisas, nas palavras do morador: “estão aí se acabando”.

Figura 94: Profundidade dos silos



Fonte: Gisele Daltrini (2023).

Ela ainda nos detalha um pouco mais sobre esse período e sobre a história daquela fazenda:

Essa história da fazenda eu não conheço bem não, sei que lá era uma fazenda do Raimundo Paixão, aí compraram dele e passaram para a gente. Inclusive, nós fomos enganados que lá era para ser não era um assentamento, era comprado para nós o povo do Zabelê. Mas, como o pessoal nos enganaram, passaram para o INCRA fazer a distribuição aí foi uma confusão danada. Mas, ali nós fomos enganados, pois passamos para lá pensando que uma coisa e era outra. Diziam: “Não, a propriedade é para vocês”. Quando nós saímos de lá a Niede prometeu dar uma terra para nós. Aí, a gente começou a pressionar aqui e tudo. Aí, passaram para o INCRA, o INCRA comprou. Mas, não diziam para nós, nós fomos enganados ali. Enganaram lá e aqui, porque lá diziam que iam colocar nós em uma terra, e quando chegou aqui ninguém sabia fazer nada, o pessoal era trabalhador de roça, né? Ai, não tinha. Aí, colocaram o INCRA. Aí, ficou como assentamento e entrou muito mais gente de fora do que de lá Zabelê (Entrevista de Neusa Belisário, em 13 de abril de 2023).

Toda essa narrativa que vimos de quando as ex-lideranças políticas da cidade falam que o povo do Zabelê “viviam desamparados”, é necessário refletir que por mais que haja falas onde moradores falam que passaram por dificuldades ao saírem de suas terras, não foram somente essas pessoas que exerciam poder dentro da região que tomaram conta de toda a situação do povo do Zabelê. No relato acima, a colaboradora fala do sentimento de injustiça que eles viveram, mas, também podemos ver em outros relatos que eles resistiram e tinham autonomia dentro dessa luta pela terra, tanto que a própria comunidade se formou enquanto uma associação para ir atrás dos seus direitos.

Nesse ponto, penso ser pertinente explicitar as percepções dos ex-moradores do Antigo Zabelê sobre a criação do Novo Zabelê. É por meio desses relatos que podemos ter uma dimensão de como foi a entrada do povo nessas novas terras, dentro de uma relação que permaneceu conflituosa. O primeiro relato é da senhora Neusa Belisário, que segundo ela:

[...] Eu fui quase das últimas, eu vim com meu pai. Meu pai, foi quase o último a sair e eu também junto com ele, foi em janeiro de 1989. O Salvador (marido dela) estava doido para vir, que o pessoal já estava saindo e o pai não queria vir. Aí, quando o pai resolveu sair, o pai foi o último a sair, lá do Zabelê. Ele foi o último a sair mesmo, porque ele não queria sair. E o povo ainda foi na casa dele para ele assinar. Aí nós falamos: “Não pai, não tem mais jeito, só falta o senhor mesmo”. Aí foi que ele assinou. Ele disse: “Só vou assinar porque não tem jeito mesmo, senão eu ficava era aqui (Entrevista de Neusa Belisário, em 13 de abril de 2023).

A dona Neusa Belisário e seu pai Joaquim Belisário vieram para a cidade de São Raimundo Nonato, recomeçaram a vida e assim como outras pessoas ficaram á esperar a nova terra para poder morar. Quando foi no ano de 1997, os dois foram atrás de tentar conseguir uma nova terra. No entanto, Neusa fala que “foi difícil demais conseguir. O

peçoal ficou com frescura demais, quase que não consigo. Mas, consegui”. Diferente de Neusa, o seu Joaquim não teve direito ao cadastramento.

Ao contar essas histórias, a colaboradora expressa um sentimento de injustiça, que ocorreu com todo esse processo burocrático antes e depois da desapropriação. Através de cada relato, entende-se que a terra da Fazenda Lagoa dos Padres foi colocada como assentamento rural e não ficou como um reassentamento, que deveria incluir somente as pessoas oriundas do Antigo Zabelê. De acordo com a sra. Neusa:

Como meu pai mesmo, eles não aceitaram porque meu pai era aposentado. O Joaquim parente também, o tio Quelé. Eu sei que teve um bocado de gente que não teve direito, porque eles não aceitaram. O tio Joaquim parente depois foi para lá e conseguiu, mais o pai não quis mais não também. Mas, nós fomos enganados. Tanto na saída como na chegada aqui no reassentamento. Foi injustiça... naquele tempo o pessoal do Zabelê era muito inocente e os que mais sabiam das coisas não ligavam muito. E se deixaram levar por aquilo (Entrevista de Neusa Belisário, em 13 de abril de 2023).

Essa realidade apresentada na fala de dona Neusa, sobre a dificuldade dos moradores do Antigo Zabelê poder ter direito a uma terra que pela lei já seria deles, pode ser complementada com o relato do senhor Paulo Sousa, que fala que para ele também foi difícil conseguir a terra dentro do Novo Zabelê. Paulo Sousa narra que quando saiu do Zabelê e veio para São Raimundo ele conseguiu comprar uma casa para morar com sua família. Mas, quando saiu as terras para o Novo Zabelê, não foi tão fácil assim ocupá-las:

[...] Para adquirir essa aqui onde estou hoje morando (o Novo Zabelê), essa aqui foi mais difícil um pouco. Eu já vim adquirir ela agora em 2005, foi mais difícil porque o assentamento tem mais anos que foi desde 1997 que iniciou. Mas, eu não adquirir nesse tempo, já vim a ter essa terra quando eu comprei os direitos de um aqui do assentamento e to morando aqui, né. Comprei e fiz uma reforma nela pequena mesmo, e aqui estou morando (Entrevista de Paulo Sousa, em 29 de junho de 2023).

O senhor Paulo Sousa relembra como foi o processo para que o INCRA comprasse a terra. Antes foi sugerido aos moradores do Antigo Zabelê a ocupação de terreno pelos lados da cidade de São João do Piauí, no Mocó Rugi. Porém, as terras de lá eram improdutivas para plantio e os moradores não aceitaram essa primeira opção. A segunda terra sugerida foi a fazenda de Raimundo Paixão, que de acordo com o seu Paulo Sousa, quando eles se mudaram para lá a fazenda ainda estava em atividades, tinha algumas casas e os gados, que depois foram retirados para o povo ocupar.

O senhor Paulo relembra esse como foi esse processo de adquirir terras:

[...] Quando iniciaram para adquirir essas terras para morar, eu sempre acompanhei. Mas, quando eles andaram por outros lugares pesquisando essas terras, eu não acompanhei. Quando foi nos dias que eles entraram para dentro

desse assentamento, a Fazenda Lagoa, e começaram a trabalhar, foi que eu vim. Mas, eu cheguei aqui e tinha que fazer o cadastramento e aí no dia não estava fazendo, aí eu voltei. [...] não fiquei trabalhando e explorando aqui, voltei para casa na rua (São Raimundo Nonato), e fiquei por lá. Aí, eles começaram a cadastrar mesmo para ser os donos, eu não estava presente na hora e quando vim saber já tinha encerrado os cadastramentos, aí eu fiquei de fora. Tinha o direito e fiquei de fora. E os presidentes que entrou aqui na época, não me deram mais essa oportunidade de eu ficar. Só que eu não cadastrei, mas também não afastei da terra. Eu fiquei trabalhando também, botei uma roça aqui mesmo e fiquei trabalhando nessa rocinha até em 2015 (Entrevista de Paulo Sousa, em 29 de junho de 2023).

Anos depois foi que o seu Paulo Sousa conseguiu ter o documento de compra da terra, atualmente ele encontra-se cadastrado pelo INCRA. Toda essa problemática é inserida nas questões de política fundiária do país. Esses são apenas algumas partes da comunidade que relatam o ocorrido. Essas linhas problemáticas acerca das terras, acompanha os moradores desde quando estava nas terras que hoje é o PNSC. São trabalhadores rurais que passaram por muitas lutas para hoje ter um pedaço de terra. Dentro dessas questões ainda entra o processo de indenização, que será colocado pelos moradores nos próximos parágrafos.

Após esses acordos informais, o proprietário da fazenda deu ordem para o pessoal pudessem acampar no lugar. Assim, os primeiros dias dos moradores na nova terra foi através de barracões que eles construíram para ficar ali até que as autoridades responsáveis resolvessem sobre a compra e titulação do território. O seu Isaías Miranda detalha um pouco mais sobre essa fase:

O acampamento fizemos na entrada da fazenda, mas aí quando chegou ao conhecimento do dono da fazenda, ele deu apoio porque ele já sabia que o INCRA poderia negociar com eles, né. Aí, o pessoal passou a ficar na sede da fazenda. Uns passaram a fazer roças e umas casinhas, que era por tempo indeterminado até o INCRA fazer a apropriação das casas para o pessoal (Entrevista de Isaías Gonçalves de Miranda, em 24 de agosto de 2023).

As pessoas passaram a “retomar a vida”, cultivando roças e fazendo pequenos benefícios para esperar até a vinda das casas oficiais e dos documentos de proprietários. No depoimento de Isaías ele fala que chegou a ganhar uma terra, passou também a cultivar e criar animais. Só que a convivência não era mais a mesma, aquele Zabelê que as pessoas sempre relatam como lugar bom e seguro, não era mais a mesma coisa. Por isso, ele renunciou ao seu direito lá dentro do Novo Zabelê. Ele complementa que:

O INCRA os encaixou no programa sem terras e indenizou a fazenda lá, e o povo do Zabelê passaram a ficar dentro das terras. Não precisou a justiça tirar eles de lá. Até hoje eles estão lá, eu saí, mas sei que já teve uma parte que já recebeu os documentos das terras e ficou outra parte para receber depois. Então, está bem encaminhado, nós conseguimos fazer uma associação lá dentro. Quando eu ainda estava lá, fiz até parte do conselho da associação e até hoje ainda funciona lá, e eles correm atrás dos direitos. O assentamento está bem encaminhado; parte das

peessoas já tem os documentos e já está tudo demarcado e já dividiram as terras lá, e o pessoal está todo mundo em seu local. Porque no tempo que eu estava lá, ainda não tinha um local definitivo. A gente fazia aquele benefício, mas quando vinhesse a divisão das terras, a gente poderia pegar naquele lugar, e às vezes não. Como tem muita gente que não pegou no lugar que trabalharam e perderam os benefícios que fizeram, ficou para outros (Entrevista de Isaías Gonçalves de Miranda, em 24 de agosto de 2023).

O problema de questão fundiária das terras do Novo Zabelê, não será abordado aqui, pois se trata de um tema amplo e que poderá ser aprofundado em estudos futuros e com a inclusão de mais vozes para explicarem esse processo de ocupação da nova terra. Para esse momento, o que proponho é pontuar algumas coisas que apareceram nas entrevistas e que vazaram para além das linhas do quadro, afinal, como Ingold (2012) diz, seguir as coisas nos leva a outras coisas. Então, quais são as coisas que acontecem nesse espaço da fazenda e nessa nova relação de alguns colaboradores com esse lugar?

Esses questionamentos me levaram até a história de vida da colaboradora Maria do Rosário. Ela e sua família foram uma das beneficiadas em ganhar uma terra no Novo Zabelê e sobre essa época, o início que eles começaram a morar lá nos barracões, os familiares da colaboradora presenciaram algumas livusias. Então, a sra. Maria do Rosário começou a me contar o que ela sabia, narrando que:

Minha mãe disse que aqui era terra que mataram muitos ciganos. E aqui tem muita história de livusias, tanto mais recentes como as que meu pai e meu irmão presenciaram, quanto umas mais antigas (Entrevista de Maria do Rosário Ferreira, em 17 de janeiro de 2024).

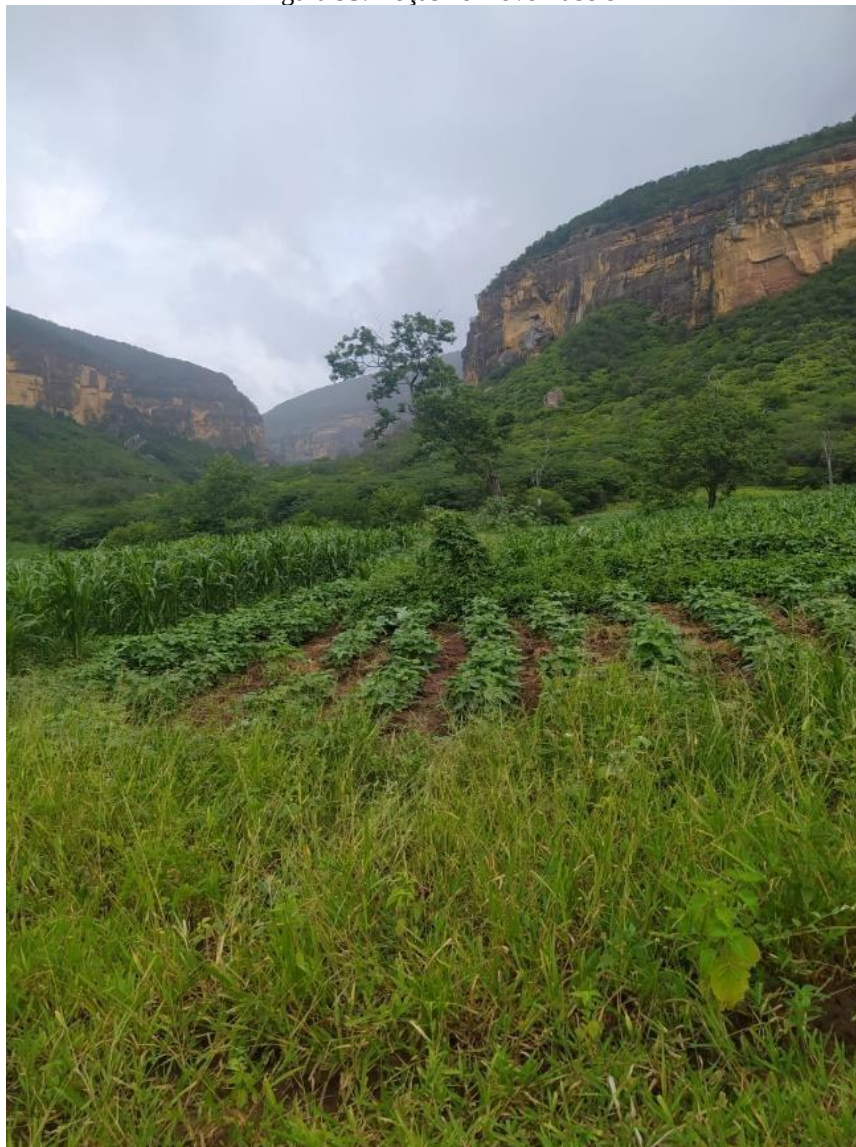
Para citar essas livusias, segundo o relato elas acontecem sempre na parte que tem as roças e o boqueirão do pé da serra. Segundo Maria do Rosário, a sua tia chegou a ver um ser que era caracterizado por ela como “bicho cabeludo igual lobisomem”. Esse era o que ficava atravessando a estrada e fazendo barulhos no meio do mato. A colaboradora relembrou também uma outra livusia que sua tia Cida lhe contou:

Nessas primeiras barracas que eles fizeram pra poder ganhar terras, próximo a ladeira de barros com as piçarras, onde tem umas pedras redondas. Tia Cida disse que, tinha vezes na semana que a noitinha assim uma base de seis e meia até sete da noite o povo costumava sentar do lado de fora das barracas e fazer um fogo ao redor para ficar ali conversando. Aí, disse que aparecia um carro com barulho em cima da ladeira, com aquele barulho que parecia uma rural. E essa rural ligava a luz e zuava e fazia o maior reboliço ali. Mas, nunca descia carro nenhum. Tia Cida contava que de dentro da barraca, costumava ver aquela luz e aí depois a luz desaparecia. Ela falava que sempre acontecia uns negócios estranhos naquela parte de dentro da fazenda, na sede. Depois que fizeram as casas e se mudaram aqui para cima eles não viram mais nada. Agora, acontece sim muitas livusias, mas é mais para parte das roças e lá da sede (Entrevista de Maria do Rosário Ferreira, em 17 de janeiro de 2024).

Para complementar essas narrativas, a colaboradora me mostrou uma foto de onde é esse espaço que costuma aparecer essas visagens (Figura 95). Assim, fica mais uma

pergunta: Para onde esse novo feixe de linhas pode ser conduzido? Ao mesmo tempo que percebo que chegada na Fazenda dos Padres para constituição do Novo Zabelê significou também a ocorrência de encontros em experiências com os mais diferentes tipos de seres e coisas que se emaranham naquele enquadramento.

Figura 95: Roças no Novo Zabelê



Fonte: Acervo pessoal da Maria do Rosário (2024).

Todos os depoimentos apresentados acima, demonstram uma relação das pessoas com as coisas, seja com os restos materiais do Antigo Zabelê ou com as histórias que se consolidam no Novo Zabelê. Cada um dos colaboradores trouxe diferentes conhecimentos e visões do que é a história do Zabelê. Dentro dos referenciais da Arqueologia do Presente, percebo que as relações das pessoas e a cultura material, tem se configurado diariamente como, por exemplo, uma panela que ainda está em uso, uma pedra de amolar que ainda serve para finalidade. Além disso, tem as coisas que são

guardadas como recordação de um passado que leva a cada uma dessas pessoas recordarem a saudade daquele lugar.

Dentro dessas recordações, está o sentimento da emoção presente em cada relato. Sobre esse tema o autor Humberto Maturana (2002), fala que toda ação realizada pelo ser humano vem da emoção que se conduz para a construção de um ato. Dessa forma, o ato dessas pessoas falarem da perda de suas terras, das dores e sofrimentos causados pela desapropriação, mas, também falarem das coisas da vida comunitária, do quanto era bom estar morando no Antigo Zabelê, faz pensar que:

Assim, se observamos a emoção que define o domínio de ações em que se constituem as relações que na vida cotidiana chamamos de relações sociais, vemos que ela é o amor, porque as ações constituem o que chamamos de social são as de aceitação do outro como um legítimo outro na convivência (Maturana, 2002, p. 68).

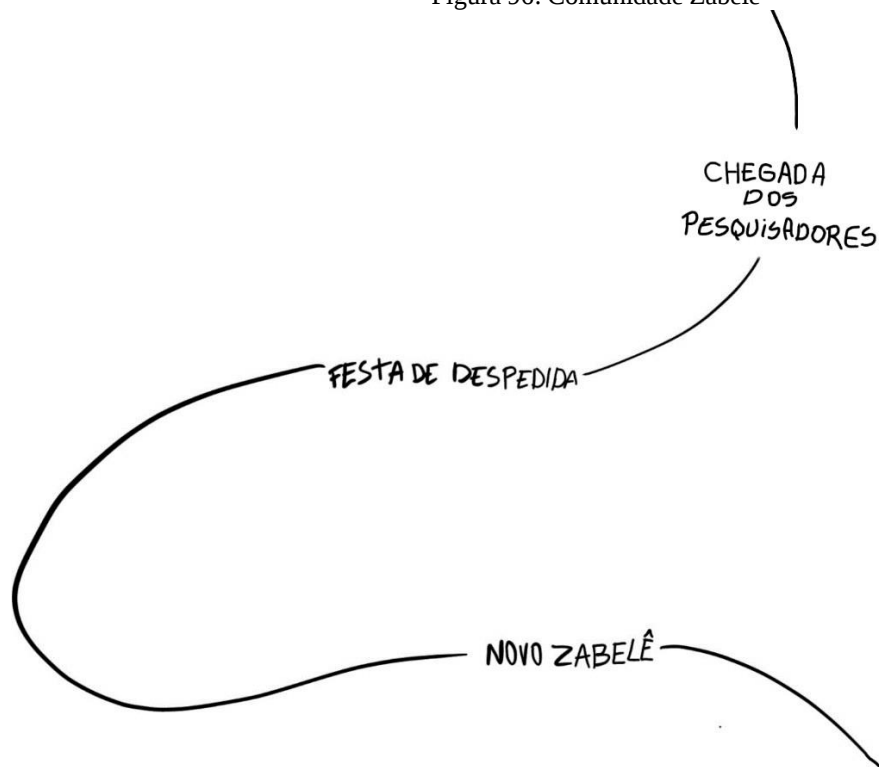
Nesse contexto, a comunidade do Zabelê continua sendo o “lar” de grande parte dos entrevistados, os mais velhos que lá moraram. É nesse manejo do dia a dia que está acontecendo um trabalho com essa materialidade, desde as reutilizações como também no ato de preservar. É nessa conjuntura que assim fica desenhado as últimas linhas do quadro (Figura 96).

Mas, afinal como tudo isso se mistura e forma o emaranhado? Todas essas coisas se agregam os fios das vidas de cada um dos colaboradores, em que cada um tem algo a dizer sobre determinada item de cultura material ou acerca de uma memória se complementa e coincide com outra. Quando entrevistei as pessoas mais jovens, as linhas geradas com as coisas dos mais antigo também passaram pela vida deles. É a lembrança de uma pedra de amolar em cima do carro de mudança, o reconhecimento da avó de uma outra pessoa, que está nas fotos que contam sobre a festa de despedida. Assim, tudo se cruza levantando a ideia de que o Antigo Zabelê permanece emaranhado (Figura 97) nos traços de cada um desses descendentes. Nesse aspecto, muitas outras linhas podem surgir, linhas que ficaram em aberto ou que me levaram a entender até mesmo a história local do Novo Zabelê, deixando a sugestão de quais outros fios ainda podem ser seguidos?

Aqui, retomo um conceito relevante dentro dessa perspectiva de encarar o passado e o presente, que é a multitemporalidade na Arqueologia, como defende Hamilakis (2011). Com esta pesquisa e com o trabalho de outros colegas dentro da mesma temática, vozes podem ser ouvidas, mostrando uma história que não é representada dentro do Parque Nacional Serra da Capivara. O Antigo Zabelê, dentro do parque, normalmente não faz parte do roteiro turístico, mas o sítio dos Maniçobeiros e outros que têm contextos históricos, como foi apontado no capítulo 2, são atrações de percursos por onde os

visitantes passam. Assim, escutar essas falas de cada uma dessas pessoas que me ajudaram a construir essa pesquisa, torna a Arqueologia um espaço transdisciplinar e transcultural, como diversos pontos de vista sendo expostos.

Figura 96: Comunidade Zabelê



Fonte: Acervo pessoal da autora (2024)

Figura 97: Quadro-emaranhado completo, após os trânsitos por diferentes linhas



Fonte: Acervo pessoal da autora (2024).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com este estudo, busquei explicitar, em seu objetivo geral, quais são as coisas e memórias que permanecem na atualidade e conectam através das linhas, as narrativas entre o Antigo e Novo Zabelê. Busquei aliar essa discussão aos conceitos de uma Arqueologia do Presente, se interligando também com outros campos como, o da memória e afeto. Como resultado, percebo que, por mais que o povoado do Antigo Zabelê não exista enquanto objeto, muitas das coisas que dele fazia parte ainda permanecem em uso no entorno do Novo Zabelê e da cidade de São Raimundo Nonato. São poucas as pessoas, que foram entrevistadas, que não tem algo para mostrar ou contar sobre essa antiga comunidade. A referência de uma memória social, permanece ativa até mesmo entre aqueles que não nasceram no povoado e perpassam narrativas advindas de familiares que lá moraram.

Isso reforça a inspiração de Ingold neste trabalho, ao defender a existência de um mundo sem objetos para ilustrar que o que existe são coisas, que se diferenciam por sua capacidade de vida e associação para participar de diferentes fluxos e linhas. Nesse sentido, o Antigo Zabelê não acabou, mas permanece sendo reelaborado nos vínculos estabelecidos com memórias, coisas e afetos, que se espalham por diferentes dimensões das experiências dos participantes desta pesquisa: coisas e pessoas.

Para a execução dos objetivos específicos propostos, de buscar coletar narrativas de pessoas da comunidade, realizar um levantamento do que ainda existe e caracterizar cada tipo de coisas e compreender os fluxos por onde estão espalhadas, foram executados com êxito. Pude realizar o levantamento geral de quarenta e sete coisas, sendo estas 36 tralhas domésticas e onze fotografias. O decorrer da pesquisa me permitiu acessar outras coisas que podem ser mais bem discutidas em estudos futuros, como o tema da Fazenda Lagoa dos Padres bem como as experiências com as livusias, que apontam para o engajamento com outros seres.

Assim, concluo que cultura material e imaterial do Antigo Zabelê, vai além do que está dentro do Museu Zabelê ou do que está dentro da comunidade Zabelê. O afeto que cada pessoa tem com suas coisas, demonstra que o aquele lugar era e continua sendo lembrado como local de afetivo e bom. Com cada uma das entrevistas, identifiquei perspectivas semelhantes quando os colaboradores eram questionados sobre o que era/como era o Zabelê. Assim, percebi alguns vínculos entre a história, memória, a arqueologia e o contexto local do povoado Antigo Zabelê.

Em relação às contribuições acadêmicas, a presente pesquisa desde o capítulo histórico, teórico e metodológico, tem o potencial de contribuir com os estudos na área da Arqueologia do Presente, se interligando com discussões de outras áreas como a perspectiva dos estudos sobre linhas. Ademais, o estudo buscou registrar informações e narrativas na tentativa de compreensão de como se forma o emaranhado de uma localidade, cujo a pauta envolve questões difíceis. Foi dentro dos escopos propostos, que busquei trazer uma maior visibilidade científica para o contexto estudado, considerando todos os processos que levaram a mudança de vidas de centenas de pessoas que ali viviam.

Através da Arqueologia do Presente, foi possível aplicar aquilo que Harrison (2011) chama de processo de montagem e remontagem. Pois, ao olhar para a superfície pude perceber como que as coisas se conectam com os diferentes tempos, pessoal e memórias. Assim, com cada relação dos colaboradores com suas coisas, foi perceptível que eles criam e operam seus patrimônios, dentro dos seus fios da vida e com as lembranças que ainda sentem por aquele antigo local de morada. Tem-se uma grande quantidade de coisas que ainda existem a todas as intempéries do tempo, assim, elas funcionam como articulação entre a memória e o afeto. Como Gonçalves (2005), nos mostra existem outros saberes que são levantados por comunidades e que operacionalizam uma diversidade que está longe do discurso autorizado pelo estado. Assim, ocorre entre os membros do Zabelê.

No que tange às limitações, não foi fácil conduzir as discussões teóricas com os dados coletados, por diversas vezes me questionei se deveria de fato seguir essas linhas e dentro da explicação do quadro, como tudo o que foi apresentado no capítulo 4, algumas linhas podem ter ficado alguma resposta ou sem conexão. Mas, em todos esses traçados uma coisa que permanece é a memória social que sempre é algo muito presente dentro da comunidade do Novo Zabelê, sendo transmitidas para outras gerações presentes e futuras, e que a partir disso vão conduzir as suas próprias linhas.

O Zabelê sempre é referenciado como o lugar bom e seguro. Os dados aqui coletados deixam claro que existe nas narrativas dos moradores uma caracterização do Antigo Zabelê enquanto um local de harmonia. Já com o Novo Zabelê essa ideia se rompe, as relações familiares foram impactadas e não existe mais essa criação da “grande família”. Assim, alguns membros sempre focam mais nesse passado para poder conferir no presente as memórias que trazem do Antigo Zabelê. Os resultados mostram que uma parcela das pessoas tem pouca ligação com o novo assentamento, isso devido a violência que adentrou as terras quando pessoas de fora tiveram contemplação em ganhar um

pedaço de terra lá, isso gerou uma ruptura e muitos só se reconhecem no antigo local que moravam.

O tema sobre o povo do Zabelê não acaba, existe para além dos meus colaboradores outras pessoas que moraram lá e não tiveram a oportunidade de falar de suas relações com o território. Assim, como também há diversos itens de cultura material que não foram aqui colocados. Cada uma dessas coisas, hoje permite as pessoas olharem suas histórias e identificarem nela uma luta e resistência, construindo eles mesmos os seus próprios patrimônios. A pesquisa se movimentou para escutar pessoas mais jovens que puderam colaborar contando as suas visões e pesquisando também a sua comunidade. Cada um deles tem muito orgulho de descrever seu passado, que está muitas vezes ainda presente e expostos em seus lares. O Zabelê continua sendo um lar vivo e materializado em cada memória.

## REFERÊNCIAS

- ACHILLES, Daniele; GONDAR, Jô. A memória sob a perspectiva da Experiência. **Revista Morpheus: Estudos Interdisciplinares em Memória Social**. v.9, n. 16, p. 174-196, agosto/dezembro, 2016.
- ALMEIDA, Kamilo Carvalho de; LIBÂNIO, Jéssica Araújo; LOPES, Paulo Fernando de Carvalho. Museu da Natureza: análise dos discursos nas matérias de O Dia e G1 PI sobre a inauguração de um Patrimônio Cultural brasileiro localizado no Piauí. **Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação**, Belém, p. 1-15, set. 2019.
- ALVES, Maria Cristina S.O. de. **A importância da história oral como metodologia de pesquisa**. Anais eletrônicos da IV semana de História do Pontal / III encontro de Ensino em História, Universidade Federal de Uberlândia- Campus Pontal. Ituitaba- MG. 2016.
- AMARAL, Daniella Magri. **Loiceiras, potes e sertões: um estudo etnoarqueológico de comunidades ceramistas no agreste central de pernambucano**. (Doutorado). Universidade de São Paulo. 2019.
- ARAÚJO, Maria Paula Nascimento & SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. **História, memória e esquecimento: Implicações Políticas**. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, n 79, p. 95- 111. 2007.
- ASSIS, Rafael da Silva. **Os índios do território Serra da Capivara: história, memória e ensino**. 2015.
- AYOUB, Munir Lutfe. Arqueologia da memória: estudos e teorias para um novo rumo da compreensão. **Revista Territórios e Fronteiras**, v. 9, n.2, p. 257-273, julho-dezembro, 2016.
- BATISTA LIMA, Mayane. Há vida nas linhas. **Pensata**, [S.I.], v.10, n.1, 2021.
- BENEVIDES, O. Hugo. Retornando à origem: Arqueologia Social como filosofia latino-americana, **Terceiro Incluído**, v.1, n.2, p. 164-192. 2011.
- BERNAR, Aline. A narrativa como memória de experiências. **Educação Popular: epistemologias, diálogos e saberes**. V. 1, p. 59-70, 2022.
- BEZERRA, Marcia. O machado que vaza ou algumas notas sobre as pessoas e as superfícies do passado presente na Amazônia. **Vestígios-Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica**, v.12, n. 2, p. 51-58. 2018.
- BEZERRA, Márcia. **Teto e afeto. Sobre as pessoas, as coisas e a Arqueologia na Amazônia**. 1 ed. Belém: PA: GKNoronha, 2017.
- BORGES, Síría Emerenciana Nepomuceno. **Invenção do patrimônio mundial: Parque Nacional Serra da Capivara**. (dissertação de mestrado). Universidade Federal do Piauí – IFPI, 2007.
- BRAGA, Maria Alda da Silva. **O Museu do Antigo Zabelê na perspectiva da Arqueologia Pública e Museologia Social**. 2021. 89 f. TCC (Graduação) - Curso de Arqueologia e Preservação Patrimonial, Universidade Federal do Vale do São Francisco, São Raimundo Nonato Pi, 2021.
- BRITO, Ariel da Mata. **Implantação do Parque Nacional Serra da Capivara e a criação forçada de uma nova identidade, o Novo Zabelê**. Monografia. (Licenciatura em História). Universidade Estadual do Piauí, 2011.

CABRAL, Mariana Petry. “E se todos fossem arqueólogos?”: experiências na terra indígena Wajãpi. **Anuário Antropológico**, [S.L.], v. 392, p. 115-132, 2014. OpenEdition. <http://dx.doi.org/10.4000/aa.1269>.

CAMOLEZE, Jean Marcel Caum. Memória e Experiência: reflexões benjaminianas. **Cadernos Walter Benjamin**, [S.L.], v. 25, n.25, p. 170-183, dezembro, 2020.

CAMPOS, Pereira Larissa. **Ferramentas da memória: musealização da arqueologia em São Raimundo Nonato – PI**. TCC (Graduação)- Curso de Arqueologia e Preservação Patrimonial, Universidade Federal do Vale do São Francisco, São Raimundo Nonato, PI, 2019.

CASTAÑEDA, Quetzil E. The ‘Past’ as Transcultural Space: using ethnographic Installation in the study of archaeology. **Public Archaeology**, [S.L.], v. 8, n. 2-3, p. 262-282, agosto, 2009.

CASTAÑEDA, Quetzil. E. The ‘Ethnographic Turn’ in Archaeology. Research Positioning and Reflexivity in Ethnographic Archaeologies. In: CASTAÑEDA, Quetzil E., MATTHEWS, Cristopher N. (Eds.). **Ethnographic Archaeologies: reflection on stakeholders and archaeological practices**. Plymouth: Altamira Press, p.25-61, 2008.

CAVALCANTI, Fabrício. **Arqueologia Urbana na pós-modernidade**, 2011.

DA SILVA, Lucas Antônio. (Re) visitando as pessoas e as coisas: a Etnoarqueologia enquanto uma Arqueologia do Presente. **Revista de Arqueologia**, v. 30, n. 1, p. 175-185, 2017.

DA SILVA, Lucas Antônio. **Os materiais de pesca fluindo: uma arqueologia com os pés na água**. Tese (Doutorado). Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2018.

DE DAVID, César. **Antropologia das populações rurais** [recursos eletrônico] / 1.ed. – Santa Maria, RS: UFSM, NTE, UAB, 2017.

DE HOLANDA, Sérgio Buarque; DINIZ, Mônica. **Sesmarias e posses de terras: política fundiária para assegurar a colonização brasileira**.

DE LIAÑO, Guillermo Díaz. Cuando los objetos juegan un papel en la sociedad, Introducción a la Arqueología Simétrica. ArqueoUCA: Revista Digital Científica Independiente de Arqueología, n.2 p. 139-149, 2012.

DIAS, W.S. **O assentamento Fazenda Lagoa Novo Zabelê**. Monografia apresentada ao curso de licenciatura em História pela Universidade Estadual do Piauí (UESPI) campus de São Raimundo Nonato- PI, 2007.

DUARTE, Cristiane Delfina Santos *et al.*. **A mulher original: produção de sentidos sobre a arqueóloga Niède Guidon**. 242 p. Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem e Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo, Campinas-SP, 2015.

DYKE, Ruth M. Archaeology and Social Memory. *Annual Review of Anthropology*, vol.48, p.207-225, 2019.

FAVRET-SAADA, Jeanne. Ser Afetado. Tradução de Paula Siqueira. **Cadernos de Campo**, n. 13, p. 155-161, 2005.

GODOI, Emília Pietrafesa de. **O trabalho da memória: um estudo antropológico de ocupação camponesa no sertão do Piauí**. Dissertação (Mestrado em Antropologia). Universidade Federal de Campinas, Campinas, 1993.

GONÇALVES, Janice. Lugares de memória, memórias concorrentes e leis memoriais. **Revista Memória em Rede**. Universidade Federal de Pelotas. [S.L.], v. 7, n. 13, p. 15-30, junho, 2012.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. RESSONÂNCIA, MATERIALIDADE E SUBJETIVIDADE: AS CULTURAS COMO PATRIMÔNIOS. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 23, n. 11, p. 15-36, janeiro. 2005.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. Ressonância, materialidade e subjetividade: as culturas como patrimônios. **Horizontes antropológicos**, v. 11, p. 15-36, 2005.

GONÇALVES, R. M. **Do outro lado do espelho: fundamentos teóricos-poéticos para o Museu do Homem Americano**. 203 f. Tese de doutorado. Dissertação (mestrado), programa de Pós-graduação em Museologia e Patrimônio, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro/Museu de Astronomia e Ciências Afins, Rio de Janeiro, 2016.

GONDAR, Jô. Memória Individual, memória coletiva, memória social. **Revista Morpheus-Estudos Interdisciplinares em Memória Social**, v. 7, n. 13, p.1-6, 2008.

GONZÁLEZ - Ruibal, A. AYÁN, Vila, X. **Arqueología: Una introducción al estudio de la materialidad del pasado**. Alianza, Madrid, 2018.

GONZÁLEZ-RUIBAL, Alfredo. **Contemporary Past**, Archaeology of, 2014.

GONZÁLEZ-RUIBAL, Alfredo. De la etnoarqueología a la arqueología del presente. In: SALAZAR, Juan; DOMINGO, Inês, ASKARRÁGA, José; BONET, Helena. (Coord.). **Mundo tribales: una visión etnoarqueológica**. Valencia: Museo de Pré-História, p. 16-27, 2008.

GRAVES-BROWN, Paul; HARRISON, Rodney; PICCINI, Angela (Ed.) **The Oxford handbook of the archaeology of the contemporary world**. Oxford Handbooks, 2013.

GROSFOGUEL, Ramón. Descolonizar as esquerdas ocidentalizadas: para além das esquerdas eurocêntricas rumo a uma esquerda transmoderna descolonial. **Contemporânea-Revista de Sociologia da UFSCar**, v. 2, n. 2, p. 337-337, 2012.

GUIDON, N.– **Parque Nacional Serra da Capivara: modelo de preservação do patrimônio arqueológico ameaçado**. Patrimônio Arqueológico: o desafio da preservação. Revista do Patrimônio cultural. ANDRADE, T. L (org.). Brasília: IPHAN 33: 75-93, 2007.

HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva. **Tradução de Beatriz Sidou**, 1990.

HAMALIKIS, Yannis. Archaeological Ethnography: A Multitemporal Meeting Ground for Archeology and Anthropology. **Annual Review Anthropology**, vol.40, p.399-414,2011.

HARRISON, Rodney. Arqueologias de futuros e presentes emergentes. **Vestígios-Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica**, v.12, n.2, p. 83-104, 2018.

HARRISON, Rodney. Surface assemblages. Towards na archaeology in ando f the presente. **Archaeological dialogues**, v. 18, n. 2, p. 141-161, 2011.

HARRISON, Rodney; BREITHOFF, Esther. Archaeologies of the contemporary world. **Annual review of anthropology**, v. 46, p. 203-221, 2017.

HARRISON, Rodney; SCHOFIELD, John. Archeo-ethnography, auto-archaeology: Introducing archaeologies of the contemporary past. **Archaeologies**, v. 5, p. 185-209, 2009.

HARTEMANN, Gabby; DE MORAES, Irislane Pereira. Contar histórias e caminhas com ancestrais: por perspectivas afrocentradas e decoloniais na arqueologia. **Vestígios-Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica**, v. 12, n.2, p. 9-34, 2018.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir: educação como prática de liberdade**. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

INGOLD, Tim. **Linhas: Uma breve história**. Editora Vozes, Petrópolis, 2022.

INGOLD, Tim. **The Life of Lines**. New York. Routledge, 2015.

INGOLD, Tim. Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 18, n.37, p. 25-44, 2012.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado: Contribuição á semântica dos tempos históricos**. Tradução de Wilma Patrícia Maas, revisão da tradução de César Benjamin. Rio de Janeiro, 2006.

LANDIM, Joseane Pereira Paes. **Serra Branca dos maniqueiros: um conjunto habitacional sob rocha que (sobre) vive na memória**. (dissertação de mestrado) Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN, 2014.

LATOUR, Bruno. *Jamais fomos modernos*. Editora 34, 1994.

LIMA, Helena Pinto. Patrimônio para quem? Por uma Arqueologia Sensível. **Revista Habitus-Revista do Instituto Goiano de Pré-história e Antropologia**, [S.L.], v. 17, n. 1, p. 25-27, agosto, 2019.

MACÊDO, Géssika Sousa. **Retalhos afetivos de tecidos coletivos: vivências de arqueologias decoloniais em São Braz do Piauí**. (Dissertação de mestrado), Universidade Federal do Vale do São Francisco, 2021.

MACHADO, Juliana Salles. Arqueologias Indígenas, os Laklãnõ Xokleng e os objetos do pensar. **Revista de Arqueologia**, [S.L.], v.30, n. 1, p. 89-119, 2017.

MAGESTE, Leandro Elias Canaan; AMARAL, Alencar de Miranda. As arqueologias afetivas na produção discente da Universidade Federal do Vale do São Francisco: desdobramentos históricos e interfaces teóricas na construção da Arqueologia no Sudeste e Sudoeste do Piauí. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi Ciências Humanas**, Belém, v. 17, n. 2, p. 1-34, set. 2021.

MAGESTE, Leandro Elias Canaan; AMARAL, Alencar de Miranda. Caminhando no pluriverso: coisas, livusias e assombrações na perspectiva das arqueologias afetivas. **Revista de Arqueologia**, [S.L.], v. 37, n. 1, p. 227-258, 31 jan. 2024.

MALDONADO-TORRES, Nelson. On the colonality of being: Contributions to the development of a concept. **Cultural studies**, v.21, n. 2-3, p. 240-270, 2007.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. *Fundamentos da metodologia científica*. Editora Atlas S.A, **São Paulo**, 2003.

MATURANA, Humberto. **Emoções e Linguagens na educação e na política**. Tradução de José Fernando Campos Fortes. Belo Horizonte. Editora: UFMG, 2002.

MIGNOLO, Walter D. Spirit out of bounds returns to the East: The closing of the social sciences and the opening of independent thoughts. **Current Sociology**, v.62, n. 4, p. 584-602, 2014.

MILLER, Daniel. **Trecos, troços e coisas: estudos antropológicos sobre a cultura material**. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2013.

MORAES, Cândida Maria. Ecologia dos Saberes. In: ARNT, Rosamaria; SCHERRE, Paula (orgs.). **Dicionário: Rumo á civilização da religião e ao bem-viver**. 1 edição. Fortaleza. Editora: EDUECE – Universidade Estadual do Ceará, 2021.

MOREIRA, Juliana Maria Brandão. **Arqueologia da loucura: narrativas alternativas, cultura material e história do Hospital Colônia de Barbacena**. (doutorado). Universidade Federal de Minas Gerais, 2021.

MOTA, Matheus Miranda. Arqueologia de ofícios contemporâneos: meditações sobre tecnologias perecíveis hoje e no futuro. **Revista de Arqueologia**, v. 34, n.3, p. 337-353, 2021.

NEUMAAN, Mariana Araújo. Por uma Arqueologia Simétrica. **Cadernos do Lepparq** (UFPEL), v. 5, n. 9/10, p. 82-95, 2008.

NORA, Pierre *et al.*. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História**, v. 10, 1993.

OLIVEIRA, Ana Stela Negreiros. **O Povoamento Colonial do Sudeste do Piauí: Indígenas e colonizadores, conflitos e resistências**. Tese (pós-graduação em História) – Universidade Federal de Pernambuco, centro de filosofia e ciências humanas, programa de pós-graduação em história, 2007.

OLIVEIRA, Ana Stela Negreiros; BUCO, Cris; IGNÁCIO, Elaine. DOIS DOCUMENTOS, UMA REGIÃO, NOSSA HISTÓRIA. **História da Investigação em Arte Rupestre: origem e Debates**, [s. l], p. 1-4, 2010.

OLIVEIRA, Ana Stela. **Povos Indígenas do Sudeste do Piauí: conflitos e resistências nos séculos XVIII e XIX**, 2004.

OLIVEIRA, Itelmar de Negreiros. **As representações sociais nos discursos científicos sobre os registros rupestres do Parque Nacional Serra da Capivara/PI: análise do discurso crítica, feminismo decolonial e teoria queer**. 215 f. Dissertação (Mestrado) – Curso de Arqueologia, Universidade Federal do Vale do São Francisco, São Raimundo Nonato, 2022.

OLIVEIRA, Jaime de Santana. **A educação patrimonial como estratégia de arqueologia pública na área do parque nacional serra da capivara**. Trabalho de conclusão de curso. (graduação em arqueologia e preservação patrimonial) - Universidade Federal do Vale do São Francisco, 2014.

OLIVEIRA, Jaime de Santana; BORGES, Jóina Freitas. Sociedade, Arqueologia e Patrimônio: As relações de pertencimento da comunidade Zabelê com a área arqueológica do Parque Nacional Serra da Capivara (PNSC). **História Unicap**, v.2, n.3, p. 108-121, 2015.

OLIVEIRA, Jaime S. **Memória e Patrimônio Arqueológico: Vozes Sertanejas na área do Parque Nacional Serra da Capivara**. (Dissertação de mestrado) Programa de Pós-Graduação em Arqueologia. UFPI, Teresina, PI, Brasil, 2015.

OTAVIANO, Mariana Zanchetta. **Não tem certo, não tem errado: estratigrafia das vozes, significados e apropriações da cultura material na comunidade da Aldeia da Mina Grande-TI Kapinawá (PE)**. (Dissertação de Mestrado) Universidade Federal de Pernambuco, 2019.

PARENTE, Iva de Miranda. **Desapropriação e memória do povoado Zabelê: Município de São Raimundo Nonato-Piauí, 1989-2009**. (Licenciatura em História). Universidade Estadual do Piauí, 2009.

POMPA, M. Cristina. O Parque Nacional Serra da Capivara: Um drama social. [Mimeo]. São Raimundo Nonato- PI, 1987.

ROCHA, Josimar Custodio. **Breve história da arqueologia no sertão do Piauí (1970-1993)**, 83 f. Dissertação (mestrado). Universidade Estadual de Feira de Santana- Bahia, 2019.

ROCHA, Thaíse Sá Freire. **“Aquilo que é tirado da terra, às vezes pode matar”: as relações estabelecidas entre arqueologia e a comunidade de Carangola, Minas Gerais**. (Dissertação de Mestrado), Universidade Federal de Pelotas, 2017.

RODRIGUES, M.H da S.G. **Parque Nacional Serra da Capivara e comunidade: educação, preservação e fruição social, um estudo de caso em Coronel José Dias-PI**, 2011.

RUIBAL, Alfredo González. Arqueología del pasado contemporáneo: una mirada desde la Península Ibérica. **Vestígios-Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica**, v. 13, n. 2, p. 3-7, 2019.

RUIBAL, Alfredo González; VILA, Xurxo Ayán. **Arqueología: Uma introducción al estudio de la materialidad del pasado**. Alianza Editorial, 2018.

SALLES, S.G.; FEITOSA, S.F. Educação patrimonial, arqueologia e narrativas decoloniais. **Inventários-Revista de Educação**, v. 5, n. 8, p. 151-162, 2019.

SANTANA, Denilson de Castro Pereira. **Os “caboco brabo” e as inscrições rupestres: Investigações e memórias sobre os grafismos da área arqueológica da serra da capivara (1993-2023)**. 341 f. Monografia (Especialização) – Curso de História, Universidade Estadual do Piauí, São Raimundo Nonato, 2023.

SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. **O pesadelo da amnésia coletiva: história, memória e conflito**, 2002.

SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. **O pesadelo da amnésia coletiva: um estudo sobre os conceitos de memória, tradição e traços do passado**, 2002.

SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. **Políticas da memória na criação de museu brasileiros**, 2002.

SANTOS, Tatiana de Lima Pedrosa. **Memória e Identidade: o que vem primeiro, Annette Lamning Emperaire ou Missão Franco Brasileira?** Revista *Memorare*, v.2, n.2, p. 72-84, 2015.

SILVA, Amanda Paes Landim. **“Do riacho para o lado de lá é Queimadinha e para o lado de cá é Graça”: a formação de queimadinha véa, em São Raimundo Nonato, PI na perspectiva da Arqueologia do Presente**. 213 f. Dissertação (Mestrado)- Curso de Arqueologia, Universidade Federal do Vale do São Francisco, São Raimundo Nonato, 2023.

SILVA, Déborah Gonsalves. **ARRANJOS DE SOBREVIVÊNCIA: As relações familiares entre escravos no sertão do Piauí (São Raimundo Nonato, 1871-188)**. 112 f. Dissertação (mestrado) Universidade Federal do Maranhão, 2013.

SILVA, Fabíola Andréa. Etnoarqueologia: Uma perspectiva arqueológica para o estudo da cultura material. **Métis: história e cultura**. v. 8, n. 16, p.121-139, julho/dezembro, 2011.

SILVA, Fabíola Andréa. **Etnografando a arqueologia: dado etnográfico, prática etnográfica e conhecimento arqueológico**. Universidade de São Paulo. Museu de Arqueologia e Etnologia, 2023.

SILVA, Lucas Antônio da. **Pescadores da Barra do João Pedro, um estudo Etnoarqueológico**. 127 f. Dissertação (Mestrado)- Curso de História, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

SOUSA, Maria Sueli Rodrigues de. **O Povo do Zabelê e o Parque Nacional da Serra da Capivara no Estado do Piauí: tensões, desafios e riscos da gestão principiológica da complexidade constitucional**, 2010.

SOUSA, Maria Sueli Rodrigues de. **O povo do Zabelê e o Parque Nacional da Serra da Capivara (PI): conflito socioambiental entre populações tradicionais e gestão de UC de proteção integral**. 266 f. Tese (doutorado)- Faculdade de Direito, coordenação de Pós-Graduação em Direito, Universidade de Brasília, 2009.

SOUSA, MC. Uma **visão da abrangência da gestão patrimonial: patrimônio atualizando o debate**. In MORI, V. H, SOUSA. M.C de., BASTOS, R, L., e GOLLO. H (org.). 9º SR/IPHAN. São Paulo. Pp 141-154, 2006.

SOUSA, Sidimar Pereira de. **Arqueologia, Patrimônio e Memória da Comunidade Zabelê, Município de São Raimundo Nonato- PI**. 107 f. Dissertação (Mestrado)- Curso de Arqueologia, Universidade Federal do Vale do São Francisco, São Raimundo Nonato, 2024.

STAGNO, Maria Ana; TEJERIZO, Carlos García. Introduction: contemporary archaeology, politics of memory and local communities: a tricky mixture? **Archeologia Postmedievale**, [s./], v.27, p. 11-27, 2023.

THIENSE, Beatriz Valladão. Antes da poeira baixar: reflexões sobre uma Arqueologia do passado recente. **Revista Memorare**, v.1, n. 1, p. 222-226, 2013.

THOMAS, J. **Archaeology and modernity**, London, 2004.

TOJA, N.; REGINA PINHEIRO CHAGAS, C.; RANGEL, L. Ecce Femina pela cosmopolítica das linhas: tecendo bordados com mulheres e bruxas e grãos e animais nas redes educativas. **Retratos da Escola**, [S.I.], v.17, n.39, 2023.

TOLENTINO, Átila Bezerra. **Espaços que suscitam sonhos: narrativas de memória e identidades no Museu Comunitário Vivo Olho do Tempo**, 2017.

TRINDADE, Márcia da Silva. **O passado que insiste em persistir: uma análise das percepções da comunidade Novo Zabelê acerca do turismo de base comunitária -TBC**. Trabalho de conclusão de curso. (graduação em Antropologia. Universidade Federal do Vale do São Francisco, 2022.

VILANOVA, Jailva Ribeiro. **Os efeitos da reforma agrária no assentamento Novo Zabelê. (Licenciatura em Geografia)**. Universidade Estadual do Piauí, 2010.

WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel. O Campesinato Brasileiro: uma história de resistência. **Revista de Economia e Sociologia Rural**, Piracicaba -São Paulo, v. 52, n. 1, p. 25-44, fev. 2015.

WHICHERS, Camila Moraes de. **Museus e Antropofagia do Patrimônio Arqueológico: (DES) caminhos da prática brasileira**. 247 f. Tese (Doutorado)- Curso de Museologia, Universidade Lusófona de Humanidades e tecnologias- departamento de Museologia, Lisboa, 2010.

WOLFF, Luiza Spinelli Pinto. **Seres materiais entre sons e afetos: uma etnografia arqueológica dos objetos em terreiras de Pelotas (RS)**. (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal de Pelotas, 2016.

## ANEXOS I- TERMOS DE AUTORIZAÇÃO DAS ENTREVISTAS



**UNIVASF**  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO- UNIVASF

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUEOLOGIA

### Termo de autorização para uso de imagem e dados etnográficos

Por meio do presente documento eu

Sidimara Pereira de Sousa,

resido em São Raimundo Nonato,

reafirmo meu interesse em participar das atividades (entrevistas) realizadas pelo discente do programa de Pós-Graduação em arqueologia da UNIVASF

e concedo autorização para utilização dos dados, bem como uso de imagem para eventos relacionado às atividades acadêmicas e científicas.

São Raimundo Nonato-PI, 2023.

Sidimara Pereira de Sousa

Assinatura

CAMPUS SERRA DA CAPIVARA  
Programa de Pós-Graduação em Arqueologia  
Rua João Ferreira dos Santos, S/N, Bairro Campestre, São Raimundo Nonato-PI,  
CEP: 64770-000  
Site: <https://portais.univasf.edu.br/pparque>  
E-MAIL: [cpgarque@univasf.edu.br](mailto:cpgarque@univasf.edu.br)



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO**  
**UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO-UNIVASF**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUEOLOGIA**

**Termo de autorização para uso de imagem e dados etnográficos**

Por meio do presente documento eu

Isaias Gonçalves de Miranda,  
 resido em São Raimundo Nonato - PI,  
 reafirmo meu interesse em participar das atividades (entrevistas) realizadas pelo  
 discente do programa de Pós-Graduação em arqueologia da UNIVASF

Maria Alda da Silva Braga,  
 e concedo autorização para utilização dos dados, bem como uso de imagem  
 para eventos relacionado às atividades acadêmicas e científicas.

São Raimundo Nonato-PI, 2023.

Isaias Gonçalves de Miranda  
 Assinatura

CAMPUS SERRA DA CAPIVARA  
 Programa de Pós-Graduação em Arqueologia  
 Rua João Ferreira dos Santos, S/N, Bairro Campestre, São Raimundo Nonato-PI,  
 CEP: 64770-000  
 Site: <https://portais.univasf.edu.br/pparque>  
 E-MAIL: [cpgarque@univasf.edu.br](mailto:cpgarque@univasf.edu.br)



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO**  
**UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO-UNIVASF**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUEOLOGIA**

**Termo de autorização para uso de imagem e dados etnográficos**

Por meio do presente documento eu

Neusa Belisario de Sousa Dias,

resido em São Raimundo Nonato,

reafirmo meu interesse em participar das atividades (entrevistas) realizadas pelo discente do programa de Pós-Graduação em arqueologia da UNIVASF

Maria Alda da Silva Braga,

e concedo autorização para utilização dos dados, bem como uso de imagem para eventos relacionado às atividades acadêmicas e científicas.

São Raimundo Nonato-PI, 2023.

Neusa Belisario de Sousa Dias

Assinatura

CAMPUS SERRA DA CAPIVARA  
 Programa de Pós-Graduação em Arqueologia  
 Rua João Ferreira dos Santos, S/N, Bairro Campestre, São Raimundo Nonato-PI,  
 CEP: 64770-000  
 Site: <https://portais.univasf.edu.br/pparque>  
 E-MAIL: [cpgarque@univasf.edu.br](mailto:cpgarque@univasf.edu.br)



**UNIVASF**  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO- UNIVASF  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUEOLOGIA

### Termo de autorização para uso de imagem e dados etnográficos

Por meio do presente documento eu

Abidias de Macedo Dias,

resido em S. R. Nonato PI,

reafirmo meu interesse em participar das atividades (entrevistas) realizadas pelo discente do programa de Pós-Graduação em arqueologia da UNIVASF

Maria Alda da Silva Braga,

e concedo autorização para utilização dos dados, bem como uso de imagem para eventos relacionado às atividades acadêmicas e científicas.

São Raimundo Nonato-PI, 2023.

Abidias de Macedo Dias

Assinatura

CAMPUS SERRA DA CAPIVARA  
Programa de Pós-Graduação em Arqueologia  
Rua João Ferreira dos Santos, S/N, Bairro Campestre, São Raimundo Nonato-PI,  
CEP: 64770-000  
Site: <https://portais.univasf.edu.br/pparque>  
E-MAIL: [cpgarque@univasf.edu.br](mailto:cpgarque@univasf.edu.br)



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO**  
**UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO- UNIVASF**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUEOLOGIA**

**Termo de autorização para uso de imagem e dados etnográficos**

Por meio do presente documento eu

Paulo Dias de Sousa,

resido em Nova Zelandia,

reafirmo meu interesse em participar das atividades (entrevistas) realizadas pelo discente do programa de Pós-Graduação em arqueologia da UNIVASF

Maria Abda da Silva Braga,

e concedo autorização para utilização dos dados, bem como uso de imagem para eventos relacionado às atividades acadêmicas e científicas.

São Raimundo Nonato-PI, 2023.

Paulo Dias de Sousa

Assinatura

CAMPUS SERRA DA CAPIVARA  
 Programa de Pós-Graduação em Arqueologia  
 Rua João Ferreira dos Santos, S/N, Bairro Campestre, São Raimundo Nonato-PI,  
 CEP: 64770-000  
 Site: <https://portais.univasf.edu.br/pparque>  
 E-MAIL: [cpgarque@univasf.edu.br](mailto:cpgarque@univasf.edu.br)



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO**  
**UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO-UNIVASF**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUEOLOGIA**

**Termo de autorização para uso de imagem e dados etnográficos**

Por meio do presente documento eu

Padre José Hercílio de Negreiros,

resido em Bairro Aldeia - Pq. Padre Francisco Ferreira - 1415

reafirmo meu interesse em participar das atividades (entrevistas) realizadas pelo discente do programa de Pós-Graduação em arqueologia da UNIVASF

Maria Alda da Silva Braga,

e concedo autorização para utilização dos dados, bem como uso de imagem para eventos relacionado às atividades acadêmicas e científicas.

São Raimundo Nonato-PI, 2023.

P. Negreiros  
 Assinatura

CAMPUS SERRA DA CAPIVARA  
 Programa de Pós-Graduação em Arqueologia  
 Rua João Ferreira dos Santos, S/N, Bairro Campestre, São Raimundo Nonato-PI,  
 CEP: 64770-000  
 Site: <https://portais.univasf.edu.br/pparque>  
 E-MAIL: [cpgarque@univasf.edu.br](mailto:cpgarque@univasf.edu.br)



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO**  
**UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO- UNIVASF**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUEOLOGIA**

**Termo de autorização para uso de imagem e dados etnográficos**

Por meio do presente documento eu

Sônia do Rosário Lima da Silva

resido em \_\_\_\_\_

reafirmo meu interesse em participar das atividades (entrevistas) realizadas pelo discente do programa de Pós-Graduação em arqueologia da UNIVASF

Novo Zeland / Maria Alda da Silva Braga

e concedo autorização para utilização dos dados, bem como uso de imagem para eventos relacionado às atividades acadêmicas e científicas.

São Raimundo Nonato-PI, 2023.

Sônia do Rosário Lima da Silva  
 Assinatura

CAMPUS SERRA DA CAPIVARA  
 Programa de Pós-Graduação em Arqueologia  
 Rua João Ferreira dos Santos, S/N, Bairro Campestre, São Raimundo Nonato-PI,  
 CEP: 64770-000  
 Site: <https://portais.univasf.edu.br/pparque>  
 E-MAIL: [cpgarque@univasf.edu.br](mailto:cpgarque@univasf.edu.br)